Leo J. Trese

# A sabedoria do cristão

LEO J. TRESE

# A SABEDORIA DO CRISTÃO

QUADRANTE
São Paulo
1992

Título original
*WISDOM SHALL ENTER*
Copyright © 1992 by Nazareth College, Indiana, USA

Tradução de
Roberto Vidal da Silva Martins

Revisão
Henrique Elfes

Capa
José C. Prado

Ilustração da capa
*O Pentecostes*, de El Greco (1541-1614).
Museu do Prado, Madrid.

Leo J. Trese nasceu em Port Huron, Michigan, em 1902. Depois de ter cursado o seminário de Mt. St. Mary em Norwood, Ohio, foi ordenado sacerdote em 1927, e no ano seguinte graduou-se como *Master of Arts* pela Universidade de Detroit. Foi pároco em Detroit até 1950, tornando-se depois capelão de uma escola de religiosas. Doutorou-se em Psicologia Infantil em 1957. De estilo fluido e agradável, foi por muitos anos editor de uma revista e correspondente de inúmeras outras, além de autor de vários livros de doutrina e espiritualidade. Faleceu em 1970. Desde que foram escritas, as suas obras maiores vêm-se divulgando cada vez mais em todo o mundo; em português encontram-se publicados *A fé explicada* (5ª ed.), *Não vos preocupeis* (3ª ed.), *A caminho do céu* e *Vaso de argila.*

Distribuidor exclusivo em Portugal: Rei dos Livros,
Rua dos Fanqueiros, 77-79, 1100, Lisboa, Portugal

Todos os direitos reservados a QUADRANTE,
Sociedade de Publicações Culturais,
Rua Iperoig, 604 - Tel. 263-0750
CEP 05016-000 - São Paulo - SP

MEU FILHO, SE ACOLHERES AS MINHAS PALAVRAS
E GUARDARES COM CARINHO OS MEUS PRECEITOS,
OUVINDO COM ATENÇÃO A SABEDORIA
E INCLINANDO O CORAÇÃO PARA O ENTENDIMENTO;
SE APELARES PARA A COMPREENSÃO,
SE INVOCARES A INTELIGÊNCIA,
BUSCANDO-A COMO SE BUSCA A PRATA,
SE A PESQUISARES COMO UM TESOURO;
ENTÃO COMPREENDERÁS O TEMOR DO SENHOR,
E DESCOBRIRÁS O CONHECIMENTO DE DEUS,
PORQUE O SENHOR É QUEM DÁ A SABEDORIA,
E DA SUA BOCA PROCEDEM A CIÊNCIA E A PRUDÊNCIA.
ELE RESERVA PARA OS RETOS A SALVAÇÃO
E É UM ESCUDO PARA OS QUE CAMINHAM COM
INTEGRIDADE;
PROTEGE AS SENDAS DA RETIDÃO
E GUARDA O CAMINHO DOS SEUS FIÉIS.
ENTÃO COMPREENDERÁS A JUSTIÇA E A EQÜIDADE,
A RETIDÃO E TODOS OS CAMINHOS QUE CONDUZEM
AO BEM.
QUANDO A SABEDORIA PENETRAR NO TEU CORAÇÃO,
E O SABER DELEITAR A TUA ALMA,
A REFLEXÃO VELARÁ SOBRE TI,
E A PRUDÊNCIA TE GUARDARÁ,
PARA PRESERVAR-TE DO MAU CAMINHO,
DO HOMEM DE CONVERSAS TORTUOSAS.

(Prov 2, 1-12)

# INTRODUÇÃO

## O CRISTÃO E O DESCRENTE

Para os que não crêem em Deus, a vida deve ser uma experiência insuportável. Suponho que nós, os que bebemos a nossa fé juntamente com o leite das nossas mães, jamais conseguiremos compreender a fundo o que se passa na mente de um ateu.

Procurei às vezes imaginar o que seria não acreditar em Deus. Vi-me contemplando o rosto de uma pessoa falecida a quem tivesse amado profundamente, e dizendo de mim para mim: "Bem, agora você não passa de um montão de carne e ossos. Tudo acabou PT Saudações". Também procurei imaginar o que seria ver-me pouco a pouco reduzido a escombros pelas dores insuportáveis de um câncer, mergulhado em dias e noites sem fim repletos de sofrimentos intoleráveis, sofrimentos desprovidos de qualquer sentido ou valor, simples brincadeira de mau gosto perpetrada por uma natureza cega e cruel. Tentei adivinhar o que significaria não haver Lei Divina para indicar-me os caminhos seguros pelos quais a minha vontade poderia transitar livremente; o que significaria ter a liberdade de "fazer tudo o que bem entendesse", sem nenhum limite a não ser a preocupação de permanecer do lado de fora da penitenciária. Ten-

tei imaginar os esforços febricitantes que faria para arrancar à vida todas as satisfações que ela pudesse dar-me, a fim de agradar ao meu ego e à minha carne; as noites insones que passaria a suar, pensando em que o nada eterno poderia abater-se sobre mim antes de eu ter desfrutado até o fim de todos os prazeres da vida...

É evidente que um ateu não pensa nesses termos. Se chegasse a raciocinar de maneira tão conseqüente, em pouco tempo deixaria de ser ateu... Assim, quando a morte lhe arranca algum dos seus seres queridos, transfere para o agente funerário a tarefa de levar o corpo ao crematório e de espalhar as cinzas nalgum canteiro onde possam fertilizar as flores; ou então coloca-as, guardadas numa urna, sobre um aparador, como às vezes se guardam as pétalas desfolhadas de uma rosa. E quando se apresenta a doença, aceita-a rangendo os dentes, porque, lamentavelmente, faz parte das "regras do jogo"; aliás, se a situação for desesperadora, sempre pode recorrer a um atalho: uma pequena dose de algum veneno fulminante, ou mesmo um revólver ou uma corda, poderão constituir a solução definitiva. Quanto à "lei moral objetiva", só os "fracos" precisam dessa muleta; para ele, a simples "decência" é o que basta para manter um homem livre de remorsos, principalmente se estiver reforçada pelo "amor à humanidade". Amor pela "humanidade" em abstrato, é claro; não por esses idiotas ignorantes da favela próxima, que não são capazes sequer de lavar as mãos!

Na verdade, parece-me que nunca encontrei nenhum ateu autêntico; encontrei pessoas que diziam não acreditar em Deus ou no outro mundo. Via de regra, porém, essas pessoas afirmavam a sua descren-

ça de maneira tão agressiva, e pareciam tão ansiosas por argumentar acerca dela, que se tinha a impressão de estarem continuamente lutando com a sua própria consciência. Uma pessoa na qual a fé religiosa estivesse completa e autenticamente morta não daria um tostão furado pelo que os outros cressem ou deixassem de crer. Sempre penso que ainda há esperança para esses pretensos ateus que procuram a todo o custo converter os outros à sua falta de fé; isto significa que se encontram divididos por dentro, pois onde há fumaça, há fogo; e mesmo que haja apenas um pouco de fumaça, quem sabe se algum dia esse braseiro quase extinto não receberá o sopro que faça brotarem novamente as chamas da fé?

Isto não significa que valha a pena discutir com um ateu. Se este fosse capaz de argumentar logicamente, não teria outro remédio senão admitir a validade das provas da existência de Deus. E essas provas existem — provas sólidas e convincentes para qualquer pessoa disposta a admitir as leis da evidência e a confiar na sua própria capacidade de raciocínio. Infelizmente, porém, "não há pior cego do que aquele que não quer ver". Com toda a certeza, o ateu interromperá a nossa paciente explicação com um gesto de desprezo e um sorriso condescendente, enquanto fala da nossa "credulidade" e da nossa espantosa capacidade de auto-ilusão. "Que é a verdade?", perguntará com ar de superioridade (como Pilatos...), e a seguir: "Para começar, como é que você sabe que tem uma inteligência capaz de captar a realidade?"

A seguir, tentará esmagar-nos com uma rápida seqüência de golpes baixos, dirigidos contra pretensas dificuldades bíblicas — "Como poderia uma baleia ter engolido Jonas? Todo o mundo sabe que a garganta

de uma baleia é estreita demais para deixar passar um homem" — ou contra dogmas mal interpretados — "Como pode haver fogo no inferno? Afinal de contas, o fogo não é capaz de queimar um espírito" —, ou qualquer coisa desse estilo. Argumentará contra tudo e contra todos, exceto contra a única questão realmente pertinente: *Existe ou não um Deus diante do qual somos responsáveis?* Ah, e o argumento que considera definitivo, com o qual pretende fazer-nos bater precipitadamente em retirada, não poderia ser senão este: "Mas, meu caro, você é tão *medieval*! Parece ter nascido na Idade das Trevas!"...

Não, é inútil discutir com um ateu. Muitos fariseus viram com os seus próprios olhos Cristo realizar milagres impressionantes, que demonstravam a sua divindade para além de qualquer dúvida, e no entanto afastaram-se dizendo: *Ele tem demônio* (cf. Lc 11, 14-20). Por isso, se um ateu se empenha em "picar-nos" e em provocar-nos para um debate, a melhor resposta que poderemos dar-lhe será dizer: "Meu amigo, não discutirei com você, mas, isso sim, rezarei pela sua conversão". Afinal de contas, já está passando maus bocados com o esforço que tem de fazer para estrangular a sua consciência, para justificar a sua conduta diante de si próprio, a fim de que a sua vaidade tenha campo livre para INCHAR, INCHAR e INCHAR.

"Pois fique então com as suas rezas", responder-nos-á abespinhado o nosso interlocutor, "e acenda essas suas velas idiotas a quem quiser, já que você continua querendo fazer o papel de tolo!"; e assim só conseguirá demonstrar até que ponto ficou irritado por não lhe termos dado oportunidade de mostrar a sua esperteza. Mas se nós efetivamente rezarmos por

ele, e fizermos penitência por ele, e lhe dermos provas de uma caridade semelhante à de Cristo, não tardará a chegar o dia em que o amor realizará aquilo que a discussão jamais teria podido conseguir.

## AS RAZÕES DA NOSSA ESPERANÇA

O Cardeal Newman, no seu sermão sobre *A verdade do Evangelho*, afirma que "não nos deve estranhar sermos atacados e desprezados por aqueles que têm mais facilidade em atacar as crenças alheias do que em definir as próprias. Uma cultura a meias é muito perigosa. Quando as pessoas pensam saber mais do que os outros, dedicam-se muitas vezes a falar por falar, a fim de darem provas da sua capacidade intelectual (segundo pensam), da sua esperteza ou da sua profundidade; e falam tolamente de Deus Todo-Poderoso, somente para satisfazerem a sua vazia presunção e vaidade. Na maioria das vezes, de nada serve discutir com essas pessoas, já que, não tendo sido educadas para obedecer à sua consciência, refrear as suas paixões e examinar os seus corações, não aceitarão nada do que lhes digamos; duvidarão de tudo e opor-se-ão a tudo; não partem das mesmas bases que nós e, quando falam de religião, são como cegos que falassem de cores".

Todos reconhecemos imediatamente a sabedoria destas palavras do grande Cardeal inglês; mesmo assim, estaríamos cometendo um grave erro se fizéssemos da obstinação dos incrédulos uma desculpa para a nossa ignorância. Mesmo que os outros não estejam dispostos a dar ouvidos às nossas respostas, é importante que nós, pelo menos, as conheçamos. Nem

todos os ateus são vítimas do seu orgulho ou malícia; encontraremos alguns que buscam sinceramente a verdade, tateiam no escuro em busca de luz, com as suas inteligências honestamente dispostas a crer. É para o bem dessas pessoas que, como diz São Pedro, devemos estar *sempre preparados para dar as razões da nossa esperança a todo aquele que as pedir* (1 Pe 3, 15).

Além disso, devemos convencer-nos de que não é necessário ser nenhum gigante intelectual para compreender e levar os outros a compreenderem como são razoáveis as verdades da nossa fé. Deus não criou o gênero humano com a intenção de só permitir a uns poucos gênios alcançarem o Céu; antes tornou as provas da sua existência e o conhecimento da sua verdade acessíveis a qualquer pessoa de inteligência normal e boa vontade. Com efeito, no que diz respeito à religião, é muito mais importante dispor de um sólido senso comum do que de um título universitário. Todos sabemos que há um sem-número de "tolos instruídos" neste mundo, gente que aprendeu uma infinidade de coisas nos seus livros e nos seus laboratórios, e no entanto é incapaz de conduzir um raciocínio linear até a sua conclusão lógica. A educação é uma bela flor quando se encontra enxertada numa mente dotada de bom critério, capaz de discernir com prudência; mas se estiver enxertada numa inteligência superficial, egoísta ou torcida, essa rosa não passará de assa-fétida...

Há pessoas que afirmam ter perdido a fé durante os estudos universitários; receio, porém, que, na verdade, simplesmente se tenham esquecido desse fato elementar... Na juventude, ensinaram-lhes que deviam ter reverência pela idade e pela experiência dos mais

velhos, e muitas vezes incutiram-lhes falsas noções sobre a importância da "Educação Superior" (com maiúsculas), esse tipo especial de educação que parece estar associada a uma cátedra universitária ou à autoria de grossos manuais universitários. Por isso, a tendência natural do jovem para escolher e venerar os seus heróis leva-o muitas vezes a centrar-se em algum professor bem-falante, muito mais dogmático no seu ateísmo do que o Papa jamais o foi em matéria de fé. Nestes casos, o sorriso de comiseração diante dos "absurdos a que conduz a religião", ou uma referência tangencial à "infantilidade dos dogmas teológicos", bastam muitas vezes para levar o pobre calouro a pensar que os seus religiosos pais, o sacerdote da sua paróquia ou as freirinhas que lhe ensinaram as primeiras letras estão mais do que ultrapassados pela ciência moderna...

Tenho na minha mesa um livro-texto escrito pelo professor titular de uma importante Universidade pública. Pretende ser uma *História da Civilização Ocidental*, e constitui leitura obrigatória em muitos cursos superiores de História de todo o país. Pois bem, no capítulo sobre as "Origens da religião", o autor começa por dizer: "Os historiadores e antropólogos atuais são unânimes em afirmar que a religião surgiu porque o homem primitivo era incapaz de dar uma explicação naturalista dos fatos da vida e da natureza, tal como podia observá-los. [...] O homem moderno, equipado com os recursos que a ciência moderna lhe oferece, da astronomia à psiquiatria e sociologia, encontra-se capacitado para dar uma explicação naturalista plenamente convincente de quase todos os fatos que o homem primitivo observava e experimentava sem lhes encontrar explicação". Se-

guem-se várias páginas repletas de uma verborréia pseudo-científica, destinada única e exclusivamente a demonstrar que a religião não passa de uma relíquia ultrapassada, própria do homem pré-histórico.

Só consigo sentir pena do confuso e frustrado estudante que tente ser aprovado na matéria lecionada por esse professor e ao mesmo tempo permanecer fiel às suas convicções. Por outro lado, diverte-me especialmente o fato de o mencionado professor utilizar a palavra *unânime*, como se não houvesse historiadores católicos, como se homens do porte de um Carlton Hayes, um Parker Moon e uma legião de outras autoridades em História da Religião internacionalmente reconhecidas — muitos dos quais acabaram por converter-se ao catolicismo graças aos seus estudos — pudessem ser varridos do mapa com um simples aceno de mão.

Pior ainda do que essa ignorância voluntária, porém, é o preconceito tranqüilamente defendido de que não há provas da existência de Deus. Ora, é evidente que essas provas existem — provas sólidas, racionais e convincentes; provas não somente da existência de Deus, mas também da origem divina da Igreja Católica. Não se trata de provas *esmagadoras*, irresistíveis. Se o fossem, se a existência de Deus, a divindade de Cristo ou a origem divina da Igreja fossem verdades evidentes (tal como é evidente a existência do sol quando se está exposto à luz do meio-dia), não haveria nenhum mérito em crer. Ora, Deus não deseja forçar-nos a crer; não nos obriga a aceitá-lo. Mas, pelo menos *por amor à verdade*, convém que conheçamos essas provas e nos familiarizemos com essas evidências, pois a nossa fé pode ser — e efetivamente é — fortalecida pela luz da razão.

# DEUS EXISTE?

## DO NADA, NADA SE CRIA

Se formos acordados no meio da noite pelo ruído de um abajur derrubado no andar de baixo, qual será o primeiro pensamento que nos virá à cabeça? "Há um ladrão na casa!", imaginaremos com um sobressalto. A seguir, enquanto prendemos a respiração e aguçamos os ouvidos para descobrir se os ruídos se repetem, a nossa mente buscará ansiosamente alguma outra explicação: Será que deixamos a janela aberta, e o vento derrubou a lâmpada? Ou terá sido apenas o gato, nas suas andanças noturnas? Ou então uma das crianças que se levantou no meio da noite para ir buscar alguma coisa na cozinha?

Seja como for, por que sentimos essa *necessidade* de encontrar uma explicação para o abajur derrubado? Por que não nos limitamos a dizer: "Nada derrubou o abajur. Simplesmente aconteceu; isso é tudo", e nos viramos para o lado e voltamos a dormir? Ora bem, a razão pela qual buscamos a todo o custo uma explicação para o barulho é que somos pessoas inteligentes, temos uma cabeça que raciocina e sabemos muito bem que nada acontece sem uma *causa*. Isto é tão óbvio que não parece sequer valer a pena mencioná-lo. "O que quer que aconteça tem de ter sido

causado por alguma outra coisa"; ou, para dizer o mesmo de uma maneira um pouco mais técnica, "todo o efeito tem de ter uma causa proporcionada".

Ora, isto é tão evidente como o nariz no meio do nosso rosto. No entanto, existem pretensos filósofos que procuram negá-lo. "Não podemos afirmar que seja assim em todos os casos", dizem, "porque não conhecemos todas as coisas. A nossa experiência diz-nos que todo o efeito tem uma causa, mas isso não quer dizer nada, muito menos que essa regra não admita exceções. Pode ser que em 999 trilhões, 999 bilhões, 999 milhões, 999 mil e 999 casos, tudo aquilo que acontece seja causado por alguma coisa que aconteceu antes; mas, da quadrilionésima vez, pode ser que algo aconteça sem ter sido causado por alguém ou por alguma coisa anterior. Simplesmente, não dispomos ainda de dados suficientes para comprová-lo".

Parece ridículo, não é verdade? No entanto, o ateu, para poder defender a coerência da sua posição, tem de negar a evidência dos seus próprios sentidos; tem de negar o que se costuma chamar o *princípio da causalidade*, isto é, que todo o efeito tem uma causa. E tem de negá-lo porque nesse princípio se baseia um dos principais argumentos para provar a existência de Deus. Há diversas maneiras de formulá-lo, mas basta-nos apenas uma, que desenvolveremos a seguir.

Do nada, nada se cria. Se não tivermos alguma coisa para começar, não chegaremos a produzir nada. Sem farinha, ovos e açúcar, não há bolo. Sem bolota, não há carvalho. Sem pais, não há filhos. Portanto, se não existisse um Ser Eterno (isto é, que nunca *começou* a existir, porque a existência pertence à sua própria natureza) e Todo-Poderoso (isto é, capaz de produzir algo a partir do nada), simplesmente

não existiria mundo algum, não existiriam nem árvores nem animais, não existiríamos nem você nem eu. Porque, se não existisse esse Ser Eterno e Onipotente, quem teria feito com que todas as coisas existissem? O carvalho procede de uma bolota, e essa bolota procedeu de outro carvalho; mas quem fez a *primeira* semente ou o *primeiro* carvalho? A criança nasce de uns pais, que por sua vez nasceram dos seus próprios pais; mas quem fez o *primeiro* homem e a *primeira* mulher? E se o evolucionista nos objetar que tudo começou com uma massa informe de átomos, poderemos perguntar-lhe por nossa vez: "Está bem; mas quem fez essa *primeira* massa informe de átomos?" Não, é necessário que tudo tenha começado a partir de Alguém que, desde toda a eternidade, tenha existido independentemente de qualquer outra coisa. E esse Alguém é precisamente Aquele a quem chamamos *Deus*.

Além de ser Eterno e Todo-Poderoso, Deus também é Onisciente. Podemos sabê-lo por causa das inumeráveis provas da sua Inteligência que observamos no mundo que nos cerca. Sempre que observamos que alguma coisa foi planejada, temos a certeza de que houve alguém que a planejou; e planejamento sempre significa inteligência.

Quando Robinson Crusoé descobriu pegadas na areia da praia, compreendeu que não estava só na sua ilha. Da mesma forma, quando nós descobrimos que algo foi planejado, compreendemos que só pode haver um ser inteligente por trás disso. Se um amigo nos mostrasse a sua televisão nova em folha, e, quando lhe perguntássemos onde a havia comprado, nos respondesse: "Não a comprei; apenas desci à garagem, peguei numa lata de lixo com restos de madei-

ra e peças metálicas usadas, sacudi-a bem e, quando a virei, tudo aquilo, ao cair, tomou a forma de uma televisão...", de duas, uma: ou pensaríamos que estava a brincar conosco, ou procuraríamos despedir-nos dele rapidamente, antes que a sua loucura mansa se transformasse em loucura violenta... Sabemos muito bem que um aparelho tão complicado como uma televisão não "acontece" sem mais nem menos.

Da mesma forma, não é razoável supor que um mecanismo tão maravilhoso como o olho humano simplesmente "tenha acontecido" — o olho, esse arranjo delicado e intrincado de nervos e músculos, lente e retina, essa câmera fotográfica em miniatura, tão perfeita que a ciência moderna não consegue reproduzi-la. Também não faz sentido achar que a misteriosa interação entre a semente e o solo se limite a "acontecer" — que esse minúsculo grão pardo enterrado no chão passe a transformar os minerais do solo e o gás carbônico do ar em amido e proteínas que servem ao consumo humano. E o mesmo se dá com todos os outros milhões de milagres da Criação, a não ser que pretendamos renunciar para sempre a todas as regras da evidência.

## RAZÃO, ORDEM E EVOLUÇÃO

Deus existe. Se não existisse, não haveria universo, não existiríamos nem você nem eu. Porque do nada, nada se cria. Se não existisse um Ser, eterno e não-causado, que tivesse dado início a tudo, nada jamais teria acontecido.

Deus existe. Se não existisse, não poderíamos explicar nem sequer algo tão simples como o movimen-

to. Nada se move se não for movido por outro. Quer se trate de um cortador de grama, que precisa do impulso dos meus braços; quer se trate dos meus braços, que precisam da ordem do meu cérebro para mover-se; quer se trate das minhas células cerebrais, que respondem a estímulos dados pelos sentidos...; ou ainda dos planetas a descreverem as suas órbitas, ou das estrelas em movimento a altíssimas velocidades pelo espaço: nada do que existe poderia mover-se se não existisse um Ser que, sem ter sido movido por ninguém, tenha dado (por assim dizer) o "pontapé inicial". Se esse Ser não existisse, não poderia sequer haver algo tão simples como o movimento.

Deus existe. Se não existisse, jamais poderíamos explicar o maravilhoso "projeto estrutural", a ordem que existe no Universo. O instinto da abelha, a delicadeza da rosa, a intrincada coordenação dos órgãos num organismo vivo: tudo isso seria inexplicável se não admitíssemos a existência de um Ser infinitamente sábio que o planejou — porque um plano sempre pressupõe um planejador.

Quando o ateu, procurando escapar à evidência que o cerca por todos os lados, afirma que tudo, desde as asas da borboleta até a sucessão das estações, é fruto do acaso, tem de renunciar simultaneamente ao uso da razão para fazê-lo. Se puséssemos dez bolas de loteria numeradas de 1 a 10 naquela espécie de gaiola rotativa que usam, as fizéssemos girar e depois as tirássemos uma a uma, sem olhar, a probabilidade de que saíssem na ordem certa — 1, 2, 3, até 10 — seria de uma em dez milhões. Pelo menos, é o que dizem os matemáticos, não eu. Ora bem, se partíssemos do princípio de que todo esse sistema tremendamente intrincado de células, glândulas e ór-

gãos que constitui um ser vivo é fruto do acaso, nem mesmo o mais sofisticado computador da última geração seria capaz de calcular as probabilidades de estar *errada* essa suposição...

Está certo, mas... como fica a evolução? Que dizer de toda essa impressionante teoria segundo a qual o Universo teria milhões e milhões de anos de idade, e teria começado por ser uma enorme massa de gás incandescente (ou um minúsculo ponto de energia pura a temperaturas inimagináveis)? A terra não passaria de um ínfimo fragmento dessa enorme massa, que teria ido esfriando ao longo de eras inteiras até se transformar em rocha sólida; na superfície desse planeta, umas reações químicas teriam dado origem à água e à terra firme, e depois a moléculas orgânicas; na água, essas moléculas orgânicas ter-se-iam combinado, dando origem a uma forma de vida ainda muito simples, uma célula microscópica; dessa forma de vida primitiva, teriam derivado gradativamente todos os seres vivos, passando pelos invertebrados, pelos peixes, répteis, aves e mamíferos, até que a certa altura uma espécie de antropóide, hoje extinta, se teria transformado numa criatura pensante chamada *Homo sapiens* ou "ser humano"... Que dizer de tudo isso?

Para já, comecemos por esclarecer o seguinte: boa parte da teoria da evolução continua ainda hoje a ser simplesmente uma *teoria*, pois ainda não dispõe de evidências científicas suficientes; e boa parte parece merecer já a categoria de fato comprovado, estabelecido e aceito por inúmeros cientistas de boa reputação, muitos dos quais católicos. Afinal de contas, não há oposição alguma entre ser um bom católico e aceitar a teoria da evolução, desde que esta permaneça

restrita aos limites da ciência, sem transbordar para o campo próprio da teologia. Deus é a fonte de toda a verdade, e portanto não pode haver contradição entre a verdade religiosa, retamente compreendida, e uma verdade científica solidamente estabelecida.

Mas um autêntico cientista não tenta responder à pergunta: "*Por que* existiu a nuvem de gás primordial, a massa incandescente de átomos ou a energia inicial?" Poderá tentar explicar *como* era esse estado inicial, *como* surgiu a primeira célula viva, mas não pertence ao seu campo de atuação explicar o imenso abismo que separa a existência da não-existência, o animal do ser humano racional. A resposta para esse tipo de perguntas é da competência do filósofo e do teólogo. Quando um cientista procura dar explicações para esses fatos lançando mão de termos como "acaso", "fortuita justaposição de átomos exatamente no momento apropriado e nas condições ideais", está ultrapassando os limites da ciência para dedicar-se à filosofia ou à teologia. E muitas vezes não só sai do campo da ciência, mas até do campo da razão...

Quanto a Deus, não há nenhuma razão para que não pudesse ter criado o Universo por meio de um processo evolutivo, se assim lhe pareceu melhor. Isso só nos permitiria admirar ainda mais a sua infinita grandeza. Se começou por criar uma massa informe de matéria, e imprimiu nessa matéria as leis ou potencialidades naturais (como se plantasse nessa massa as sementes das criaturas futuras) que a levariam a desenvolver-se, ao longo de bilhões de anos, de acordo com o seu plano criador, presente desde o início na sua mente divina — não seria por isso menos Criador; sê-lo-ia muito mais.

# QUE É O HOMEM?

## CRIAÇÃO OU EVOLUÇÃO?

Imaginemos dois homens, cada um dos quais pretende fazer um relógio. Um deles extrai da rocha uma certa quantidade de minério de ferro, purifica-o laboriosamente no crisol e transforma-o em aço; forja, molda e desbasta as peças, até obter toda uma série de minúsculas molas, engrenagens e eixos; e por fim monta essas peças todas, até obter um relógio que marca corretamente as horas. Com toda a certeza, diríamos que esse homem é um mecânico excepcionalmente capacitado, um relojoeiro incomparável.

O outro, porém, limita-se a colocar o minério de ferro sobre a palma da mão e a dizer: "Quero que isto se converta num relógio". E imediatamente a ganga começa a separar-se do ferro, este se tempera a si próprio até converter-se em aço, o aço divide-se em molas, engrenagens e eixos, e essas partes todas juntam-se umas às outras até formarem um relógio — e tudo isso, por um simples ato da vontade do "relojoeiro". A nossa admiração, diante de tal processo, certamente seria muito maior do que a que sentimos pelo primeiro.

Da mesma forma, se Deus tivesse criado o Univer-

so parte por parte, formando separadamente cada estrela e cada planeta, cada espécie de planta e de animal, sentir-nos-íamos muito razoavelmente tentados a exclamar: "Glória a Deus nas alturas!" Mas se, ao invés de formar cada componente do universo por um ato criador distinto, tivesse começado por criar uma massa de matéria informe e, mediante um ato da sua divina vontade, lhe tivesse ordenado que se convertesse pouco a pouco no tipo de Universo — com os reinos mineral, vegetal, animal e humano — projetado por Ele na sua Mente divina..., com certeza não é preciso ser teólogo para decidir qual dos dois tipos de Criação refletiria de maneira mais maravilhosa o poder criador de Deus.

Não, não há nada de oposto à fé cristã numa teoria da evolução científica, baseada em fatos sólidos e desprovida do viés anti-religioso. Quer Deus tenha formado o Universo mediante um ato criador direto, quer mediante um processo evolutivo, continua a ser o seu Criador. Não há inconveniente em supor que os corpos do primeiro homem e da primeira mulher tenham procedido de antropóides evoluídos, se a Deus lhe aprouve fazê-lo assim. Continuaria a ser verdade que os nossos corpos foram formados *do barro da terra* (Gên 2, 7).

Portanto, nenhuma das descobertas da antropologia ou da paleontologia põe em perigo a nossa fé, pela simples razão de que essas ciências não são capazes de explicar o abismo que separa o instinto animal da razão humana. A capacidade de *pensar* e de *querer* livremente exige a existência de uma alma espiritual, de uma alma que, pela sua própria natureza, não pode resultar de nenhum processo evolutivo, mas só pode provir diretamente do poder criador de Deus.

O que nós, como cristãos, temos de sustentar é o que a Sagrada Escritura nos ensina com toda a clareza no livro do Gênesis, valendo-se de uma linguagem que em parte é didática e em parte poética. E a substância desses ensinamentos é esta: em primeiro lugar, que Deus é o Criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis; o *modo* pelo qual as criou não vem ao caso. Em segundo lugar, que todo o gênero humano descende de um único casal original, de um homem e de uma mulher. Em terceiro lugar, que a alma de *cada* ser humano — não somente as de Adão e Eva — é criada direta e imediatamente por Deus; pois a alma, sendo de natureza espiritual, não pode provir da matéria por evolução, e da mesma forma não pode ser transmitida geneticamente pelos pais.

Estes são os pontos em que devemos crer. A pesquisa científica sobre a origem do Universo prossegue e prosseguirá. Nesse trabalho, os cientistas católicos são e continuarão a ser tão objetivos e tão ávidos de novas descobertas como quaisquer outros. E levarão avante as suas pesquisas sem o menor temor de que a sua fé possa perigar, porque sabem perfeitamente que a verdade é *uma* só; toda a verdade vem de Deus, e Deus não se contradiz.

## ANIMAL... RACIONAL

Muito bem, mas... afinal de contas, o que é que nos torna diferentes dos animais? Para começar, é preciso reconhecer que nós *somos* animais. Em filosofia, o homem define-se precisamente como *animal racional*. É esta última palavra, *racional*, que exprime aquilo que nos torna tão diferentes dos outros animais.

Há três tipos de seres vivos: plantas, animais e homens. Classicamente, fala-se por isso de três tipos de "almas", tomando-se esta palavra no sentido de *princípio vital*. A "alma" vegetativa é o princípio interno à planta que a faz viver, crescer e reproduzir-se; está intimamente unida à matéria e não possui existência independente; por isso, deixa de existir a partir do momento em que a planta morre.

Nos animais, temos a "alma sensitiva", que é o princípio que lhes permite não somente viver, crescer e reproduzir-se, mas também ver, ouvir e cheirar, sentir dor e experimentar prazer, e deslocar-se de um lugar para outro. Apesar de este princípio vital ser superior ao das plantas, continua a ser inteiramente dependente da matéria, a não ter uma existência autônoma, e por isso também deixa de existir quando o animal morre *.

Finalmente, temos a alma propriamente dita, a alma *espiritual*, também chamada às vezes alma *racional* ou intelectual, que pressupõe e assume as outras duas. Através dela, o homem não se limita a viver, crescer e reproduzir-se, como faz a planta; nem se limita a ver, ouvir, cheirar, sentir dor ou prazer e mover-se, como faz o animal. Graças a ela, o homem atinge um novo nível de existência a que uma alma

---

(*) A terminologia biológica moderna não coincide com esta classificação filosófica tradicional, o que não invalida nem uma nem outra. Para quem tem conhecimentos de biologia, talvez seja útil considerar, a largos traços, ambos os tipos de "almas dependentes da matéria" — vegetativa e sensitiva — como equivalentes ao genótipo do indivíduo, isto é, à totalidade das *informações* contidas no DNA e na herança extra-cromossômica (não a *base material* dessa informação, as moléculas que compõem o material hereditário), e que determinam a espécie, as características individuais e o comportamento dos animais e das plantas (N. do E.).

meramente *material* não poderia elevá-lo: torna-se capaz de *pensar*. Graças a ela, somos capazes de selecionar, comparar, escolher e examinar os inúmeros dados particulares que nos chegam através dos sentidos — as imagens que vemos, os sons, os odores, os gostos, as experiências táteis. E, a partir daí, de chegar a conhecimentos novos, elaborar conceitos abstratos e tirar conclusões. Um animal pode ver centenas de árvores, e no entanto é incapaz de concluir que todas elas têm um tronco feito de madeira, e muito menos de escrever um poema como *Minha terra tem palmeiras*, de Gonçalves Dias. Mesmo que veja mil triângulos, nenhum animal será capaz de descobrir que o quadrado da hipotenusa é igual à soma do quadrado dos catetos.

É principalmente graças a esta capacidade de raciocínio que o homem é *imagem e semelhança de Deus*. Todas as coisas criadas são, de alguma forma, e cada qual num certo grau, uma imagem de Deus: *Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos*, canta Davi no seu salmo (Sl 18, 1). A rocha sólida e áspera, o floco de neve com a sua delicada simetria, a flor casta e fragrante, o inseto laborioso, o majestoso elefante — e, como coroa de tudo isso, o homem —, todas as coisas que existem fazem parte de um único e grandioso mosaico que nos fala da Grandeza e do Poder, da Beleza e da Bondade de Deus.

Mas quando dizemos que o homem foi feito à *imagem e semelhança* de Deus, queremos exprimir com isso qualquer coisa de muito especial. Porque nós, os homens, não nos limitamos a refletir a Bondade, Beleza e Onipotência divinas, como o fazem todas as outras criaturas do Universo. Graças à nossa alma es-

piritual, somos como espelhos que refletem de maneira muito mais perfeita esse Espírito infinitamente perfeito que é Deus. Graças ao nosso intelecto, com a sua capacidade de compreender e raciocinar, refletimos a Sabedoria e o Conhecimento de Deus. Graças à nossa vontade livre, ao nosso poder de escolha responsável, somos capazes de refletir a infinita Liberdade de Deus.

Mas não somos espíritos *puros*, independentes da matéria, como o são os anjos. Não se pode dizer que um homem seja somente a sua alma, como também não podemos dizer que é somente o seu corpo. Somos criaturas compostas, feitas de alma *e* corpo. Este último não é um mero instrumento da alma, como o é uma serra nas mãos de um carpinteiro; é muito mais do que isso. Para poder desabrochar na plenitude do seu ser, para ser inteiramente aquilo que deve ser, a alma *precisa* do corpo, porque foi criada para estar unida a ele e seria incompleta sem ele.

Com perdão da comparação, um tanto rudimentar, estamos diante de algo semelhante ao motor de um automóvel, que está projetado para funcionar em conjunto com o "corpo" desse automóvel. É perfeitamente possível retirar o motor e pô-lo a funcionar sobre uma bancada, isolado do chassi; mas, para realizar aquilo que está feito para realizar, para ser plenamente eficaz, o motor precisa do chassi, e está incompleto sem ele. Quando a alma abandona o corpo, no momento da morte, continua a viver e a funcionar sem ele — pelo menos até a ressurreição dos corpos —, como veremos. Mas, nesta vida, alma e corpo são duas partes interdependentes de uma única e singular *pessoa* humana completa, e a alma só pode agir através do corpo.

Toda a alma humana, tal como sai das mãos criadoras de Deus, é perfeita em si mesma, mas pode ver-se limitada por um corpo imperfeito. Essas imperfeições podem ser o resultado de algum acidente ou doença, ou ser hereditárias — pode tratar-se de lesões cerebrais, de deficiências glandulares ou de uma centena de outras coisas que dificultem a ação da alma. Com isto, pretendo somente indicar que os idiotas, imbecis e psicopatas, no sentido médico, não estão desprovidos de alma simplesmente por estarem desprovidos de parte das suas funções cerebrais. No seu íntimo, continuam a ter uma alma perfeita, que talvez tenha de esperar pela Eternidade para poder exercer plenamente as suas elevadas faculdades intelectuais e volitivas, tornadas ineficazes nesta vida pelas deficiências do seu organismo.

# IMORTAL E LIVRE

## QUE VEM A SER UM "ESPÍRITO"?

Você já procurou averiguar quanto de si mesmo é capaz de ver, sem se olhar no espelho? No que me diz respeito, descobri que não posso ver muita coisa além da frente e dos lados do tronco, dos ombros para baixo; se me contorcer um pouco, consigo enxergar também a parte de trás dos pés e das pernas. Esticando bem o lábio inferior, consigo enxergar-lhe a ponta, e, se fechar um dos olhos, posso observar um dos lados do meu nariz. Mas as minhas costas e a nuca, nunca as vi e nunca as verei; e muito menos sou capaz de ver o meu próprio rosto tal como é.

A razão disto é, evidentemente, que o meu corpo se compõe de elementos materiais. Compõe-se de partes, umas diferentes das outras. O meu corpo não é capaz de dar um passo à frente, fazer meia-volta e a seguir olhar para si próprio. A parte de mim que olha sempre tem de estar separada da parte que é olhada. Por outras palavras, nenhuma coisa material pode "voltar-se" completamente sobre si mesma, tal como não se pode dobrar uma folha de papel de tal modo que a folha *inteira* cubra a folha *inteira*.

Tudo isto é tão óbvio que chega a parecer uma es-

tupidez dizê-lo. No entanto, é exatamente aqui que encontramos uma evidência clara de que a nossa alma *não é* uma substância material *, porque a alma é perfeitamente capaz de fazer aquilo que o corpo não consegue. A alma pode, com efeito, voltar-se completamente sobre si mesma e olhar para si própria; ou seja, para usar o jargão dos filósofos, ela é capaz de *refletir* sobre si mesma. Posso conhecer alguma coisa, e a seguir "dar um passo à frente" e refletir sobre o meu conhecimento dessa coisa. Sou capaz de pensar e, simultaneamente, de examinar o meu processo de raciocínio. Posso escolher isto ou aquilo e, ao mesmo tempo que escolho, analisar os motivos que estão por trás dessa escolha. Posso amar, e ao mesmo tempo avaliar e alegrar-me com esse meu ato de amar.

Esta *consciência de nós mesmos* — a possibilidade de *conhecer* e de, ao mesmo tempo, *conhecer que conhecemos* — prova que a alma não é uma substância material, porque seria absolutamente incapaz de olhar para si mesma, de refletir, se estivesse feita de partes, como acontece com todas as substâncias materiais.

Pois bem, se a nossa alma não é uma substância material, então o que é? Só pode ser uma substância de outro tipo, aquilo que os filósofos chamam uma substância *simples*, isto é, desprovida de partes, de

---

(*) A palavra "substância" não é usada aqui no sentido da atual ciência química; indica apenas "qualquer coisa que existe por si, que tem existência autônoma"; neste sentido, são substâncias um homem, um cavalo, uma árvore, uma pedra, independentemente da sua composição química; em contrapartida, não são substâncias a cor dos olhos, a altura, a idade, o peso, que só existem *em* alguma outra coisa, não de forma autônoma (N. do E.).

tamanho, de dimensões. O nome que damos a este gênero de substâncias é *espírito*. Deus é uma substância desse tipo, e portanto é um Espírito — na verdade, *o* Espírito por excelência, infinitamente perfeito. Igualmente os anjos são substâncias desse tipo, e portanto são espíritos. Por fim, também a alma humana — o nosso princípio de vida, de pensamento e de amor — também é uma substância desse tipo, também é um espírito.

Uma segunda prova de que a alma humana é espiritual baseia-se na nossa capacidade de pensar de modo *abstrato*. Há um princípio filosófico básico segundo o qual nenhum efeito pode ser maior do que a sua causa. Em linguagem mais popular, poderíamos expressá-lo dizendo que um rio não pode subir a altitudes maiores do que a sua fonte, ou um mosquito dar à luz um elefante. Aplicado ao caso da alma humana, isto significa que, se a mente humana é capaz de pensar idéias imateriais, a alma humana (que é quem pensa) também tem de ser imaterial, isto é, um espírito.

Se a alma humana fosse uma substância *material*, só poderíamos ter "pensamentos materiais", isto é, só teríamos aquilo que se costuma chamar um *conhecimento sensitivo*. Saberíamos que esta árvore é verde e que aquele estábulo é vermelho, mas não poderíamos falar da *brancura* ou da *cor* em abstrato, nem especular sobre os efeitos das cores sobre as emoções humanas, como fazem os psicólogos. Poderíamos saber que tal pessoa nos atrai e que tal outra nos repele, mas não seríamos capazes de reconhecer a *bondade* da primeira ou o *egoísmo* da segunda, nem muito menos falar do *bem* ou do *mal* em termos gerais.

Portanto, se a alma é capaz de ultrapassar o co-

nhecimento sensitivo e ter pensamentos imateriais, *espirituais*, ela mesma tem de ser um espírito, porque "nenhum efeito pode ser maior que a sua causa".

Daqui se conclui também que a alma, por ser um espírito, tem que ser imortal, incapaz de morrer. Porque, por definição, um espírito é uma substância *simples*, que não tem partes e não ocupa lugar no espaço. Não é que uma parte da minha alma esteja na minha cabeça, outra nas minhas mãos e outra nos meus pés, mas *toda* ela está em cada parte do meu ser, como Deus *inteiro* está em cada parte do Universo.

Se a alma é uma substância simples, independente das limitações da matéria, segue-se que não há nela nada que possa decompor-se, ser destruído ou deixar de existir. Para um organismo vivo, a morte é justamente a separação das partes que o compõem. Na alma humana, simplesmente não há partes que possam separar-se. Portanto, só pela nossa razão, prescindindo da Revelação divina, podemos chegar à conclusão de que *não morreremos nunca.*

## INTELIGÊNCIA E VONTADE

Como vimos, contrapor o homem ao animal não é absolutamente correto, porque o homem é também um animal, um animal racional. Mas, para efeitos práticos, será muito mais simples continuarmos a utilizar a palavra "animal" para designar as criaturas imediatamente inferiores ao nível humano na escala dos seres vivos, porque isto nos permitirá comparar a alma espiritual que Deus deu ao homem com a "alma material" dos animais.

Graças à alma espiritual, o homem possui duas po-

tências ou faculdades que os animais não têm: a *inteligência abstrata* e a *vontade livre*. Em todos os nossos atos conscientes, somos guiados pela razão e por uma escolha deliberada; o animal, em contrapartida, não age consciente e livremente, mas é guiado principalmente pelo instinto.

Quando um casal jovem decide construir a sua futura residência, os dois sentam-se para *planejar* juntos o que farão, quanto dinheiro podem gastar, quantos quartos querem, se a casa deve ser térrea ou se é melhor construir um sobrado, etc. Dois jovens tatus que se dispõem a cavar a sua toca, porém, não discutem o número de entradas, o formato dos túneis ou os melhoramentos que poderiam introduzir. Dois jovens pardais não lembram um ao outro, na primavera, que uma tempestade derrubou o ninho que haviam feito no ano anterior, e que desta vez seria melhor escolherem um lugar mais abrigado. Uma colméia de abelhas não faz experiências com o tamanho ou o formato dos favos, a fim de melhorar o aproveitamento do espaço ou otimizar a alimentação das larvas. Ano após ano, século após século, os animais seguem o padrão de conduta fixo e constante que lhes é ditado pelo instinto e que transmitem geneticamente, por desejo do seu Criador.

Da mesma forma que um animal não "raciocina" em sentido estrito, não trabalha com idéias abstratas, também não é capaz de fazer escolhas livres e deliberadas. As suas ações são motivadas por um princípio muito simples: "buscar o prazer e evitar a dor", respondendo a estímulos estritamente sensitivos. O animal não tem os conceitos de bem e mal. O cão de guarda que se atira à garganta de um intruso sente-se tão "virtuoso" como o pequinês que traz o jornal

ao seu dono. Ambos foram pacientemente treinados, mediante um sistema de recompensas e castigos, para executar essas tarefas. Muitos animais podem efetivamente ser treinados para fazer coisas assombrosas, como a foca de circo que toca uma música simples numas cornetas dispostas em série, ou o cavalo que "faz somas" batendo com o casco no chão quando o seu treinador lhe diz: "Dois mais dois", ou "três mais três"; mas em todos estes casos, o que está em jogo é um *hábito*, não uma operação racional.

Como é óbvio, há pagãos modernos que, tal como alguns pagãos antigos, negam a liberdade da vontade humana. Para escaparem às conseqüências que o reconhecimento da existência de uma alma espiritual necessariamente traz consigo, esses sábios senhores asseguram-nos que o ato da vontade não passa de um produto das nossas emoções, hábitos ou instintos. Concedem que talvez esse ato se dê de modo mais elaborado do que nos outros animais, mas insistem que, mesmo assim, não é mais do que uma resposta a estímulos puramente materiais, nos quais não há nenhuma liberdade real; sejam quais forem as decisões que tenhamos tomado em algum caso concreto, dizem, *fomos obrigados* a tomá-las por sermos determinado tipo de pessoa.

Outros ainda, admitindo embora que a vontade efetivamente faz uma *escolha*, negam que essa escolha seja *livre*. Segundo eles, a vontade é forçada a escolher a opção que oferece maiores vantagens, da mesma maneira que uma balança se inclina para o lado em que se coloca mais peso. Uma vez que o intelecto mostrou à vontade onde se encontra o maior bem, esta escolhe-o necessariamente.

O curioso é que as mesmas pessoas que defendem

semelhantes teorias, ensinando-as nos seus livros ou do alto das suas cátedras universitárias, se ressentem tanto como qualquer um de nós de uma violação dos seus direitos. Quando o *determinista* — é assim que se chamam esses senhores que negam o livre-arbítrio —, quando o determinista descobre que lhe roubaram o carro, não diz calmamente: "Bem, tinha que ser... O ladrão foi forçado a agir assim pelos seus impulsos". Muito pelo contrário, chama aos berros pela polícia e exige que o culpado seja punido, tal como o faríamos você ou eu.

Não se pode isolar a liberdade humana num tubo de ensaio, nem provar mediante uma bateria de testes de laboratório que a vontade é livre. O melhor lugar para prová-lo é o laboratório da nossa própria alma. Qualquer um de nós pode olhar para dentro de si mesmo e, ao examinar as suas decisões, *saber* que é responsável pelo que fez e que poderia ter agido de outra maneira. Há momentos em que agimos por instinto, sem dúvida. Há momentos em que agimos por hábito, sem dúvida. Mas a maior parte das nossas ações, digam os pagãos o que disserem, foi praticada consciente e livremente; sabíamos o que fazíamos, e sabíamos que poderíamos escolher outra opção, se quiséssemos.

Não há nenhuma dúvida de que a vontade é levada a agir desta ou daquela maneira pelos motivos que a inteligência lhe apresenta; e também não há nenhuma dúvida de que a vontade só pode ser levada a querer alguma coisa quando compreende que daí lhe virá algum bem. No entanto, o próprio livre-arbítrio dirige também a inteligência no seu exame dos motivos e das razões pró e contra. É a vontade livre que diz à inteligência: "A partir deste momento, é melhor

você ficar calada. Estas são as considerações que me interessam; portanto, vamos deixar de lado todas as outras". Todos temos consciência — às vezes, para nossa vergonha — dessas ocasiões em que interrompemos voluntariamente o trabalho da inteligência, simplesmente porque não *queríamos* escutar as razões contrárias à decisão que preferíamos tomar. Seria muito reconfortante, para todos nós, se pudéssemos consolar-nos dizendo que cometemos determinado pecado porque "fomos forçados a fazê-lo"; na verdade, porém, sabemos muito bem que não é assim.

# POR QUE DEVO TER UMA RELIGIÃO?

## A LEI NATURAL

Se construo um relógio, tenho o direito de esperar que me diga que horas são; afinal, foi para isso que o fiz. Se fabrico uma lâmpada incandescente, tenho o direito de esperar que me dê luz, porque foi para isso que a fiz. Da mesma forma, Deus tem direito a esperar que o Universo que Ele criou cumpra a finalidade para a qual foi criado. Na verdade, tem o direito de esperar que *cada uma das partes* do Universo cumpra o fim para o qual foi feita.

Com relação a todas as criaturas inferiores ao homem, era uma tarefa fácil para Deus assegurar que fariam o que Ele desejava que fizessem. Para as pedras, as plantas e os animais, estabeleceu o que chamamos "leis físicas", leis que fazem com que as coisas se comportem sempre de tal maneira que cumpram a sua finalidade, isto é, que se comportem de acordo com a sua natureza. Assim, uma pedra "agirá" sempre como pedra, uma árvore como árvore, um pássaro como pássaro.

Para os seres inertes, existem leis como a da gravidade, as da ótica, as da termodinâmica, as que re-

gem a propagação das ondas sonoras, etc., e todas essas outras leis físicas que não admitem possibilidade de escolha; isto é, são leis a que a matéria *tem de* obedecer sempre. Para os seres vivos, tais como as plantas e os animais, acrescentam-se às leis físicas e químicas outras leis, como as que regem o crescimento e a reprodução; e os animais contam, além das anteriores, com a lei do instinto, que lhes permite fazer o que devem fazer em resposta aos estímulos que lhes vêm de fora, mas ainda sem disporem de opções ou de um verdadeiro raciocínio.

Mas o ser humano tinha de ser governado de maneira diferente. Deus dotou-nos de livre-arbítrio, e portanto seria contraditório q ıe Ele mesmo destruísse logo a seguir a nossa liberdade, impondo-nos umas leis que não admitissem escolha alguma, leis que nos *forçassem* a agir sempre de acordo com a sua vontade ou, o que é o mesmo, a agir sempre tal como um ser humano deveria agir. É verdade que o nosso corpo está submetido às leis físicas, tal como qualquer outro corpo material. Quando tropeçamos, a lei da gravidade leva-nos ao chão com a mesma velocidade com que levaria qualquer pedra. A nossa visão e audição têm de ajustar-se às leis da ótica e da acústica. As nossas células nutritivas e reprodutivas obedecem aos mesmos princípios que regem todas as criaturas inferiores.

Mas, quando desempenhamos o nosso papel de seres humanos, isto é, quando pomos em funcionamento as nossas atividades superiores, as atividades que exercemos como criaturas simultaneamente espirituais e materiais, entra em jogo um tipo diferente de lei. Tem de tratar-se de uma lei que respeite a nossa liberdade, ao mesmo tempo que nos obriga de algu-

ma forma. Essa lei exige de nós — como, aliás, Deus em justiça exige de toda a Criação — que nos comportemos de acordo com a nossa natureza, isto é, tal como uns seres humanos dotados de alma espiritual devem comportar-se. Mas a obrigação que essa lei nos impõe não é uma necessidade física, e sim uma obrigação *moral*. Estamos, portanto, *moralmente* obrigados a agir tal como um ser humano deve agir, mas fisicamente livres para nos recusarmos a agir assim.

Suponhamos que me veja diante da alternativa de roubar ou não roubar. A razão diz-me que é essencial, para a minha realização como ser humano, respeitar a propriedade alheia. O homem é um ser *social*, e está destinado a viver em companhia dos outros, já que, até certo ponto, todos dependemos uns dos outros. Não somos simples indivíduos isolados; somos membros de uma comunidade. Ora, o roubo destrói as próprias bases da convivência, da mútua dependência. Portanto, o roubo contraria a minha própria natureza, como ser humano; opõe-se à finalidade para a qual Deus me criou. É por isso que a simples razão, mesmo deixando de lado tudo o que a religião ensina, é suficiente para mostrar-me que é errado roubar.

Talvez percebamos agora que a distinção entre o "certo" e o "errado" não depende simplesmente de umas quantas regras que Deus teria estabelecido arbitrariamente. O "certo" e o "errado" são realidades profundamente arraigadas na minha natureza de ser humano. Tal ou qual ato será *bom*, estará "certo", na medida em que estiver de acordo com o fim para o qual Deus me criou, tal como um relógio "está certo" na medida em que informa corretamente a hora, e a lâmpada é "boa" na medida em que dá luz.

Talvez percebamos também que o perfeito uso da

liberdade não consiste em escolher entre o que é bom e o que é mau, mas antes em escolher entre este ou aquele bem. Somos fisicamente livres de escolher o mal, mas, ao fazê-lo, não usamos propriamente da liberdade que Deus nos deu; antes, abusamos dela.

A responsabilidade que, em conseqüência, temos diante de Deus — uma responsabilidade que, como vimos, deriva da própria natureza humana — é chamada *Lei Natural*. Qualquer homem em seu são juízo, se não estiver cegado pela paixão ou pelos preconceitos, *sabe* perfeitamente que determinadas atitudes são corretas e outras erradas. A sua razão, mesmo sem a ajuda de qualquer religião, diz-lhe que a propriedade alheia deve ser respeitada, os pais devem ser honrados, o cônjuge de outra pessoa deve ser respeitado, e Deus deve ser adorado. É isto o que queremos dizer quando falamos de Lei Natural.

## DAR A DEUS O QUE É DE DEUS

"Só quero justiça!": este é, invariavelmente, o comentário feito por quem quer que apresente uma petição judicial ou uma queixa à polícia. Essa pessoa quer que sejam respeitados os seus direitos. Quer aquilo que lhe é devido!

Pois bem, também Deus quer que sejam respeitados os seus direitos, quer que lhe seja feita justiça. Foi Ele quem fez o Universo (incluindo-se nele o gênero humano) para que manifestasse a sua glória. É verdade que, como diz o catecismo, "Deus nos fez para que sejamos felizes para sempre com Ele no céu". Esta formulação, no entanto, só nos apresenta essa verdade do nosso ponto de vista. Encontraremos,

sem dúvida, a felicidade, mas a felicidade é um *resultado*, algo que deriva do cumprimento dos nossos deveres para com Deus. Se realizarmos a finalidade para a qual Ele nos fez, se decidirmos livremente desempenhar o papel que nos cabe dentro do concerto universal que canta a glória de Deus, a felicidade será um subproduto.

As estrelas e os planetas, o vento e as águas, as flores, os animais e as aves, todos esses seres manifestam necessariamente a glória de Deus, sem que lhes seja dada a possibilidade de escolher entre fazê-lo ou não. Somente o ser humano é capaz de oferecer a Deus o maior de todos os louvores, o louvor que lhe damos por livre decisão da nossa parte, sem qualquer tipo de compulsão física.

Mesmo que Deus não nos tivesse enviado nenhuma mensagem especial, a nossa razão seria suficiente para repararmos que temos obrigação de *dar a cada um o que lhe é devido*. Em outras palavras, a própria Lei Natural nos ordena que pratiquemos a virtude da Justiça. Ora bem, é precisamente esta virtude que se encontra na raiz da religião.

É próprio da natureza humana reconhecer a excelência, amar tudo o que é bom, obedecer à autoridade legítima, agradecer os favores recebidos. Da mesma forma, temos para com Deus uma *dívida*: *devemos* honrar Aquele que é infinitamente perfeito, amar Aquele que é infinitamente bom, obedecer Àquele que nos fez e a quem pertencemos, agradecer Àquele de quem vêm todos os bens. Ou, para dizê-lo com outras palavras, devemos *adorar* a Deus, devemos praticar a religião.

Mesmo que Deus em pessoa não tivesse vindo à terra, assumindo a natureza humana na pessoa de Je-

sus Cristo, a fim de nos instruir a respeito de si mesmo; mesmo que nunca tivesse enviado profetas a este mundo, ou inspirado as Sagradas Escrituras; mesmo que tivesse permanecido no mais completo silêncio acerca de si próprio — mesmo assim, teríamos obrigação de adorá-lo, de praticar a religião.

O fato de a religião — o cumprimento dos nossos deveres para com Deus — fazer parte da Lei Natural, de ser uma obrigação reconhecida pela simples razão humana, mesmo que não tivesse havido nenhuma Revelação divina, é plenamente corroborado pelas pesquisas da antropologia. Essa ciência, que se dedica a estudar os costumes e o comportamento humanos, mostrou e continua a mostrar que todos os povos e todas as raças, em todas as épocas da história, praticaram alguma forma de religião.

A única exceção que se pôde descobrir foram umas poucas tribos selvagens isoladas que haviam degenerado a ponto de se tornarem quase desumanas, desprovidas até das mais rudimentares evidências da dignidade humana. Isto, diga-se de passagem, é a melhor resposta que podemos dar a esses pagãos modernos, segundo os quais a religião não passa de algo inventado pelo próprio homem em algum ponto da escala da evolução, uma forma de auto-ilusão pela qual o homem primitivo procurava explicar os fenômenos naturais que não compreendia e sentir segurança diante dos poderes desconhecidos e ameaçadores que não podia dominar.

Como é evidente, mesmo os povos antigos mais civilizados, como os gregos ou os romanos, cometeram erros gritantes no que diz respeito à prática da religião. Se tivermos em conta a doutrina do pecado original, que obscureceu e enfraqueceu a inteligência

humana, era de esperar que fosse assim. Por isso, é natural que esses povos tenham multiplicado os seus deuses, identificando-os às vezes com as forças da natureza, como o sol, a lua, a chuva ou o raio. No entanto, mesmo as formas mais idolátricas de religião preservaram uma crença mais ou menos vaga numa divindade superior ou suprema. É um poderoso testemunho em favor da força da Lei Natural o fato de ela ter sido capaz de impor-se mesmo através das névoas de um intelecto ferido pelo pecado.

Até agora, falamos unicamente daquilo que se costuma chamar "Religião natural" — isto é, da religião tal como o homem é capaz de conhecê-la guiado unicamente pela luz da sua razão. Mas como a queda de Adão tornou quase impossível que os homens — a não ser algumas mentes excepcionais, como as de Platão e Aristóteles — descobrissem por si mesmos a verdade, Deus teve de entrar novamente em cena. Para evitar que nos afundássemos mais e mais no erro, decidiu dar-nos a conhecer, por Revelação, não somente aquelas verdades que deveríamos ter descoberto naturalmente — por exemplo, a sua eternidade e a sua infinita perfeição —, como também muitas outras que nunca teríamos podido descobrir apenas por meio das nossas próprias forças — por exemplo, a existência de três Pessoas em Deus, ou o fato de estarmos destinados à união eterna com Deus. Estas e todas as outras verdades reveladas diretamente por Deus constituem aquilo que se costuma chamar "Religião sobrenatural".

# COMO COMEÇOU A RELIGIÃO?

## FATOS E MITOS

O homem e a religião começaram juntos. O primeiro homem estava dotado de poder de raciocínio — pois, como vimos, é esta capacidade que distingue o homem de todos os outros animais. Ainda que possa descender de um antropóide, os antropóides que teriam precedido o primeiro homem não foram seres humanos, por mais que se *parecessem* fisicamente com os homens. Pois o homem não passou a ser homem enquanto Deus não lhe infundiu uma alma espiritual e, com ela, a capacidade de pensar.

É por isso que dizemos que o homem e a religião começaram juntos. A religião passou a existir no mesmo instante em que essa maravilhosa criatura, o homem, passou a exercer a sua capacidade de raciocínio. Partindo de tudo aquilo que podia ver e observar ao seu redor, soube com certeza que existia um Ser infinitamente perfeito ao qual devia obedecer e render homenagem. Assim começou a religião.

Mas, na verdade, o primeiro homem não teve de depender unicamente da razão para poder conhecer a Deus. Se tomarmos a Bíblia como simples documento histórico, prescindindo do seu caráter de livro ins-

pirado, veremos que Deus se revelou pessoalmente ao primeiro homem e à primeira mulher, dando-lhes um conhecimento direto da sua existência e manifestando-lhes quais os deveres que tinham para com Ele.

O testemunho da Bíblia encontra-se, neste ponto, respaldado pelo testemunho da História. A história da raça humana, pacientemente investigada por gerações e gerações de historiadores, arqueólogos e etnólogos, mostra que os povos mais antigos criam num Deus único. Foi somente mais tarde que essa crença degenerou em politeísmo. Pôde-se comprovar este fato no caso dos povos mais antigos da Grécia, da Itália, do Egito, da Mesopotâmia, para mencionar somente algumas das mais conhecidas civilizações antigas. O que sobrou dos seus escritos e inscrições demonstra que, no princípio, adoravam um único Ser supremo, e que só depois as suas mentes, obscurecidas pelo pecado original, derivaram para a crença em diversos deuses.

No entanto, o pagão moderno, no seu empenho por fugir de Deus e das responsabilidades morais que a fé traz consigo, inverte resolutamente esse quadro. Pouco importa o esforço que tenha de fazer para deformar as evidências, pouco importa o esforço que tenha de fazer para prostituir a sua razão: o materialista nega-se a aceitar Deus, custe o que custar. E assim inventa as mais fantásticas teorias para explicar as origens da religião: dirá que o homem começou por adorar as forças da natureza (fetichismo), a seguir passou a prestar culto a divindades antropomórficas (politeísmo) e, por fim, chegou à adoração de um Deus único (monoteísmo). Esta é, pelo menos, a teoria sobre a origem da religião que se ensina em numerosos cursos de ciências humanas, e até, às ve-

zes, no segundo grau. Deus ajude as pobres vítimas de semelhante ensino.

Seja-me permitido apenas citar um único desses historiadores populares, René Sedillot, autor de uma *História do mundo*. Limitar-me-ei a sublinhar uma única sentença, na qual contradiz frontalmente tudo o que ele próprio afirma. Ficará claro assim que esse autor adotou a sua teoria *contra* toda a evidência disponível; e veremos até que ponto as explicações materialistas sobre a origem da religião não passam de produtos da auto-ilusão do ateu. A citação, em que omito algumas passagens não pertinentes, é a seguinte:

> "As primeiras conquistas do homem na noite escura do seu remoto passado foram aquelas que, mais que todas as outras, começaram a diferenciá-lo dos animais. [...] Foram essencialmente três: a linguagem, o fogo e a religião. Não há dúvida de que a humanidade, nas suas origens, desconhecia as palavras, a provisão artificial de calor e a existência de deuses. No entanto, parece ter descoberto muito rapidamente essas três coisas, porque *nunca se descobriu nenhuma cultura pré-histórica em que não houvesse evidências claras de que os seus membros possuíam esses três elementos*".

Tendo puxado assim o tapete debaixo dos seus próprios pés, o professor continua:

> "A religião escravizou muito cedo o coração humano, e desde então o homem nunca mais conseguiu libertar-se desse estado de servidão.

> [...] Os primeiros homens nunca foram capazes de enfrentar o pânico que sentiam diante das forças da natureza e da ameaça dos animais selvagens [...]. O terror converte-se facilmente em adoração [...]. Os ritos religiosos surgiram da adoração dos animais, das coisas que cresciam, do incompreensível [...]. Transcorrido algum tempo, passaram a invocar os antepassados mortos, chamando-os em sua ajuda na luta contra os inimigos [...]. Com o decorrer dos séculos, o fetichismo gerou o politeísmo que, por sua vez, cedeu o lugar ao monoteísmo, até que finalmente o monoteísmo acabou por ruir diante do avanço do ateísmo. Mas o homem, consciente da sua impotência perante o desconhecido, nunca chegou a renunciar por completo às suas superstições".

Simples, não é verdade? Uma vez que se descobriu a arte da mistificação, como é fácil praticá-la com ar de autoridade!...

## RAZÃO E REVELAÇÃO

Ninguém gosta de ser perturbado nos seus momentos de tranqüilidade. Com uma constância verdadeiramente exemplar, dedicamo-nos a fazer tudo o que podemos para escapar das tarefas difíceis ou ingratas. Confortavelmente instalado na sua poltrona, depois de um duro dia de trabalho, o marido dirá à mulher: "Será que temos *mesmo* de ir a essa festa? Não haverá alguma boa desculpa que possamos dar?" Ou a mulher dirá, depois de ter passado a tarde inteira a

lavar a roupa: "É, eu deveria ir ao supermercado fazer as compras para o jantar, mas estou cansada demais; a gente se ajeita com as sobras do almoço".

Estes exemplos tão caseiros bastam para mostrar-nos por que o homem precisava de algo mais do que a simples religião *natural*. É muito bonito dizer que a nossa razão basta para nos conduzir ao conhecimento de Deus, da sua natureza e dos nossos deveres básicos para com Ele, porque é absolutamente verdade; mas é igualmente verdade que o trabalho intelectual é o tipo mais árduo de trabalho.

Não é difícil reconhecer a existência de Deus. A não ser que nos tenhamos cegado deliberadamente, o Universo inteiro grita-nos continuamente: "Alguém me fez! Alguém me fez!" Uma vez estabelecido este ponto, é perfeitamente possível avançarmos passo a passo, pesando as evidências e resolvendo aparentes contradições, até chegarmos a uma compreensão bastante aprofundada da natureza divina. Mas isto custa trabalho, e exige uma inteligência aguda, uma razão reta e um intenso amor pela verdade.

Mesmo que prescindamos da obscuridade do nosso intelecto, conseqüência do pecado original, teremos de reconhecer que há poucas pessoas dispostas a levar a cabo semelhante esforço. Além disso, entre as que se dispõem a empreender esse estudo, são muitas as que abandonam a tarefa no momento em que começam a vislumbrar para onde o seu raciocínio as conduz, isto é, quando percebem que as suas conclusões interferem com o seu comodismo, os seus divertimentos, o seu amor-próprio.

São Paulo resume tudo isto numas poucas palavras da Epístola aos Romanos: *Com efeito, o invisível de Deus — o seu poder eterno e a sua divindade —, des-*

*de a criação do mundo, tornou-se visível à inteligência por meio das suas obras, de forma que* [os pagãos] *são inexcusáveis. Porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como a Deus, nem lhe deram graças; antes, ofuscaram-se nos seus vãos pensamentos e obscureceu-se o seu coração insensato* (Rom 1, 20-21).

Assim vemos por que foi necessário que Deus voltasse a entrar em cena e nos estendesse a mão. Era necessário para que pudéssemos alcançar o destino a que nos havia destinado: a sua glória e, concomitantemente, a nossa felicidade. Noutras palavras, precisávamos que Deus nos ensinasse, de maneira clara e taxativa, aquelas coisas que *temos de saber* e aquelas outras que *nos convém saber* para cumprirmos a sua Vontade e atingirmos a união eterna com Ele.

Não há nenhuma razão pela qual Deus não devesse falar-nos, se assim lhe convinha. Um grande sábio que se inclina sobre uma criança ignorante para instruí-la, não se está com isso rebaixando de maneira alguma. Da mesma forma, não constitui nenhum ataque à dignidade de Deus pensar que o Criador possa inclinar-se sobre nós, que somos criaturas suas, para instruir-nos.

Pois foi exatamente o que Ele fez: "afastou o véu" que nos separava dEle. Isto é o que significa o verbo latino *revelare*: "afastar o véu". Daí deriva a palavra "Revelação", que designa todas as verdades que Deus nos deu a conhecer a seu respeito. Quando um amigo nos conta algo de pessoal que não conhecíamos, dizemos que nos fez uma "revelação", mas uma revelação humana. Quando é Deus quem nos conta alguma coisa, falamos de "Revelação divina". E quando se trata de alguma verdade que a razão humana jamais teria sido capaz de descobrir pelas suas pró-

prias forças, de algo situado muito acima e muito além das capacidades da natureza humana, falamos de *revelação sobrenatural*. Um exemplo deste último tipo de verdades é o mistério da Santíssima Trindade, de Deus ter uma única natureza em três Pessoas.

Na realidade, porém, Deus não se limitou a revelar-nos apenas aquelas verdades que a mente humana nunca teria sido capaz de descobrir. Tendo em conta a fraqueza da nossa razão, quis proteger-nos das conseqüências da nossa debilidade revelando-nos também muitas verdades que deveríamos poder descobrir pela nossa própria capacidade, como por exemplo a sua existência, a sua natureza espiritual, a sua infinita Perfeição, Eternidade e Onipotência.

Evidentemente, apesar de Deus nos ter falado *realmente*, não é razoável que esperemos compreendê-lo *plenamente*, tal como é em si mesmo. Seria o mesmo que pretender enfiar o sol numa xícara de chá. A mente humana é criada, e não consegue ultrapassar determinados limites, ao passo que Deus é infinito. Portanto, o conhecimento que temos dEle será necessariamente *imperfeito*, o que não significa que seja *incorreto*. O pouco que somos capazes de compreender é verdadeiro, mas está muito longe de ser toda a verdade. Da mesma forma, por mais fiel que seja a fotografia de uma bela paisagem publicada no suplemento de turismo do jornal, sempre será muito inferior à paisagem real. Por isso, quantas gratas surpresas não nos esperam no Céu!

# PESANDO AS EVIDÊNCIAS

## COMO RECONHECER O "DEDO DE DEUS"?

Certa vez, durante uma visita a um hospital psiquiátrico, uma senhora bem vestida barrou-me o caminho e, com o dedo em riste, disse-me solenemente: "Padre, eu sou Deus, e tenho umas quantas verdades a dizer-lhe!" O médico que me acompanhava puxou-a suavemente para o lado, sugerindo-lhe que talvez fosse melhor escrever-me uma carta a esse respeito, e com isso encerrou-se o incidente. Mas este pequeno episódio bem pode sugerir-nos uma pergunta que merece ser respondida: mesmo que admitamos que era preciso que Deus nos revelasse muitas verdades acerca de si mesmo, que aceitemos a *necessidade* da Revelação, como podemos ter a certeza de que realmente foi Deus quem falou? Como saber se essas coisas em que cremos nos foram reveladas pelo próprio Deus?

Muitas pessoas, ao longo da história, mesmo que excluamos os casos evidentes de perturbação mental, acreditaram estar em contacto direto com Deus, proclamaram-se profetas ou mensageiros seus. Maomé, por exemplo, fundador da religião muçulmana, acreditava firmemente que tinha sido o Arcanjo Gabriel

quem lhe dera as instruções necessárias. E, em tempos mais recentes, temos o pastor Joseph Smith, fundador da religião dos Mórmons ou Santos dos Últimos Dias, que assegurava ter sido guiado por um anjo chamado Moroni. Maomé e Smith são dois exemplos especialmente famosos, mas ao longo da história encontramos inúmeros casos semelhantes.

Deve haver, portanto, algum modo de reconhecermos a verdadeira voz de Deus, de sabermos quando é Ele quem realmente está falando; não seria razoável que nos deixasse tatear no escuro, no meio de um enxame de impostores. Ou, para dizê-lo de outra maneira, Deus tem de ter-nos dado algum padrão de comparação, uma espécie de "metro", que nos permita medir, em cada caso, se determinada doutrina foi ou não revelada por Ele.

Com efeito, esse "metro" existe. A ciência teológica não lhe dá, como é óbvio, um nome tão caseiro: fala dos "*critérios* da Revelação". Para aqueles que gostam de saber a origem das palavras, o termo "critério" deriva do grego *kriterion*, que significa "instrumento de medição".

Para determinar se determinada doutrina religiosa foi ou não revelada por Deus, costumam-se usar dois tipos de critérios. Em primeiro lugar, há os assim chamados *critérios internos*: isto é, as provas intrínsecas (ou a falta de provas) de que a doutrina em questão tem um caráter divino. Tem ela a beleza e a nobreza próprias que deveríamos esperar encontrar em quaisquer ensinamentos que viessem de Deus? Conduz o homem a uma maior grandeza e bondade, e está de acordo com as outras verdades reveladas por Deus que conhecemos?

Um experiente crítico de arte, ao examinar uma

pintura, é capaz de afirmar se foi ou não pintada por tal ou qual grande mestre a quem é atribuída. Analisará os pigmentos utilizados pelo artista, as cores empregadas, a distribuição de luzes e sombras, e até a orientação das pinceladas, a fim de comprovar se todas essas características correspondem realmente às daquele pintor. Da mesma forma, uma doutrina religiosa que afirme ter Deus por autor deve mostrar-se digna dEle, depois de uma análise detida. Uma doutrina que fosse trivial ou ridícula, ou que fosse prejudicial e conduzisse a efeitos maléficos, ou ainda contradissesse verdades racionais evidentes ou seguramente estabelecidas, mostraria ser falsa segundo esses *critérios internos*.

A seguir, vêm os critérios *externos*, as provas "provenientes de fora". Há fundamentalmente dois tipos de evidências da ação divina, que servem para provar definitivamente se foi ou não Deus quem falou: as *profecias* e os *milagres*.

Uma *profecia*, em sentido estrito, é a previsão de um acontecimento futuro que só Deus pode conhecer, ou seja, de um acontecimento futuro que depende da vontade livre do homem e por isso não pode ser previsto. Tanto você como eu somos capazes de "profetizar" que o sol nascerá amanhã de manhã (desde que o mundo não termine hoje à noite). Podemos também "profetizar" que comeremos peixe na próxima sexta, pois isso só depende de nós. Mas foi somente graças a uma especial inspiração divina que Isaías pôde profetizar que o Messias nasceria de uma Virgem; Daniel, apontar a data em que nasceria o Salvador; e Miquéias, indicar o lugar onde Ele haveria de nascer.

No Antigo Testamento, encontraremos centenas de profecias como estas. A mais esmagadora de todas,

porém, encontra-se no Novo Testamento: é a que o próprio Cristo fez ao prever a destruição de Jerusalém, que podemos ler no capítulo vinte e quatro do Evangelho de São Mateus. As palavras do Senhor cumpriram-se à risca apenas quarenta anos após a sua morte.

Para o homem comum, no entanto, os *milagres* constituem uma prova ainda mais convincente de que foi Deus quem falou. Quando acontece algo que ultrapassa por completo o funcionamento normal da natureza, algo que só um poder sobrenatural seria capaz de realizar, temos o direito de exclamar: "Aqui está o dedo de Deus!" Mas teremos de deixar para mais tarde a discussão dos milagres como critério ou "metro" da Revelação. Antes temos de demonstrar que a nossa principal fonte de informações, os Evangelhos, são uma fonte histórica digna de crédito, mesmo para as pessoas que não acreditam que a Bíblia seja a Palavra de Deus.

## O "MANUAL DE INSTRUÇÕES"

Se algum bom amigo me presenteasse com um desses complicados aparelhos atuais — como um aparelho de som, um "três em um" ou equivalente —, a primeira coisa que eu faria, depois de abrir o pacote, seria procurar o manual de instruções. E se algum curioso ali presente dissesse: "Ora, não deve haver manual nenhum aí", eu lhe responderia: "Mas *é evidente* que tem de haver. Nenhum fabricante seria capaz de vender um equipamento destes sem explicar como funciona e que cuidados se devem tomar".

Da mesma forma, quem busca sinceramente a ver-

dade, uma vez convencido da necessidade e da possibilidade da Revelação divina para que a humanidade possa conhecer o significado da vida e os seus deveres para com o Criador, começará por informar-se acerca do "manual de instruções". "Deus *deve* ter falado", dirá, "mas onde encontrarei a sua mensagem?" Se a nós, católicos, nos pusessem esta questão, o nosso primeiro impulso seria responder: "Ora, Deus fala-nos através da sua Igreja". Mas logo perceberíamos uma lacuna no nosso raciocínio: não podemos passar da afirmação "Deus efetivamente falou" para a afirmação "Deus falou através da sua Igreja" sem cruzarmos uma ponte que estabeleça o laço de união entre ambas. E esta ponte é a Sagrada Escritura.

Diríamos, pois, ao nosso hipotético amigo: "Aqui está um livro chamado «Bíblia». Nós, os cristãos, cremos que o próprio Deus inspirou os que a redigiram para que escrevessem somente o que Ele queria que ficasse escrito, e que Ele próprio impediu essas pessoas de introduzirem erros naquilo que iam escrevendo". E continuaríamos: "A Bíblia divide-se em duas partes: os livros que foram escritos antes do nascimento de Cristo, e que compõem o que se chama o Antigo Testamento; e o Novo Testamento, que contém os textos redigidos após a sua morte".

"Espere um minuto!", diremos, ao observar sinais de impaciência no nosso interlocutor. "Ainda não lhe estou pedindo que creia ser a Bíblia um livro inspirado por Deus. Por enquanto, basta-me que você a aceite como um livro de valor histórico, tal como aceitaria o valor de testemunho histórico de qualquer outro livro antigo, como por exemplo o *Sobre a guerra das Gálias*, de Júlio César, ou as *Antigüidades judaicas*, de Flávio Josefo. Além disso, para simplificar

um pouco as coisas, deixemos de lado o Antigo Testamento e concentremo-nos apenas nos quatro Evangelhos".

A seguir, mostraremos ao nosso amigo que, se os Evangelhos são relatos históricos exatos e autênticos, qualquer pessoa razoável terá de aceitar como certos os fatos que neles se narram. Depois, caso conheçamos a nossa religião como deveríamos, mostrar-lhe-emos que a credibilidade de qualquer obra histórica depende de três pontos:

1. Da sua *integridade*, isto é, de que o texto atual corresponda efetivamente ao que o autor escreveu, sem acréscimos ou alterações.
2. Da sua *veracidade*, isto é, de que o autor efetivamente tenha conhecido bem os acontecimentos que narrou.
3. Por fim, da sua *autenticidade*, isto é, de que realmente tenha sido escrita pela pessoa a quem se costuma atribuir a sua autoria.

O passo seguinte será mostrar-lhe que os quatro Evangelhos — os quatro relatos sobre a Vida, Morte e Ressurreição de Cristo, escritos por Mateus, Marcos, Lucas e João — cumprem plenamente esses requisitos, ou seja, são relatos históricos inteiramente dignos de confiança e, portanto, cheios de autoridade. É provável que o nosso interlocutor, como a maioria das pessoas de cultura mediana, ignore quase por completo o imenso trabalho crítico, tanto do ponto de vista científico como histórico, a que foram submetidos os quatro Evangelhos. Gerações inteiras de estudiosos da Bíblia — católicos, protestantes e agnósticos — perscrutaram meticulosamente as Sagra-

das Escrituras, procurando discrepâncias e evidências de erro ou fraude com muito mais cuidado do que qualquer serviço de contra-espionagem empenhado em descobrir espiões durante uma guerra.

E qual foi o resultado desse trabalho? A comparação com os mais antigos manuscritos disponíveis mostra, para além de qualquer dúvida, que os Evangelhos foram transmitidos até nós *sem nenhuma mutilação ou alteração substancial*. As pequenas diferenças que se observam entre as diversas versões — erros de ortografia ou transposições de palavras — são tão irrelevantes que não têm conseqüência prática alguma.

Mais ainda: esses "detetives" da Bíblia estabeleceram, com um volume de provas que satisfaria o juiz mais escrupuloso, que os quatro Evangelhos *foram escritos por testemunhas oculares ou por seus discípulos imediatos*, e narram coisas que essas pessoas viram e ouviram diretamente. A evidência demonstra, além disso, que não se tratava de uns tolos crédulos, dispostos a acreditar em qualquer coisa; o cético Tomé, por exemplo, que tanto resistiu a aceitar a Ressurreição de Cristo, é um exemplo da teimosa incredulidade dos Apóstolos. Uma e outra vez, o Senhor teve que censurá-los pela sua *pouca fé*. Por outro lado, os Apóstolos também não eram uns farsantes ou mentirosos, pois todos e cada um deles terminaram dando a sua vida em testemunho da verdade que pregavam.

Por fim, os estudiosos da Bíblia são virtualmente unânimes em afirmar que os quatro Evangelhos foram efetivamente escritos por Mateus, Marcos, Lucas e João. Alguns historiadores não-católicos chegaram a duvidar da autenticidade do Evangelho de São João,

não porque a evidência em seu favor fosse fraca, mas simplesmente porque não é tão esmagadora como no caso de Mateus, Marcos e Lucas. Também aqui a evidência é definitiva.

Portanto, os Evangelhos são obras históricas absolutamente acima de quaisquer suspeitas. Só pudemos, aqui, esboçar a argumentação de maneira muitíssimo resumida e esquemática *. Se o nosso amigo cético desejasse entrar em detalhes, teria de recorrer a algum manual especializado. Mas, de um modo ou de outro, no fim das contas terá de admitir a integridade, veracidade e autenticidade dos Evangelhos; uma vez superado este ponto, poderemos então levar adiante o nosso raciocínio.

---

(*) Para um tratamento mais aprofundado destes temas, cf. Geraldo Morujão, *O que são os Evangelhos?*, Temas cristãos n. 54, Quadrante, São Paulo, 1992 (N. do E.).

# SERÃO POSSÍVEIS OS MILAGRES?

## AS "CREDENCIAIS" DE DEUS

Qualquer pessoa pode proclamar-se mensageira de Deus; qualquer pessoa pode assegurar ter recebido uma especial revelação do alto. Se aquele que sustenta essas pretensões está dotado de um temperamento dinâmico, de uma língua eloqüente e de uma forte personalidade, é bastante provável que muita gente se deixe seduzir por ele. Esta é a razão pela qual existem tantas seitas e falsas religiões nos dias de hoje. Paradoxalmente, as mesmas pessoas que não deixariam o funcionário da companhia telefônica entrar em sua casa, para uma verificação de rotina, se ele não se identificasse antes, mostram-se dispostas a dar ouvidos a líderes religiosos auto-nomeados, de fala macia, sem lhes pedirem quaisquer credenciais...

Mas Deus não quis deixar os seus filhos à mercê de uns falsários religiosos. Proveu os seus mensageiros autênticos de credenciais inequívocas. Tanto no caso de Moisés, Elias ou Eliseu, no Antigo Testamento, como no do Filho de Deus feito Homem, Jesus Cristo, no Novo Testamento, Deus sempre dotou os seus mensageiros de um penhor da sua auto-

ridade: por intermédio deles, realizou milagres que provavam irrefutavelmente a origem divina da doutrina que pregavam.

Um milagre é um fato visível que só Deus poderia levar a cabo. Existem, como é evidente, "milagres invisíveis" — milagres da graça que só se produzem no interior da alma —; mas, normalmente, ao falarmos de milagres, referimo-nos a coisas que podem ser vistas e *comprovadas* empiricamente, como a cura instantânea de um leproso, a transformação de água em vinho ou a ressurreição de um morto.

Quando Deus realiza um milagre, isso não significa que tenha "mudado de opinião" ou esteja tentando "corrigir um erro que cometeu". Ele mesmo estabeleceu as leis físicas que governam o Universo; planejou-as desde toda a eternidade e, desde toda a eternidade, previu também a possibilidade de admitir, de tempos a tempos, umas exceções a esta ou àquela lei, em função de determinadas circunstâncias e razões especiais. Assim, quis por exemplo desde toda a eternidade que Cristo ressuscitasse Lázaro dentre os mortos. Ora, quem tem poder para estabelecer uma lei, também tem poder para dispensar dela. Seria ridículo negar a Deus o direito de não obedecer às leis que Ele próprio estabeleceu.

É por esta razão que seria uma estupidez afirmar que os milagres não podem acontecer porque iriam "contra a natureza". Mesmo que prescindamos do fato de Deus ser o Senhor da natureza, podendo fazer dela o que bem entender, temos de ter em conta este segundo fato adicional: nem tudo o que contraria a natureza é necessariamente "anti-natural". Nós mesmos estamos continuamente a interferir com as leis da natureza: bombeamos água morro acima,

quando por natureza ela só poderia fluir para baixo; disparamos foguetes pelo espaço afora, contrariando a lei da gravidade, etc. etc. Ora, por que não haveria Deus de ter o mesmo direito de alterar o curso normal da natureza?

No entanto, há muitas pessoas — e com freqüência trata-se de pessoas muito inteligentes — que se recusam terminantemente a admitir a existência de milagres. É que os milagres têm o efeito de um fator irritante sobre o orgulho intelectual do ser humano, que quer entender *tudo* e não suporta ter de confessar que pode haver coisas situadas para além da compreensão humana. Além disso, aceitar a existência de um único milagre significa aceitar a existência de Deus, e da religião, e da lei moral, e de todas essas coisas que o pagão moderno considera tão desagradáveis.

Num relato muito conhecido, o famoso pesquisador e médico francês Alexis Carrel narra a viagem que certa vez fez a Lourdes, por pura curiosidade, pois na época era cético em matéria de religião. No trem, interessou-se por uma jovem que estava morrendo de tuberculose peritoneal. Examinou-a com cuidado e chegou à conclusão de que dificilmente chegaria viva ao término da viagem. Fez, porém, uma aposta consigo mesmo: se essa moça ficasse curada, passaria a crer nos milagres e em Deus. Alguns dias depois de terem chegado ao santuário de Lourdes, pôde efetivamente presenciar a cura instantânea dessa jovem. E o cientista passa então a contar a terrível luta que se travou no seu íntimo: como buscou, entre suores e justificativas interiores de todo o tipo, qualquer explicação natural plausível para eximir-se da sua promessa. Mas, por fim, vencido pela sua própria ho-

nestidade, acabou por dobrar os joelhos e balbuciar um ato de fé.

Infelizmente, porém, nem todos têm a honestidade do Dr. Carrel. Quando os inimigos de Cristo viram os milagres que realizava, afirmaram que os fazia pelo poder do demônio. O pagão moderno já não pode recorrer a essa explicação; como já não acredita no demônio, tem de limitar-se a afirmar que deve estar em jogo alguma lei natural que ainda não se conseguiu descrever satisfatoriamente. Basta que esperemos a ciência desenvolver-se um pouco mais e seremos capazes de explicar também os milagres. Pelo menos, é o que dizem; o que não são capazes de explicar, porém, é a razão pela qual essas "leis naturais desconhecidas" só atuam em benefício da religião; afinal de contas, se existissem, deveriam beneficiar também os ateus, pelo menos de vez em quando...

Os católicos não são mais crédulos que os ateus. A Igreja sempre se recusou terminantemente a aceitar como milagre qualquer fato que se pudesse explicar naturalmente. As curas instantâneas de casos de cegueira, surdez ou paralisia, que podem ter a sua origem em histerias ou doenças nervosas, por exemplo, nunca se aceitam como possíveis milagres. Mas um osso fraturado que se recupera instantaneamente, um pulmão tuberculoso curado em um único momento, um tumor maligno que desaparece repentinamente sem deixar vestígios ou metástases — são fatos diante dos quais só um homem que prostituiu a sua razão é capaz de negar a intervenção divina.

É evidente que sempre haverá quem diga: "Mesmo que visse, não acreditaria". Mas qualquer homem de boa vontade, quando confrontado com a evidência de que Deus realizou milagres para dar autoridade à

sua Palavra, estará disposto a prestar-lhe ouvidos e a dizer: "Sim, Senhor, eu creio em Ti".

## AS "CREDENCIAIS" DE CRISTO

Suponhamos que eu seja do tipo desconfiado. Alguém toca a campainha da minha porta e pede que o deixe entrar, apresentando-se como jornalista. Pergunto-lhe pelas credenciais, e ele mostra-me a sua carteira de repórter e a sua identidade. Mas, como percebe que ainda hesito, pede-me que telefone para o diretor do jornal em que trabalha. "Descreva-me", diz, "e o meu chefe lhe dirá que não sou nenhum lunático". Tomando a sua recomendação ao pé da letra, ligo para o editor, que me confirma: "Não só é um dos nossos melhores repórteres, como é o meu próprio filho".

A não ser que eu sofra de algum distúrbio mental, terei de aceitar semelhante evidência e deixar de lado as dúvidas. Posso continuar a não ter o menor interesse em ser entrevistado por um jornalista, e conservo também o direito de bater-lhe com a porta na cara; mas, se estiver no uso da minha razão, não posso duvidar do fato de que *realmente se trata de um repórter.*

Analogamente, Cristo proclamou de maneira inequívoca que era Deus: *Eu e o Pai somos um* (Jo 10, 30). Se examinarmos as suas credenciais, não descobriremos, quer no seu caráter, quer nos seus ensinamentos, o menor vestígio das estridências que seriam inevitáveis se se tratasse de um impostor ou de um megalomaníaco. Pelo contrário, a nobreza das suas palavras e ações só reforça ainda mais a credibilida-

de do que afirmou a respeito de si mesmo. No entanto, Ele quis que tivéssemos uma certeza completa, que não admitisse sequer a menor sombra de dúvida; e assim, mediante os milagres que realizou, mostrou que o seu Pai respaldava a autoridade das suas palavras. Porque os milagres são algo que só Deus pode realizar, e o Deus da Verdade jamais operaria prodígios em benefício de um charlatão; portanto, os genuínos milagres feitos pelas mãos de Cristo constituem a prova definitiva e incontestável da sua divindade.

O próprio Jesus expressou-o com toda a clareza diante dos seus inimigos, os líderes judeus: *Vós dizeis: Tu blasfemas, por eu ter dito: Sou Filho de Deus? Se eu não faço as obras de meu Pai, não me acrediteis; mas, se as faço, se não quereis crer em mim, crede nas minhas obras, para que saibais e reconheçais que o Pai está em mim e eu no Pai* (Jo 10, 36-38).

Todos conhecemos muito bem os milagres narrados pelos quatro Evangelhos. Lembremo-nos de que, por enquanto, apenas os estamos considerando como documentos históricos autênticos, não como livros inspirados. Há a transformação da água em vinho, a multiplicação dos pães e dos peixes, as curas de leprosos, a do homem que tinha uma mão seca, as do hidrópico e do paralítico, a ressurreição da filha de Jairo, a do filho da viúva de Naim e a de Lázaro. Estes são apenas alguns dos casos relatados, e os próprios Evangelistas nos dizem que não passam de uma pequena parcela dentre os inumeráveis milagres que Cristo realizou.

Evidentemente, não podemos considerá-los todos em detalhe; escolhamos apenas um: a cura do cego de nascença, que pedia esmola na escadaria exterior do Templo. Foi um milagre especialmente irritante

para os fariseus, porque teve lugar diante de uma imensa multidão, e porque todas as pessoas que freqüentavam o Templo conheciam esse cego. Foi um dos milagres que os inimigos do Senhor não podiam ocultar nem explicar, e por causa disso foi um dos milagres que selaram a sua sentença de morte.

Mas, para nós, trata-se de um milagre particularmente útil, porque responde a todas as objeções que os incrédulos costumam fazer a fim de desacreditar os milagres de Cristo. Em primeiro lugar, esse homem *nascera* cego; portanto, a sua cegueira tinha sido causada por alguma lesão orgânica, e não podia ser produto de uma doença nervosa; não se tratava de uma cegueira que pudesse ser curada por um forte choque emocional. Aliás, *não houve nenhum choque emocional*, porque o cego não conhecia Jesus nem lhe pediu que o curasse. O Senhor simplesmente parou junto dele, aplicou-lhe um pouco de barro nos olhos e disse-lhe que fosse lavá-los na piscina de Siloé, que ficava nas imediações. Por essa pequena cerimônia, Cristo parece ter querido chamar deliberadamente a atenção para o milagre. Mesmo depois, quando os circunstantes perguntaram ao curado quem tinha sido o seu benfeitor, ele só soube dar-lhes respostas vagas: *Aquele homem, que se chama Jesus...*

Portanto, fica definitivamente descartada a hipótese de que poderia tratar-se de uma dessas "curas pela fé", que efetivamente não são raras, porque se trata de curas de doenças cuja origem reside em algum tipo de perturbação emocional. Também não podemos explicar o milagre como uma ilusão por parte dos que o presenciaram: havia demasiadas testemunhas para que pudesse ter havido algum engano. E até a teoria de um "hipnotismo em massa" ou de uma "ilusão co-

letiva" cai por terra, porque entre essas testemunhas se encontravam alguns dos mais acirrados inimigos de Cristo, pessoas que não estavam dispostas de forma alguma a deixar-se enganar ou hipnotizar. Apesar do seu ódio furioso, nenhum deles procurou negar a realidade do milagre. Na sua ira e frustração, só conseguiram encontrar um pretexto para condenar a ação do Senhor: a circunstância de Ele a ter realizado num sábado, o dia reservado para o descanso...

O relato completo deste milagre encontra-se no capítulo nono do Evangelho de São João. Mas há ainda outro milagre, mais grandioso do que esse, mais grandioso do que qualquer outro milagre realizado por Cristo com a finalidade de provar que era Deus: o milagre da sua própria Ressurreição dentre os mortos. No entanto, antes de falarmos desse milagre entre os milagres, convém que consideremos o testemunho que o Senhor deu de si mesmo.

# CRISTO PROCLAMA A SUA DIVINDADE

## O TESTEMUNHO DO SENHOR

Alimentar dúvidas voluntárias acerca da fé, ou procurar a todo o custo contra-sensos nas verdades ensinadas pela doutrina católica é, evidentemente, um pecado, porque se está insultando a Deus. E este insulto é muito maior do que seria o de um homem que, sem ter a menor razão para duvidar da fidelidade da sua esposa, se empenhasse em encontrar provas de um pretenso adultério cometido por ela.

No entanto, é igualmente claro que não constitui nenhum pecado esforçarmo-nos por conhecer e por compreender as evidências racionais que vêm em apoio da nossa fé. A fé é uma graça, um dom de Deus, mas encontra-se ao mesmo tempo arraigada na razão. Deus dotou-nos de inteligência, e espera de nós que façamos bom uso dela. Exige de nós que acreditemos nEle sem questionamentos, mas também quer que saibamos *por que* cremos.

Chegados a este ponto, convém rememorarmos os passos que demos até agora no sentido de demonstrar até que ponto é razoável a fé católica. Como um homem que constrói a sua casa, começamos por lançar os fundamentos, e a seguir levantamos as paredes as-

sentando um tijolo sobre outro. A partir do universo que nos rodeia, provamos de maneira suficiente a existência de Deus, a sua natureza — que é um Espírito puro, Infinito e Eterno —; demonstramos que nós próprios temos também uma alma espiritual e imortal, e que a Lei Natural exige de nós que, pela nossa condição de criaturas racionais e livres, prestemos ao Criador as homenagens de honra e obediência que se costumam englobar na virtude da religião.

Por outro lado, vimos também que tínhamos necessidade de que Deus se manifestasse e nos falasse a respeito de si mesmo, por causa da fraqueza do intelecto humano e da impossibilidade prática em que os homens se encontram de alcançar por si sós um conhecimento correto dEle. No entanto, como também era preciso que Deus nos protegesse de eventuais charlatães, demonstrando que era realmente Ele quem se estava manifestando, chegamos à conclusão que somente os milagres autênticos poderiam constituir a prova dessa comunicação divina. Examinamos a possibilidade de haver milagres propriamente ditos, isto é, ações que somente o infinito poder de Deus seria capaz de realizar. Por fim, debruçamo-nos sobre o livro que afirma conter as verdades que Deus revelou — a Sagrada Escritura —, estudando inicialmente apenas a sua validade como documento histórico digno de confiança, e chegando à certeza de que o é. Falta-nos ainda provar que se trata de um livro divinamente inspirado, que é a Palavra de Deus; e é o que passaremos a fazer agora.

Uma vez convencidos da autenticidade histórica e da credibilidade da Bíblia, e de que os milagres efetivamente acontecem, o passo seguinte será perguntarmo-nos: "Será que Deus realmente nos fala através

da Bíblia e, concretamente, através dos quatro Evangelhos?" Na verdade, esta questão equivale a perguntar: "Será que Jesus Cristo realmente é Deus?", pois são exatamente as palavras e as ações de Cristo o que os Evangelhos nos relatam.

"Jesus Cristo é realmente Deus?" Bem, em primeiro lugar, *Ele mesmo* proclamou de maneira insofismável que era Deus. No mundo de hoje, há muita gente que desejaria diluir um pouco a sopa do cristianismo, tirando-lhe todos os ingredientes sobrenaturais, a fim de torná-la "mais adequada ao gosto moderno". Afirmam que Cristo foi um homem muito santo, mas não propriamente Deus. Essas pessoas, no entanto, só conseguem embaraçar-se em contradições inextricáveis, porque Jesus proclamou de maneira tão inequívoca a sua divindade que, ou dizia a verdade, ou era um impostor ou lunático. Nenhum homem poderia ser "sábio e bom" e ao mesmo tempo pretender ser Deus.

Portanto, toda a fé cristã permanece firme ou cai pela base conforme a resposta que dermos à questão: "Jesus Cristo é Deus?" Nos Evangelhos, encontramos inúmeras passagens em que o Senhor nos responde que sim, que *é Deus*. E formula com tanta clareza essa pretensão que parece quase desnecessário citar exemplos concretos. Seja como for, é melhor não darmos nada por pressuposto.

Quando o Sumo Sacerdote judeu, na noite anterior à Paixão, o interpela solenemente diante dos seus juízes: *Eu te conjuro em nome do Deus vivo que nos digas se és o Cristo, o Filho de Deus*, Cristo responde com toda a simplicidade: *Tu o disseste* (Mt 26, 63). Os seus perseguidores não tiveram a menor dúvida quanto ao significado dessas palavras: condenaram imediata-

mente o Senhor à morte pelo crime de blasfêmia, isto é, porque ousara *fazer-se igual a Deus.*

Uma e outra vez, Cristo proclama ser um só com o Pai: *Porque assim como o Pai ressuscita os mortos e lhes dá vida, assim também o Filho dá vida àqueles que quer* (Jo 5, 21); *Eu e o Pai somos um* (Jo 10, 30); *Filipe, quem me vê, vê também o Pai* (Jo 14, 9). Louva São Pedro por confessar publicamente que Ele é o Filho de Deus (cf. Mt 16, 16-17). Proclama-se senhor do sábado (cf. Mt 12, 8), Juiz dos vivos e dos mortos (cf. Mt 25, 31), e perdoa os pecados em seu próprio nome, algo que só Deus pode fazer (Mc 2, 1-12). E, como supremo remate, atribui a si próprio as palavras que Deus usou ao aparecer a Moisés na sarça ardente, e que constituem a única definição válida de Deus. Naquela ocasião, Javé disse a Moisés: *Eu sou aquele que sou*; e Cristo, respondendo aos seus inimigos, diz: *Em verdade, em verdade vos digo: antes que Abraão fosse, Eu sou* (Jo 8, 58). Estas palavras provocaram tal irritação entre os seus adversários que, acusando-o de blasfêmia, pegaram em pedras para apedrejá-lo.

Este é, portanto, o testemunho indubitável de Cristo: "Eu sou Deus". Mas não poderia estar Ele involuntariamente enganado?

## UM FARSANTE, UM LUNÁTICO OU... DEUS

Não é raro que algum psicólogo se lance à tarefa de fazer a psicanálise de algum personagem histórico, como Napoleão ou Catarina da Rússia, e que acabemos por encontrar as suas conclusões em algum jornal ou revista popular. No entanto, tanto quanto

sei, ninguém ainda teve a temeridade de psicanalisar Cristo. Talvez a omissão seja devida a um sentimento de reverência pela sua figura, ou talvez à perfeita integração da sua Personalidade, que desencoraja qualquer tentativa de psicanálise.

Seja como for, o maravilhoso equilíbrio da Personalidade de Cristo é uma das melhores provas circunstanciais da sua natureza divina. Ninguém que admita a autenticidade histórica dos Evangelhos pode negar que Cristo proclamou ser Deus. Diante de uma pretensão tão enorme, somente são possíveis três hipóteses: ou Ele era um farsante, ou sofria de alucinações (isto é, estava louco), ou *dizia a verdade e, portanto, realmente era Deus*. A sua própria vida e ensinamentos tornam absurdas as duas primeiras hipóteses, e assim nos conduzem à insofismável conclusão de que, efetivamente, tem de ser Deus.

Nenhum farsante poderia ter vivido tanto tempo exposto continuamente ao escrutínio direto por parte da opinião pública, como Cristo o fez por três anos, sem deixar escapar alguma estridência aqui ou ali. Mais ainda se se encontrasse a toda a hora rodeado de inimigos à procura de pontos fracos que lhes permitissem denunciá-lo, como o fizeram os escribas e fariseus, que tentaram apanhá-lo em contradição uma e outra vez. E, ao fim a ao cabo, quando todas as cartas já estavam na mesa e os chefes judeus já tinham decidido que devia morrer, a única acusação que puderam encontrar contra Ele foi a de que se tinha proclamado Deus.

Justamente por causa da sua imensa bondade, Cristo, se por um lado suscitava um ódio atroz nos corações perversos, por outro despertava um amor apaixonado nos corações nobres. Assistimos ao desconcer-

tante espetáculo de uns homens que abandonam os seus lares e meios de vida apenas para poderem estar junto dEle: Pedro deixa de lado as suas redes e Mateus abandona o telônio ao simples chamado do Mestre. Vemos multidões imensas que o seguem até colinas desertas, e ali permanecem sentadas a seus pés o dia inteiro e até bem entrada a noite, arrebatadas pela sua pregação, a ponto de esquecerem a fome e o cansaço: tudo isso, só para poderem ouvir a sua voz. Era a beleza do seu caráter, tanto quanto a majestade das suas palavras, o que cativava dessa forma os seus ouvintes.

Tal como os seus inimigos de então foram incapazes de encontrar nEle a menor falta ou defeito, apesar de todo o seu esforço encarniçado, também os seus inimigos de hoje se vêem forçados a prestar a contragosto o seu tributo à nobreza da sua Personalidade. Foi um incrédulo do século passado, o famoso historiador William Locky, quem disse dEle: "Somente o cristianismo foi capaz de apresentar ao mundo um caráter ideal que, apesar de todas as reviravoltas históricas sucedidas ao longo de dezoito séculos, nunca deixou de inspirar um apaixonado amor aos corações dos homens".

Não, Cristo não foi um impostor, como também não foi um psicopata. Ninguém que sofresse de um desequilíbrio mental teria podido expressar as sublimes verdades que Ele proclamou: a Paternidade de Deus, a fraternidade universal de todos os homens, o perdão dos inimigos, a compaixão pelos fracos e ignorantes, o abandono na Providência divina. Ninguém, a não ser que estivesse dotado de uma Sabedoria inigualável, teria sido capaz de exprimir essas verdades de maneira acessível a um povo desprovido

de educação, como Cristo o fez nas suas parábolas, parábolas que até hoje constituem um modelo insuperável de clareza pedagógica: *O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo...*; *O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda...*; *Considerai os corvos: não semeiam, nem ceifam, nem têm despensa nem celeiro, e no entanto Deus os sustenta...*

As suas obras, tal como os seus ensinamentos, testemunham o extraordinário equilíbrio da sua Personalidade. Uma e outra vez, deu provas da sua serenidade e mansidão, quando se encontrava sob o ataque dos seus inimigos, quando lhe estendiam armadilhas verbais ou pegavam em pedras para apedrejá-lo. No entanto, não era nenhum fraco: quando foi necessário, lançou mão de um látego e, repleto de um apaixonado zelo pela honra da Casa de seu Pai, expulsou os vendilhões do Templo. Era um verdadeiro protótipo de delicadeza quando lidava com um pecador arrependido, um cego ou um leproso; mas transformava-se num severo e destemido defensor da justiça quando era preciso denunciar em público os fariseus pela sua hipocrisia e pela opressão a que submetiam o povo.

Nenhum destes fatos prova, em si mesmo, que Cristo é Deus. Mas, em conjunto, provam suficientemente que não era nenhum farsante, e que não sofria de mania de grandeza ao afirmar: *Eu e o Pai somos um*. Isto deixa-nos com a única saída possível, corroborada também pelos seus milagres: que estava, pura e simplesmente, *dizendo a verdade*; ou seja, que efetivamente Jesus Cristo é Deus.

# O MAIOR DE TODOS OS MILAGRES

## CRISTO MORREU REALMENTE?

*Se Cristo não ressuscitou, vã é a nossa pregação, e também vã a vossa fé* (1 Cor 15, 14): é nesta sentença lapidar que São Paulo resume a sua defesa do cristianismo. O próprio Cristo afirmou diversas vezes que ressuscitaria dos mortos; se efetivamente o fez, então é verdadeiro Deus; se não, a humanidade tem sido vítima de uma fraude sem paralelo ao longo destes vinte séculos.

Se efetivamente o fez, então é verdadeiro Deus. Porque Cristo não disse: "Serei ressuscitado dentre os mortos", como se pensasse que um poder externo a Ele agiria sobre o seu Corpo morto. Não, o que afirmou repetidas vezes foi: *Eu ressuscitarei dentre os mortos*, indicando que restauraria a vida do seu Corpo por meio do seu próprio poder, um Poder que pertence unicamente a Deus.

Ouçamos as suas palavras: *Não digais a ninguém o que vistes* — adverte aos Apóstolos depois da Transfiguração —, *até que o Filho do homem ressuscite dos mortos* (Mt 17, 9). Mais tarde, quando empreende com os seus discípulos a sua última viagem a Jerusalém, adverte-os: *O Filho do homem será entregue aos prín-*

*cipes dos sacerdotes e aos escribas, que o condenarão à morte. Entregá-lo-ão aos gentios para ser escarnecido, açoitado e crucificado, e ao terceiro dia ressuscitará* (Mt 20, 18-19).

Até os seus inimigos confirmaram que Cristo predissera a sua Ressurreição pelo seu próprio poder. Depois da Crucifixão, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus foram a Pilatos e pediram-lhe que mandasse guardar o sepulcro: *Senhor* — disseram —, *lembramo-nos de que aquele sedutor, quando ainda vivia, disse: Ressuscitarei depois de três dias* (Mt 27, 63).

A prova de que Cristo realmente ressuscitou depende da resposta que possamos dar a estas duas perguntas: em primeiro lugar, estaria realmente morto quando foi deposto no sepulcro, ou estaria apenas inconsciente? E, em segundo, era realmente Ele quem foi visto no terceiro dia e nos seguintes, ou será que os Apóstolos e as demais testemunhas foram vítimas de alucinações provocadas pela sua imaginação, especialmente excitada depois daqueles trágicos acontecimentos? Como já tivemos ocasião de ver, deve-se excluir a hipótese de uma fraude deliberada por parte dos Apóstolos, porque todos morreram mártires em testemunho da sua fé na Ressurreição; e a História não conhece nenhum outro caso de mentirosos que tivessem morrido em defesa das suas mentiras.

Jesus Cristo realmente estava morto quando foi colocado no sepulcro? Se não o estava, então simplesmente não existe sobre a face da terra nada que se assemelhe a um testemunho válido. Temos o testemunho dos soldados que Pilatos enviou para quebrarem as pernas dos três crucificados, a fim de lhes apressar a morte; assim poderiam ser tirados da cruz e enterrados ainda antes do pôr-do-sol. Muito bem: co-

mo Jesus já estava morto, não lhe quebraram as pernas. A seguir, temos o testemunho do soldado romano que cravou a sua lança no lado de Cristo, talvez com a mesma displicência com que um garoto que não tem nada para fazer se diverte a cravar o seu canivete numa árvore ou num mourão de madeira. Apontemos ainda, de passagem, que a medicina moderna confirma que o sangue e a água que correram dessa ferida do lado de Cristo mostram que esse golpe lhe atravessou o coração; a "água" corresponde ao líquido que se acumula no pericárdio de uma pessoa que sofreu sevícias físicas intensas, e o sangue ao que estava acumulado no próprio coração.

Temos, além disso, o testemunho de José de Arimatéia, que desprendeu o Senhor da cruz, e o de Maria e das suas companheiras, que prepararam o Corpo para o enterro. Jamais o teriam embalsamado com cem libras de substâncias aromáticas, envolvido com um sudário e umas faixas sufocantes, nem deposto num túmulo selado, se houvesse a menor indicação de que ainda respirava ou de que o seu coração continuava a bater.

Na verdade, se Cristo tivesse conseguido sobreviver às três horas que passou na cruz, depois de ter sido açoitado, coroado de espinhos e torturado durante toda uma noite; se tivesse conseguido sobreviver ao golpe de lança do soldado romano; se tivesse conseguido sobreviver, nesse estado, a cerca de quarenta horas de reclusão, com a cabeça e o corpo estreitamente envolvidos em panos, numa minúscula câmara rochosa selada por uma enorme laje de pedra — o próprio autor pode dar testemunho direto do ambiente sufocante que reina nessa câmara, mesmo quando se encontra aberta, pois celebrou a Santa Missa

ali —; se Cristo tivesse conseguido sobreviver a tudo isso sem morrer, então encontrar-nos-íamos diante de um milagre pelo menos tão portentoso como o da Ressurreição. Parece pouco razoável tentar escapar de um milagre substituindo-o por outro; mas, paradoxalmente, há inteligências tão orgulhosas e tão obstinadas que é exatamente isso o que fazem...

Mais ainda: temos também o testemunho negativo dos próprios inimigos de Cristo, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus. Quando estes souberam que o túmulo estava vazio, não supuseram nem por um instante que Cristo poderia ter recuperado a consciência e fugido do túmulo pelos seus próprios meios. Sabiam muito bem que ninguém estaria disposto a engolir semelhante explicação, e por isso limitaram-se a subornar os guardas para que dissessem terem os Apóstolos roubado o corpo enquanto eles dormiam.

Por fim, não foi nenhum Cristo mutilado ou agonizante quem se manifestou a Maria Madalena no Horto, na manhã da Ressurreição. Não foi nenhum Cristo exausto e cambaleante quem acompanhou os dois discípulos na estrada de Emaús. E também não foi nenhum Cristo torturado e contorcido de dor quem apareceu aos Apóstolos no Cenáculo, naquele mesmo domingo à noite.

Sim, não há a menor dúvida de que Cristo morreu de verdade. Nenhum júri imparcial, depois de ter escutado tantas evidências, hesitaria em chegar a esta mesma conclusão. Portanto, temos de passar à pergunta seguinte: "Será que Cristo realmente *ressuscitou* dentre os mortos — ou será que os pobres e crédulos Apóstolos se enganaram ao pensar que era Ele quem tinham visto?"

## *MEU SENHOR E MEU DEUS!*

Cremos nós realmente que havemos de desfrutar de uma felicidade imensa e inimaginável após a morte? Por que então nos custa tanto pensar na morte, como se fosse algo temível? Cremos realmente que Deus escuta cada uma das nossas orações e não deixa de dar resposta a nenhuma delas? Então por que a oração tantas vezes é o nosso último recurso nas situações de emergência, e por que rezamos com uma esperança tão morna de receber aquilo que pedimos? A resposta parece ser esta: que há determinadas coisas que aceitamos apenas de maneira intelectual, mas que não acabamos de absorver até o mais fundo do nosso ser. Ou, para dizê-lo de outra forma: cremos nessas coisas, mas apenas com a cabeça, não com o coração.

A nossa própria incapacidade, nesses casos, deveria ajudar-nos a compreender a incredulidade quase obstinada dos Apóstolos no momento em que se viram confrontados com o fato da Ressurreição do Senhor dentre os mortos. Cristo anunciara-lhes repetidas vezes que ressuscitaria ao terceiro dia, e até os seus inimigos estavam familiarizados com essa profecia. Não seria de esperar, nessas condições, que os seus amigos estivessem aguardando as notícias da sua Ressurreição com segura confiança?

No entanto, a realidade foi totalmente outra. Vemos as santas mulheres dirigirem-se ao sepulcro logo no domingo de manhã, para terminarem de embalsamar o corpo de Cristo, na suposição, portanto, de que continuava morto. Vemos Maria Madalena, profundamente transtornada ao verificar que o túmulo estava vazio, concluir num piscar de olhos que alguém deve-

ria ter roubado o corpo do Mestre; e, um pouco mais tarde, ao ver Jesus a seu lado, pensar que se tratava do hortelão. Vemos Pedro e João recusarem-se a acreditar nas mulheres que tinham vindo trazer-lhes a notícia, e depois correrem até o sepulcro para examinarem o local com os seus próprios olhos.

Os Evangelhos apresentam-nos também o "cabeçudo" Tomé a rejeitar o testemunho unânime dos outros dez Apóstolos que tinham visto o Senhor ressuscitado, e obstinar-se na negativa até o momento em que pôde introduzir os seus dedos nas chagas do Ressuscitado. Ouvimos os dois discípulos de Emaús queixarem-se amargamente da morte de Jesus ao próprio Cristo, que, sem ser por eles reconhecido, caminhava a seu lado... Não nos estranha nada, portanto, que Jesus tenha repreendido os Apóstolos, numa das ocasiões em que lhes apareceu, pela sua *incredulidade e dureza de coração, por não terem dado crédito aos que o tinham visto ressuscitado* (Mc 16, 14).

Nenhum juiz honesto, depois de interrogar testemunhas tão difíceis de convencer, duvidaria das suas afirmações por considerá-los vítimas de ilusões provocadas pela sua própria imaginação transbordante. No entanto, é exatamente esta a acusação que os ateus modernos, tão empenhados em eliminar qualquer vestígio do sobrenatural, fazem contra os Apóstolos. Esses críticos estão dispostos a negar custe o que custar qualquer possibilidade de a "religião" ser verdadeira, e portanto asseguram de olhos fechados que os Apóstolos e os outros discípulos *tinham de* estar ansiosamente à espera da Ressurreição de Cristo. Nessas condições, que poderia ser mais natural do que uns pobres pescadores crédulos e ignorantes confundirem aquilo que tinham visto realmente com o que

desejariam ter visto? Portanto, as "aparições" de Cristo *não podem* ter sido senão auto-ilusões fabricadas pela obsessão expectante de que estavam possuídos...

Como acabamos de ver, os Evangelhos mostram-nos exatamente o contrário. Mesmo depois de terem visto o Ressuscitado com os seus próprios olhos, os Apóstolos continuaram a duvidar. Esta foi a razão pela qual Cristo pediu que lhe dessem de comer, quando lhes apareceu no domingo à noite. O seu Corpo glorioso não tinha necessidade de alimento; mas quando os discípulos o viram comer o peixe e o favo de mel que lhe tinham apresentado, convenceram-se finalmente de não se encontrarem diante de um fantasma, de um espírito, de uma ilusão. Porque os fantasmas não comem, e as miragens não podem ser apalpadas por mãos humanas, como o Senhor insistiu que fizessem (Lc 24, 39-43).

Além disso, se essas aparições não passavam de um produto da imaginação daqueles que as presenciavam, não seria razoável que ocorressem apenas durante quarenta dias. Com efeito, depois desse período, já nenhum dos discípulos afirma tê-lo visto. Não, mentes iludidas não funcionam de maneira tão unânime. Tenhamos em conta, por outro lado, que Jesus não apareceu apenas a uns poucos amigos íntimos; São Paulo menciona uma multidão de cerca de quinhentas pessoas que estavam presentes pelo menos em uma ocasião (cf. 1 Cor 15, 6).

Portanto, se não quisermos invalidar radicalmente qualquer testemunho humano, teremos de reconhecer que não há um único fato histórico mais firmemente estabelecido do que a Ressurreição de Cristo. As tentativas de explicação inventadas por alguns incrédulos modernos são tão ridículas e contraditórias

como as dos fariseus, que subornaram os soldados destacados para guardar o túmulo, ordenando-lhes que dissessem que os Apóstolos tinham roubado o corpo enquanto eles — os soldados — dormiam. Apenas se esqueceram de um pequeno detalhe — ou então devem ter pensado que ninguém o perceberia —: uma pessoa adormecida não está em condições de saber o que realmente aconteceu enquanto dormia. Semelhante depoimento jamais seria aceito por um tribunal...

Sim, Cristo realmente morreu e realmente ressuscitou. E como Ele mesmo profetizara que a sua Ressurreição seria a prova final e definitiva da sua divindade, ninguém que não se obstine voluntariamente na cegueira poderá deixar de cair de joelhos diante dEle e de exclamar com Tomé: *Meu Senhor e meu Deus!*

# CRISTO FUNDOU UMA IGREJA?

## ISSO É TUDO?

Uma vez que deixamos solidamente estabelecido que Jesus Cristo é Deus, o passo seguinte será perguntarmo-nos: "Mas então, será que tudo terminou ali no Monte das Oliveiras, após a Ascensão? Cristo veio à terra para nos ensinar as verdades que Deus queria que conhecêssemos; a seguir, morreu na Cruz para redimir a humanidade dos seus pecados; e por fim ressuscitou e subiu aos Céus. E isso é tudo?"

Esta pergunta, por assim dizer, responde-se a si mesma. Sabemos muito bem que se isso "fosse tudo", hoje em dia não saberíamos mais nada acerca do conteúdo dos ensinamentos de Cristo e, com muita probabilidade, nem mesmo conheceríamos o seu Nome. Se Ele não tivesse fundado uma organização visível para preservar os seus ensinamentos e transmiti-los às gerações futuras, teria vivido e morrido em vão. Sabemos, além disso, que o amor de Deus se oferece a *todos* os homens, não só aos contemporâneos de Jesus. Pois bem, os ensinamentos e o sacrifício do Senhor somente teriam beneficiado os homens da sua geração se Ele não tivesse estabelecido algum meio pelo qual pudesse permanecer em contac-

to com as almas através das idades e até ao fim dos tempos.

Tudo isto parece tão evidente! Mesmo assim, há pessoas que afirmam crer em Cristo, e no entanto põem em dúvida ou negam a fundação da Igreja. Esta era, por exemplo, a tese defendida por um dos grandes pensadores protestantes alemães, Adolf Harnack (1851-1930). No seu livro sobre *A essência da religião*, esse autor afirma que o "Reino de Deus" que Cristo veio estabelecer sobre a terra, e ao qual se referiu tantas vezes, não era senão "uma bênção puramente religiosa, um vínculo interior da alma com o Deus do Amor". Harnack está morto, mas continua a ter muitos seguidores ainda hoje — todos aqueles que dizem: "Sim, a religião é uma coisa muito boa; mas não é preciso pertencer a uma Igreja para ser cristão".

Muito bem, vejamos então o que *Cristo* tem a dizer a este respeito. Será verdade que o Senhor pretendia criar uma instituição hierarquicamente organizada, à qual pertenceriam todos aqueles que viriam a crer nEle, e regida por uns pastores que teriam como dever transmitir as verdades ensinadas por Ele, administrar os Sacramentos instituídos por Ele e fazer cumprir as Leis por Ele promulgadas? Ora, foi exatamente isso o que fez. Não podemos, num espaço tão limitado como este, citar expressamente todas as passagens em que Cristo fala da sua Igreja; por isso, teremos de limitar-nos a indicar ao leitor, para que os confira por si mesmo no Novo Testamento, os trechos em que o Senhor exprime com toda a clareza a sua intenção.

São Mateus dedica todo o capítulo décimo do seu Evangelho a descrever os primeiros passos que o Mestre deu na fundação da sua Igreja: a escolha dos

doze Apóstolos, as instruções que lhes dá para pregarem em seu nome e a promessa de que Ele mesmo rejeitará aqueles que os rejeitarem. Em outra passagem, deixa bem claro que a sua Igreja terá o poder de governar e de administrar justiça: *Se ele* [o pecador obstinado] *não ouvir a Igreja, considera-o como um gentio ou um publicano. Em verdade vos digo: Tudo o que ligardes sobre a terra será ligado no céu; e tudo o que desatardes sobre a terra será desatado no céu* (Mt 18, 17-18).

Mais: a Igreja de Cristo será como uma rede que colhe toda a espécie de peixes, bons e maus (cf. Mt 13, 47); nela caberão todos os povos do mundo inteiro: *Ide, pois, ensinai todas as gentes, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo* (Mt 28, 19); durará até o fim do mundo (cf. Mt 13, 49) e será una e indivisa: *Eu não te rogo só por eles* [os Apóstolos], *mas também por aqueles que hão de crer em mim por meio da sua palavra; para que todos sejam um, como tu, Pai, o és em mim, e eu em ti, para que também eles sejam um em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste. Eu dei-lhes a glória que tu me deste, para que sejam um, como também nós somos um. Eu neles e tu em mim, para que sejam consumados na unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste* (Jo 17, 20-23).

Jesus não só deu à sua Igreja autoridade para pregar e governar em seu nome, mas também a incumbiu de administrar os *sacramentos*, através dos quais a sua graça chega às nossas almas. Não lhe ordenou somente que batizasse todas as gentes, como vimos acima, mas também que celebrasse o Santo Sacrifício e distribuísse a Sagrada Comunhão: *Fazei isto em memória de mim* (Lc 22, 19), disse, depois de ter ce-

lebrado pela primeira vez a Santa Missa na noite da Quinta-Feira Santa. E três dias mais tarde, conferiu também à sua Igreja o poder de perdoar os pecados em seu nome: *Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados. Àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos* (Jo 20, 22-23).

Não começamos nós a perceber como se vão assim delineando os contornos de uma associação organizada, visível, dos que seguem a Cristo — isto é, da Igreja?

## A PROMESSA DE CRISTO

Por outro lado, uma organização que aspire a ser duradoura tem que contar com alguma espécie de governo, de direção, especialmente se pretende realizar alguma coisa que valha a pena. E isto vale para qualquer organização, quer se trate do Rotary Club, de uma empresa ou de uma nação.

Uma vez que Cristo era Deus, será razoável supor que fosse pelo menos tão inteligente como qualquer ser humano. Uma vez que não veio à terra apenas para salvar as almas dos seus contemporâneos, mas as de *todos* os homens, enquanto houvesse almas por salvar, certamente dotou a organização que havia de representá-lo pelos séculos afora de um governo adequado. Essa organização que lhe permitiria chegar a todas as almas teria que estar provida de um governo claramente definido e capaz de perpetuar-se por si mesmo, independentemente dos caprichos e das modas humanas.

Assim, Cristo escolheu o Apóstolo Pedro como ca-

beça da sua Igreja nascente. Era sobre ele que todo o futuro governo da Igreja teria de apoiar-se.

Se há alguma coisa que aparece com toda a evidência nos Evangelhos, é justamente o fato de Pedro ser o chefe dos Apóstolos. Sempre que os nomes dos Doze são mencionados, é o de Pedro que encabeça a lista. Sempre que alguém tem de falar em nome do grupo, é Pedro quem toma a iniciativa. Sempre que Cristo escolhe alguns dentre os Doze para estarem presentes em alguma ocasião especial (como por exemplo na Transfiguração), Pedro encontra-se entre os escolhidos.

Foi o próprio Cristo quem conferiu esta primazia a Pedro — uma primazia que não se estendia apenas aos Apóstolos, mas a todo o *Reino de Deus*, como Jesus gostava de chamar a sua Igreja. São Mateus relata, no capítulo dezesseis do seu Evangelho, o famoso episódio em que o Senhor promete a Simão que fará dele a *rocha* sobre a qual há de edificar a sua Igreja. Num momento em que Jesus descansava com os Apóstolos, perguntou-lhes o que as pessoas diziam dEle. Falando cada qual por sua vez, responderam-lhe que uns o confundiam com João Batista, outros pensavam que fosse Elias ou Jeremias ou algum dos grandes Profetas que tivesse retornado à terra. Nesse momento, o Senhor faz-lhes a pergunta decisiva, que estivera preparando durante todo esse tempo: *E vós, quem dizeis que eu sou?* E Pedro responde sem vacilar: *Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo.* A sua fé na divindade do Mestre era rápida, firme e segura. E recebeu como recompensa um nome novo — até então, era conhecido somente como Simão, filho de Jonas —, e a promessa de que seria a suprema Cabeça da Igreja.

*Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas*, res-

ponde-lhe o Senhor, *porque não foram a carne e o sangue que te revelaram estas coisas, mas meu Pai que está nos céus*. Em outras palavras, diz-lhe que não foi graças à sua agudeza de visão ou de inteligência que conseguiu discernir a divindade de Jesus; a sua fé é, antes, uma graça especial de Deus, destinada a prepará-lo para a imensa responsabilidade que em pouco tempo há de recair sobre os seus ombros. *E eu te digo* — prossegue Jesus — *que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do reino dos céus, e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desatares na terra será desatado nos céus* (cf. Mt 16, 13-19).

A partir desse momento, Simão filho de Jonas será conhecido como Simão Pedro. Muitos chegarão até a esquecer o seu primeiro nome; será simplesmente Pedro, a Rocha. Será, para a Igreja de Cristo, o que as fundações são para uma casa: será o sólido alicerce que permitirá à casa do Senhor resistir a todas as tempestades; e será também o princípio de unidade que determina o que pertence à casa e o que não, pois qualquer estrutura que não assente sobre o mesmo alicerce não pode ser considerada parte da mesma casa.

Mas é especialmente com a metáfora das chaves que Cristo deixa clara a função de Pedro como governante do seu Reino. Desde tempos imemoriais, as chaves têm sido o símbolo do poder de governar. Aquele que tem o poder de abrir e fechar os portões, de prescrever quem deve ficar fora e quem pode entrar, é quem detém a suprema autoridade. Ainda hoje lançamos mão desse mesmo simbolismo quando oferecemos a uma personalidade de relevo as "chaves da ci-

dade". Nesse episódio se encerrava, portanto, a *promessa* feita pelo Senhor de que estabeleceria uma autoridade capaz de governar a sua Igreja. Haveria de dar-lhe cumprimento um pouco mais tarde, depois da sua Ressurreição.

## ALICERCE E PASTOR

Jesus deu cumprimento a essa promessa no dia em que apareceu pela terceira vez aos Apóstolos. Ouçamos o que diz São João no capítulo vinte e um do seu Evangelho: *Quando acabaram de comer, disse Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes? Ele disse-lhe: Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo. Disse-lhe: Apascenta os meus cordeiros. Disse-lhe outra vez: Simão, filho de João, amas-me? Ele disse-lhe: Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo. Disse-lhe: Apascenta as minhas ovelhas. Disse-lhe pela terceira vez: Simão, filho de João, amas-me? Pedro entristeceu-se de que pela terceira vez lhe perguntasse: Amas-me? E disse-lhe: Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que eu te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta as minhas ovelhas* (Jo 21, 15-17).

Foi depois de uma profissão de fé especialmente ardente que Cristo prometeu a Pedro o governo da sua Igreja. Agora, exige dele uma manifestação três vezes reiterada do seu amor antes de lhe confiar esse comando. Pedro há de ser o Pastor Supremo de todo o rebanho de Cristo, cordeiros e ovelhas, isto é, fiéis, sacerdotes e bispos. Representará na terra o próprio Cristo, o Bom Pastor, o Supremo Pastor.

Conhecemos bem o resto da história: São Pedro acabou por estabelecer-se em Roma, capital do mun-

do de então, como bispo daquela cidade. Ali morreu mártir, por ocasião da perseguição organizada por Nero. São Lino sucedeu-lhe como bispo de Roma, sucedendo-lhe também automaticamente como Cabeça da Igreja. Uma vez que o Senhor estabeleceu a sua Igreja como uma sociedade visível e permanente dotada de uma só cabeça, segue-se que o primado conferido a São Pedro também tem de ser *permanente*, ou seja, transmitido aos seus sucessores até ao fim dos tempos.

Não existe nenhum poder sobre a terra com autoridade suficiente para mudar a constituição que Cristo deu à sua Igreja, pois foi o mesmo Cristo quem a estabeleceu desta forma. Como Pedro morreu em Roma sendo bispo daquela cidade, é o bispo de Roma que será para sempre o Pastor Supremo da Igreja. Mesmo que a totalidade dos bispos, sacerdotes e fiéis votasse unanimemente contra este estado de coisas, não teria o direito de modificá-lo. A cidade de Roma pode vir a ser destruída algum dia, e o bispo de Roma ter de residir noutro lugar; mas, enquanto houver homens sobre a terra, o homem que governar espiritualmente a sede que Pedro um dia governou será também o Vigário de Cristo sobre a terra *.

Desde os tempos de Martinho Lutero, os teólogos protestantes viram-se forçados — como era lógico —

---

(*) Convém notarmos que uma pessoa não se torna bispo de Roma ao ser eleito Papa, mas ao inverso: torna-se Papa ao ser escolhido bispo de Roma. Antigamente, eram o clero e o povo de Roma que escolhiam o seu bispo e, portanto, o Papa. Desde o século XI, porém, a escolha do bispo de Roma passou a depender do Colégio de Cardeais; mas se, por alguma circunstância extraordinária ou uma catástrofe, o Colégio Cardinalício deixasse de existir, o direito de escolher o bispo de Roma reverteria para o clero da diocese de Roma.

dade". Nesse episódio se encerrava, portanto, a *promessa* feita pelo Senhor de que estabeleceria uma autoridade capaz de governar a sua Igreja. Haveria de dar-lhe cumprimento um pouco mais tarde, depois da sua Ressurreição.

## ALICERCE E PASTOR

Jesus deu cumprimento a essa promessa no dia em que apareceu pela terceira vez aos Apóstolos. Ouçamos o que diz São João no capítulo vinte e um do seu Evangelho: *Quando acabaram de comer, disse Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes? Ele disse-lhe: Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo. Disse-lhe: Apascenta os meus cordeiros. Disse-lhe outra vez: Simão, filho de João, amas-me? Ele disse-lhe: Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo. Disse-lhe: Apascenta as minhas ovelhas. Disse-lhe pela terceira vez: Simão, filho de João, amas-me? Pedro entristeceu-se de que pela terceira vez lhe perguntasse: Amas-me? E disse-lhe: Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que eu te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta as minhas ovelhas* (Jo 21, 15-17).

Foi depois de uma profissão de fé especialmente ardente que Cristo prometeu a Pedro o governo da sua Igreja. Agora, exige dele uma manifestação três vezes reiterada do seu amor antes de lhe confiar esse comando. Pedro há de ser o Pastor Supremo de todo o rebanho de Cristo, cordeiros e ovelhas, isto é, fiéis, sacerdotes e bispos. Representará na terra o próprio Cristo, o Bom Pastor, o Supremo Pastor.

Conhecemos bem o resto da história: São Pedro acabou por estabelecer-se em Roma, capital do mun-

do de então, como bispo daquela cidade. Ali morreu mártir, por ocasião da perseguição organizada por Nero. São Lino sucedeu-lhe como bispo de Roma, sucedendo-lhe também automaticamente como Cabeça da Igreja. Uma vez que o Senhor estabeleceu a sua Igreja como uma sociedade visível e permanente dotada de uma só cabeça, segue-se que o primado conferido a São Pedro também tem de ser *permanente*, ou seja, transmitido aos seus sucessores até ao fim dos tempos.

Não existe nenhum poder sobre a terra com autoridade suficiente para mudar a constituição que Cristo deu à sua Igreja, pois foi o mesmo Cristo quem a estabeleceu desta forma. Como Pedro morreu em Roma sendo bispo daquela cidade, é o bispo de Roma que será para sempre o Pastor Supremo da Igreja. Mesmo que a totalidade dos bispos, sacerdotes e fiéis votasse unanimemente contra este estado de coisas, não teria o direito de modificá-lo. A cidade de Roma pode vir a ser destruída algum dia, e o bispo de Roma ter de residir noutro lugar; mas, enquanto houver homens sobre a terra, o homem que governar espiritualmente a sede que Pedro um dia governou será também o Vigário de Cristo sobre a terra *.

Desde os tempos de Martinho Lutero, os teólogos protestantes viram-se forçados — como era lógico —

---

(*) Convém notarmos que uma pessoa não se torna bispo de Roma ao ser eleito Papa, mas ao inverso: torna-se Papa ao ser escolhido bispo de Roma. Antigamente, eram o clero e o povo de Roma que escolhiam o seu bispo e, portanto, o Papa. Desde o século XI, porém, a escolha do bispo de Roma passou a depender do Colégio de Cardeais; mas se, por alguma circunstância extraordinária ou uma catástrofe, o Colégio Cardinalício deixasse de existir, o direito de escolher o bispo de Roma reverteria para o clero da diocese de Roma.

a negar a jurisdição suprema do bispo de Roma. Passaram a interpretar as palavras de Cristo que vimos acima no sentido de que implicariam apenas um primado de honra, não um primado de autoridade; Pedro seria, assim, apenas o "primeiro entre iguais". É evidente, por um lado, que semelhante explicação violenta o sentido autêntico das palavras do Senhor; por outro, contradiz frontalmente a evidência fornecida pelos mais antigos escritores cristãos.

A assim chamada *supremacia papal* não constitui nenhuma usurpação praticada pelos bispos de Roma que sucederam a São Pedro. São Clemente I, eleito Papa ainda em vida do Apóstolo São João, escreve aos cristãos de Corinto, na Grécia, ordenando-lhes que recebam de volta o bispo da sua cidade, a quem haviam expulsado. E Santo Ireneu, outro escritor cristão dos primeiros séculos, discípulo de São Policarpo, que por sua vez fora ordenado bispo pelo mesmo Apóstolo São João, escreve: "É com esta Igreja [a de Roma], por causa da sua suprema autoridade, que todas as outras Igrejas têm de estar de acordo — isto é, todos os fiéis, onde quer que se encontrem". E estas são apenas duas entre as muitas vozes que se erguem do mais remoto passado para proclamar em uníssono com os cristãos de todos os tempos: "Onde está Pedro, ali está a Igreja!"

# O DESENVOLVIMENTO DA IGREJA

## UM MILAGRE HISTÓRICO

Se tivéssemos estado presentes no dia da Ascensão do Senhor, no Monte das Oliveiras, e tivéssemos ouvido Cristo ordenar aos Apóstolos que fossem por todo o mundo e fizessem discípulos seus em todas as nações, provavelmente pensaríamos que lhes estava confiando uma missão impossível de cumprir. Aqueles homens não eram nenhuma equipe promissora de vendedores profissionais. Eram uns meros pescadores da Galiléia, de fala rude, relativamente ignorantes, sem o menor treino na arte da eloqüência, sem nenhuma desenvoltura para se moverem na melhor sociedade e sem prestígio algum. Que possibilidade tinham de pôr o mundo de pernas para o ar?

Porque era exatamente isso o que Cristo lhes pedia: que transformassem o mundo de alto a baixo. É muito bonito falar das "sublimes verdades" do cristianismo, pois nem por serem sublimes deixam de ser muitíssimo duras e exigentes. E não o eram menos para o mundo de então, um mundo pagão no sentido mais estrito da palavra: cobiçoso, cruel e sexualmente apodrecido. Compreendia todo o norte da África, o sudoeste da Europa e o Oriente Médio, isto é, todas as regiões adjacentes ao Mediterrâneo e dominadas pelo Império Romano.

A religião predominante era um tipo mais ou menos cru de idolatria. Veneravam-se inúmeros deuses, via de regra muito complacentes com as fraquezas humanas... porque Júpiter e Juno, Vênus e Marte, por mais olímpicos que fossem, tinham também as suas fraquezas. Tão rebaixado estava o culto a esses deuses que a prostituição era praticada nos templos como um ritual sagrado... e rendoso.

O senso da dignidade humana brilhava pela sua ausência: dois terços da população do Império eram constituídos por escravos, sobre os quais os seus donos tinham direito de vida e morte. A vida humana não tinha valor algum: um pai de família tinha todo o direito de matar os seus próprios filhos, se lhe desse na veneta. O casamento não passava de uma cerimônia social; para divorciar-se de uma mulher, bastava ao marido pô-la de portas para fora. Perante o direito, as mulheres eram servas dos homens, e muitas vezes não passavam de instrumentos para o seu prazer.

Esse era o mundo que aquele pobre punhado de homens devia transformar. Em face da escravidão, deviam proclamar a dignidade inviolável de todos os seres humanos. Em face do desprezo pela vida humana, deviam pregar o direito exclusivo de Deus de dispor dela. Em face do divórcio fácil, da condição servil da mulher e da luxúria desenfreada, deviam pregar a santidade do matrimônio, o verdadeiro ideal da feminilidade e a obrigação da castidade. Em face da lei do mais forte, deviam pregar a justa e imutável Lei de Deus. Em face da mentalidade do "olho por olho, dente por dente", que erigia a vingança, o prazer, o egoísmo e a violência em princípios morais, deviam pregar — e sem dúvida era esta a mais dura

das exigências cristãs — o amor aos inimigos e o perdão das injúrias.

É um milagre histórico — um autêntico milagre moral — que os Apóstolos tenham não só empreendido tamanha tarefa, mas alcançado êxito nela, apesar da feroz oposição da autoridade romana. Caminhando humildemente por campos e cidades, pregavam a Palavra de Deus a quem quisesse ouvi-la. O fogo do amor divino que lhes abrasava o coração incendiava também o dos seus ouvintes. É verdade que Cristo lhes dera o poder de fazer milagres em seu nome, como prova da autenticidade da sua missão; mas, ao fim e ao cabo, as melhores credenciais desses homens foram a intensidade da sua fé, o seu zeloso amor, a sua perseverança obstinada em enfrentar inimigos impossíveis de vencer.

À medida que partiam de uma cidade para se dirigirem à seguinte, deixavam atrás de si um sólido núcleo de cristãos batizados, que por sua vez se convertiam em apóstolos dos seus companheiros: com a sua completa dedicação à causa de Cristo, estes discípulos ampliavam pouco a pouco o círculo dos fiéis ao seu redor; reunidos em torno do seu pastor ou "presbítero" — os atuais sacerdotes e bispos —, ordenado pelos Apóstolos antes da partida, celebravam os mistérios eucarísticos — a Santa Missa — e cresciam constantemente no conhecimento e no amor de Cristo.

Os imperadores romanos promulgaram diversas leis condenando a prática da religião cristã. Todo aquele que fosse acusado de ser cristão tinha de optar entre oferecer um sacrifício aos deuses pagãos ou morrer de uma morte cruenta e dolorosa. Os neófitos cristãos foram decapitados, feitos em pedaços pelas

feras ou crucificados às dezenas, às centenas, aos milhares. Aceitavam sorrindo e cantando essa morte física que lhes abria as portas da vida eterna. E o sangue desses mártires converteu-se em semente de cristãos. Quanto maior o número dos que morriam, maior era o número dos que vinham substituí-los.

E assim a Igreja cresceu, e os deuses pagãos foram caindo dos seus pedestais, até que, no ano 313, o imperador Constantino reconheceu a nova religião e decretou o fim das perseguições oficiais. O mundo, na sua maioria, tornara-se cristão. É um fenômeno sem precedentes e sem paralelo na História. Também o islamismo se espalhou rapidamente — mas foi uma religião propagada pela espada; além disso, como a fé muçulmana oferece um código moral relativamente fácil e pouco exigente, e o céu maometano é concebido em termos de satisfações carnais e prazeres dos sentidos, as tribos árabes conquistadas pelos cavaleiros de Alá não tiveram muita dificuldade em abraçar essa doutrina.

Em contrapartida, a vitória do cristianismo, com o seu exigente código moral, pregado por homens rudes e iletrados que tiveram de enfrentar uma oposição sangrenta, é um milagre que somente a continuada presença de Cristo na sua Igreja é capaz de explicar. É um verdadeiro milagre que demonstra também a origem divina da Igreja.

## A "CONSTITUIÇÃO" DA IGREJA

Quando os *Founding Fathers* se reuniram em Filadélfia, no ano de 1787, para redigir a Constituição dos Estados Unidos da América, procuraram estabe-

lecer os princípios básicos que deveriam nortear o futuro desenvolvimento e expansão do país, deixando-lhe no entanto a liberdade de adaptar-se às necessidades futuras. Washington, Hamilton, Madison e os outros limitaram-se a delinear os pontos essenciais que permitiriam salvaguardar os direitos de todos os cidadãos. Feito isso, deixaram às gerações vindouras a tarefa de desenvolver e adaptar as estruturas de governo às necessidades e exigências que se apresentassem a cada momento, confiando em que a Constituição por eles redigida seria respeitada, evitando-se assim infrações aos direitos essenciais.

A Assembléia Constituinte de 1787 não previu, por exemplo, que em 1913 deveria ser instituído o imposto federal sobre a renda, ou que em 1953 deveria criar-se um novo cargo ministerial, o de Secretário da Saúde Pública e do Bem-estar. No entanto, quando se tomaram essas medidas, tomaram-se dentro dos limites estabelecidos pela Constituição.

Cristo agiu de forma análoga ao estabelecer a "Constituição" da sua Igreja. Determinou que deveria ter um governo hierárquico, formado pelos Apóstolos e pelos seus sucessores, hoje conhecidos como bispos. Estabeleceu uma cabeça suprema na pessoa de São Pedro e dos seus sucessores, hoje conhecidos como Papas. Instituiu os sete Sacramentos, através dos quais a sua graça poderia ser aplicada a cada alma individualmente. Confiou de maneira preeminente a Pedro — ao Papa — e, na medida em que se encontrassem unidos a ele, a todos os Apóstolos — os bispos — o dever e o direito exclusivo de pregarem a sua doutrina e de interpretarem as suas palavras. E conferiu-lhes também o poder de "atar e desatar", isto é, de ditar leis e impor sanções na medida em

que fosse necessário para uma salutar direção das almas.

Uma vez concluído esse trabalho, uma vez estabelecida essa "Constituição" da sua Igreja, Cristo deixou aos Apóstolos e seus sucessores a tarefa de desenvolver os detalhes de governo e de praxe que melhor se adaptassem a cada época e circunstâncias particulares. A Igreja não tem, portanto, o direito de propor aos fiéis nenhuma doutrina que não esteja contida pelo menos de maneira implícita nos ensinamentos do próprio Cristo; não poderá nunca abolir o ofício de bispo; jamais poderá criar outros Sacramentos além dos sete que lhe foram confiados, ou suprimir algum deles. Em contrapartida, porém, Cristo nunca se ocupou em prescrever os limites que deveriam ter as diversas dioceses; não instituiu o Colégio Cardinalício; não detalhou o modo como se deveria administrar cada um dos Sacramentos; nem recomendou que a teologia de Tomás de Aquino fosse o principal instrumento de análise e de ensino da doutrina católica.

Vale a pena fazer estes esclarecimentos, porque os ataques dos pagãos modernos contra o cristianismo se apóiam muitas vezes em mal-entendidos relativos a esses pontos. A argumentação costuma ser mais ou menos esta: Cristo foi, com efeito, um grande mestre religioso, talvez mesmo superior a Moisés, Confúcio ou Maomé, que ofereceu à humanidade um código ético de extraordinária nobreza. Mas depois vieram São João, São Paulo e muitos outros líderes cristãos dos primeiros tempos, que se serviram dos sublimes e despretensiosos ensinamentos de Cristo para os seus próprios fins. Misturaram a mensagem de Jesus com a filosofia grega, o direito romano e a

mitologia pagã, transmitindo-nos essa salgalhada que conhecemos sob o nome de cristianismo.

Há nesse arrazoado uma pitada de verdade suficiente para torná-lo plausível às mentes superficiais. Trata-se de mais um exemplo do conhecido processo de chegar a conclusões erradas partindo de princípios verdadeiros. É verdade que muitos pensadores cristãos dos primeiros tempos utilizaram com freqüência termos extraídos da filosofia grega para formularem as suas conclusões teológicas. É verdade que o direito e o gênio organizativo romanos foram usados para desenvolver a estrutura externa da Igreja. E é natural que fosse assim, pela simples razão de que tudo o que é bom e tudo o que é verdadeiro procede de Deus; por isso, a Igreja nunca deixou de tomar a seu serviço e de santificar todas as coisas boas e verdadeiras que encontrou onde quer que fosse, tanto no paganismo como no protestantismo, ou até no comunismo.

Os estadistas que fundaram os Estados Unidos da América em 1787 não tinham com certeza a menor idéia do que seria essa nação em fins do século XX. No entanto, dotaram-na de uma Constituição capaz de adaptar-se às necessidades e exigências dos tempos, sem deixar de ser um baluarte da liberdade política. Jesus Cristo, porém, que por ser Deus conhecia o futuro até o menor detalhe, *sabia muito bem* o que seria a sua Igreja em fins do século XX — e, na verdade, vem acompanhando pessoalmente cada passo do seu caminho. *Eu estarei convosco* — prometeu aos Apóstolos — *todos os dias, até o fim do mundo* (Mt 28, 20). E foi graças a Ele que o pequenino grão de mostarda — a comparação é do próprio Cristo — se desenvolveu como tinha previsto. Não se ne-

gou a absorver gás carbônico do ar e nitrogênio do solo. Espalhou os seus ramos por sobre toda a terra, e entre as suas folhas inúmeras almas encontram hoje abrigo seguro. No entanto, continua a ser nos nossos dias exatamente a mesma minúscula semente que o próprio Senhor plantou.

# A UNIDADE INDICA O CAMINHO

## UMA IGREJA É TÃO BOA COMO A OUTRA?

Uma vez estabelecidos os princípios, podemos agora passar a analisar os fatos concretos com que nos defrontamos diariamente. Sabemos que Cristo fundou uma Igreja, à qual deveriam pertencer todos os homens que viessem a crer nEle, uma organização visível destinada a transmitir, ao longo dos séculos, os seus ensinamentos e a sua graça a todos os homens. Muito bem; a questão seguinte que temos de enfrentar é: onde havemos de encontrar essa Igreja?

Como americano, estou familiarizado com o fato de haver centenas de organizações religiosas que se autoproclamam "Igrejas Cristãs": há os batistas, os metodistas, os presbiterianos, os luteranos e os episcopalianos, denominações todas elas bem conhecidas. Mas, além dessas, há dúzias de outras. O Almanaque Mundial relaciona mais de uma centena de denominações com um número importante de adeptos, além de milhares de subdivisões e de minúsculas seitas locais.

Muitas delas asseguram-nos que são a única e verdadeira Igreja fundada por Cristo. Mas antes de ana-

lisarmos essa contradição, bastante clamorosa em si mesma, convém "limparmos a área" ocupando-nos em primeiro lugar das numerosas igrejas protestantes que *não* pretendem ser a *única* Igreja de Cristo. Estas congregações costumam partir do princípio de que são *parte* da Igreja cristã total, e de que o papel de cada uma dessas partes consiste em dar testemunho de Cristo à sua maneira. Este modo de ver as coisas pode resumir-se numa dessas frases que ouvimos com tanta freqüência dos lábios dos nossos amigos protestantes: "É bom pertencer a alguma igreja. Precisamos ter uma religião. Mas, desde que você creia no Senhor e procure levar uma vida correta, na verdade pouco importa a que igreja pertence. Uma igreja é tão boa como a outra. Todos nos dirigimos para o mesmo fim; só que andamos por caminhos diferentes".

A resposta imediata e evidente para esta última observação é patente: com efeito, todos queremos chegar ao mesmo lugar, o Céu; e não há a menor dúvida de que trilhamos caminhos diferentes. Mas a questão, muito simplesmente, é esta: Qual desses caminhos *realmente* conduz ao Céu? Qual deles vai na direção certa?

Esta é a resposta mais evidente, dizíamos. Mas precisamos aprofundar um pouco mais o assunto, porque, no fundo, estamos diante de mais uma nova heresia, a do *indiferentismo* religioso, esse morno pressuposto de que uma igreja é tão boa como a outra. Aceitar semelhante afirmação significa, nada mais, nada menos, que negar implicitamente a existência de uma verdade objetiva. Porque, se doze igrejas diferentes ensinam doze coisas completamente diferentes entre si, e todas são igualmente boas, en-

tão a verdade deixa de ter qualquer valor como ponto de apoio sólido e permanente, deixa de ser eternamente imutável e sempre idêntica a si própria. Nessa perspectiva, a verdade converte-se em simples matéria de opinião; verdade é aquilo que me agrada.

No entanto, sabemos perfeitamente que a verdade *é objetiva*, é um valor imutável. Dois mais dois são quatro, e sempre serão quatro. Se alguém quiser pensar e proclamar que dois mais dois são cinco — bem, este é um país livre; mas nem por isso dois mais dois deixarão de ser quatro. Qualquer economia se converteria rapidamente num caos se decidíssemos que dois mais dois podem ser qualquer coisa que você queira, isto é, se decidíssemos que "uma soma é tão boa como a outra"...

Mas o assunto torna-se muito mais desastroso se decidirmos que a verdade religiosa é puramente relativa, porque, neste caso, o que está em jogo é infinitamente mais importante. Seria desastroso, e ao mesmo tempo seria irracional, porque simplesmente não pode haver uma verdade tão certa, uma verdade tão *verdadeira*, como a Verdade que o próprio Deus nos revelou.

Todas as verdades procedem de Deus, quer se trate de verdades matemáticas, científicas, filosóficas, etc., porque todas têm a sua origem nAquele que *é* a Infinita Verdade. Essas verdades de ordem menor, porém, não as conhecemos diretamente; temos que deduzi-las da evidência proporcionada pelo mundo que nos rodeia. Mas as verdades religiosas são diferentes, porque as recebemos diretamente, por Revelação, do próprio Deus. Portanto, são muitíssimo mais dignas de crédito do que todas as verdades que os homens descobriram pelo seu próprio esforço. Eucli-

des pode muito bem ter-se enganado; Newton pode muito bem ter-se enganado; Einstein pode muito bem ter-se enganado. Mas Deus não se engana.

Portanto, se pretendermos que dez, ou doze, ou cem igrejas ou religiões diferentes, que ensinam outras tantas doutrinas diferentes, são todas igualmente verdadeiras, estaremos dando férias à nossa razão... Talvez todas estejam erradas; mas, se há alguma que esteja certa, só pode ser uma e única. As verdades divinas são imutáveis e eternas, iguais para todas as pessoas e para todos os tempos. Mesmo que todos os homens decidissem, por votação unânime, que daqui por diante passaria a haver somente duas Pessoas em Deus, a Santíssima Trindade não se abalaria nem um pouco com isso. Se decidíssemos que Cristo é apenas um homem divinamente inspirado, mas não propriamente Deus, isto é, não tem a natureza divina — bem, nem por isso Ele deixaria de ser Deus.

Não devemos ser intransigentes com os nossos amigos não-católicos que seguem a sua religião de boa fé, obedecendo à voz da sua consciência à luz do que conhecem. Mas temos de ser intransigentes *com o erro*. Como seres racionais, não devemos e, como católicos, não podemos balançar a cabeça como quem concorda quando alguém nos diz simpaticamente: "Olhe, eu tenho muito respeito pelo catolicismo, mas acho que é bobagem discutir sobre religião. Afinal, todos nós estamos tentando servir a Deus, e no fundo não importa absolutamente nada a que igreja você pertence". O desejo de nos mostrarmos "compreensivos e abertos" poderia inclinar-nos a concordar com o nosso interlocutor; mas se o fizéssemos, ter-nos-íamos tornado traidores — traidores da razão,

traidores da nossa fé e traidores do nosso amigo, cuja salvação dificultamos.

## UNIDADE NA FÉ

"Por que você é católico?" Se alguém nos fizesse esta pergunta, qual seria a nossa resposta? Certamente (assim espero) não diríamos: "Ah, é só uma casualidade. Por acaso nasci no lar de uns pais católicos, e assim acabei naturalmente por seguir os passos deles".

Em primeiro lugar, sabemos muito bem — ao menos no mais íntimo do nosso coração — que Deus não nos deu o precioso dom da fé "por acaso", mesmo que se tenha valido de uns pais católicos como instrumentos para nos transmitir essa fé. Deus não faz nada "por acaso". Em segundo lugar, não é nada "natural" que, depois de nos termos tornado adultos, tenhamos continuado a professar a fé dos nossos pais.

Com efeito, milhões e milhões de pais metodistas, batistas e presbiterianos viram os seus filhos renegar, ao chegarem à idade adulta, a religião dos seus pais. Também não faltam católicos que presenciaram o mesmo fenômeno. Portanto, não faz o menor sentido afirmar que somos católicos porque os nossos pais o eram. Com certeza foram eles que, guiados pela mão de Deus, nos deram o empurrão inicial. Mas a questão continua em aberto: Por que somos católicos *hoje*?

Em primeiro lugar, porque, com o passar dos anos, fomos descobrindo como é *razoável* a nossa fé. A fé é, em si mesma, um dom de Deus; mas foi por termos percebido, à medida que a nossa inteligência crescia

em maturidade, a lógica intrínseca dessa fé, que nós lutamos por conservá-la e fortalecê-la contra todas as tentações e dúvidas humanas. Se fôssemos apanhados de improviso, talvez nos custasse formular em poucas palavras *por que* temos tanta certeza de que a Igreja Católica é a verdadeira Igreja fundada por Jesus Cristo. Mas as razões da nossa convicção estão ali, no fundo do nosso coração e da nossa mente, e a maioria de nós seria capaz de expressá-las adequadamente se nos dessem um pouco de tempo para analisá-las mais a fundo.

E quais são essas razões? Bem, uma das mais óbvias é que somente na Igreja Católica encontramos aquela *unidade* pela qual Cristo orou tão fervorosamente: *Que todos sejam um, como tu, Pai, o és em mim, e eu em ti, que também eles sejam um em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste* (Jo 17, 21).

Em primeiro lugar, na Igreja há *unidade de fé.* Não há nenhuma outra organização religiosa no mundo cujos membros estejam tão profundamente de acordo entre si quanto às verdades em que crêem. Independentemente da idade, raça ou grau de escolaridade, todos professamos as mesmas verdades religiosas. Uma criança católica de sete anos, nascida na Alemanha, crê exatamente nas mesmas verdades que um arcebispo americano de sessenta. O arcebispo certamente compreenderá melhor as causas e as implicações dessas verdades — e Deus sabe que responsabilidade tem de conhecê-las a fundo! —; mas, no que diz respeito ao seu conteúdo, tanto ele como a criança se encontram de pleno acordo.

Não é senão razoável exigir esta unidade doutrinal da verdadeira Igreja. Sabemos que tudo o que Deus

nos diz é verdade — verdade *para todos* e verdade *sempre*. Não há problema algum em ter opiniões as mais diversas em matéria de roupas, de comidas, de música ou de política; mas não temos o direito de escolher o que nos dá na veneta quando estamos lidando com a Verdade Absoluta. Se Deus disse que determinada coisa é assim, era assim ontem e será assim amanhã; se diz que é assado para mim, é assado também para o chinês que se encontra do outro lado do mundo.

Se começássemos a escolher, ao sabor dos nossos caprichos, as verdades divinas que aceitamos ou deixamos de aceitar; se disséssemos: "Eu gosto da idéia do Céu, mas não acho válida a do Inferno"; ou então: "Eu acredito em Cristo quando diz: *Quem crer e for batizado, será salvo. O que, porém, não crer, será condenado*, mas não creio nEle quando diz: *Isto é o meu Corpo* e *Isto é o meu Sangue*" — no momento em que começássemos a fazer semelhantes distinções, ou teríamos perdido totalmente o juízo, ou estaríamos negando a própria existência de qualquer autêntica verdade religiosa.

É precisamente por intuirmos com tanta clareza que a verdade só pode ser *una e única*, que temos tanta dificuldade em compreender essas confissões protestantes que consideram a fé religiosa como assunto opinável. Afirmar que cada pessoa pode ler a sua própria Bíblia e interpretá-la a seu bel-prazer, escolhendo somente aquelas partes da Escritura que lhe agradam, e depois acrescentar que *todos têm razão*, simplesmente não nos cabe na cabeça. Quando há seis pessoas sentadas no mesmo banco da mesma igreja, e essas seis pessoas têm seis idéias completamente diferentes acerca da religião nas suas respectivas ca-

beças, e mesmo assim se consideram membros fiéis e íntegros da mesma comunidade — bem, a partir desse momento, começamos a suspeitar que há algo de podre no reino da Dinamarca...

Deus sabe muito bem que nenhum de nós mereceu o maravilhoso dom da fé, que Ele mesmo nos confiou. Por isso, nenhum de nós jamais ousará orgulhar-se de possuí-la. Não poderemos nunca olhar com ar de superioridade para essas pessoas, menos afortunadas do que nós, que não receberam tamanha dádiva, por mais que saibamos estarem elas no erro. Tampouco temos o direito de ridicularizar as crenças religiosas que essas pessoas defendem e praticam de boa fé. Tomados de humilde gratidão, o que faremos é rezar por elas, a fim de que acordem para o fato de que a Verdade só pode ser única, sob pena de simplesmente não haver verdade. E quando o compreenderem, compreenderão também que a verdadeira Igreja de Cristo só pode ser aquela em que a *unidade de fé* constitui um sinal visível para todos, o sinal que indica o único caminho *.

---

(*) A *unidade de fé* tem o seu fundamento no Magistério infalível da Igreja, isto é, nas verdades ensinadas pelo conjunto dos bispos *em união* com o Romano Pontífice ou nos ensinamentos *ex cathedra* deste (cf. Conc. Vat. II, Const. Dogm. *Lumen gentium*, n. 25). O Autor aprofunda este tema no capítulo seguinte (N. do E.).

# UM SÓ ALTAR, UMA SÓ CABEÇA

## O MUNDO INTEIRO É A NOSSA CASA

Somente um católico pode sentir-se perfeitamente em casa — do ponto de vista religioso — onde quer que se encontre. Se tiver meios suficientes para custear uma viagem ao redor do mundo, encontrará Cristo à sua espera em qualquer porto em que ancore, em qualquer aeroporto onde o seu avião aterrisse: Cristo na Santa Missa, Cristo nos seus Sacramentos.

Quer se dirija ao México, à América do Sul ou ao Canadá; quer visite a Inglaterra, a Alemanha ou a França; quer vá à Austrália, ao Japão ou à Índia, aos Mares do Sul, aos esquimós ou à Costa do Marfim — em todas as cidades e em todas as partes encontrará o Santo Sacrifício da Missa à sua espera, por assim dizer "na próxima esquina". E o nosso viajante poderá sentir-se em casa.

No Japão, o sacerdote será de baixa estatura, magrinho e de tez amarelada; na Índia, ostentará um largo sorriso numa face cor de chocolate; na África, o seu rosto negro como o ébano estará coroado por um tufo de cabelo pixaim... Mas a Missa será por toda a parte a mesma. A língua em que se celebre tal-

vez seja diferente, e a igreja pode ser uma imponente catedral gótica ou uma pobre mas digna cabana construída com bambu e folhas de palmeira. Pouco importa. Porque o que não pode mudar é o que ali se realiza: o Santo Sacrifício do Corpo e do Sangue de Cristo, tão familiar ao nosso viajante como se estivesse sendo celebrado na igreja da sua própria paróquia.

Mesmo que não tenha muita facilidade para aprender idiomas estrangeiros, quase sempre poderá encontrar também um sacerdote que lhe ouça a confissão na sua própria língua. E, em último caso, sempre poderá ajoelhar-se diante do sacerdote, bater no peito e dizer: *Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa.* E a absolvição que o sacerdote lhe der, numa língua que o nosso viajante não será capaz de compreender, limpará a sua alma de todo o pecado, tal como se tivesse sido proferida pelo seu velho pároco com aquele tique de pronúncia tão familiar *.

Ao ajoelhar-se junto à grade da comunhão — se a houver —, ou sobre o chão de barro ou pedra, pouco lhe importará que os dedos que colocam a Sagrada Hóstia sobre a sua língua sejam castanhos ou amarelos, negros ou brancos, porque sabe que é sempre o mesmo Senhor Sacramentado quem vem unir-se assim à sua alma. E esse mesmo Pão da Unidade o vinculará também àqueles seus irmãos de outra raça, já não mais estranhos para ele, que se encontram ajoelhados ao seu redor. E é o mesmo Jesus Cristo que os seus amigos, lá na sua pátria distante, estão recebendo nesse mesmo dia.

---

(*) Neste caso, a confissão é válida, mas a pessoa ficaria obrigada a declarar todos os pecados mortais que não pôde confessar expressamente na primeira oportunidade que tiver (N. do E.).

Se por acaso contrair uma doença num país afastado, será o mesmo Senhor da Misericórdia quem virá visitá-lo mediante o Santo Viático. A Unção dos Enfermos que algum sacerdote desconhecido, de olhos compassivos, lhe administrará se piorar, infundir-lhe-á a mesma fortaleza que lhe seria infundida se se encontrasse entre os seus, na sua própria casa. E mesmo que venha a morrer do outro lado do mundo, um católico na verdade nunca terá uma morte solitária.

Que imenso significado não tem para nós tudo isto: a *unidade de culto* e a *unidade dos Sacramentos*! E muitas vezes não nos damos conta disso até o momento em que temos de empreender uma viagem internacional. Às vezes, tenho a impressão de que é necessário assistirmos a um Congresso Eucarístico Internacional ou outro acontecimento dessa índole, e vermos com os próprios olhos centenas de sacerdotes a ouvir confissões numa centena de línguas diferentes, para podermos tomar consciência do que é realmente a *universalidade* da Igreja.

Mais uma vez, esta é uma das características que naturalmente esperaríamos encontrar na verdadeira Igreja de Cristo. O Senhor não veio trazer um tipo de fé destinado aos ricos, outro aos pobres; estabelecer um tipo de culto para os latinos, outro para os anglo-saxões; oferecer um tipo de salvação aos brancos e outro aos negros. O Sacrifício que Ele instituiu, e os Sacramentos que nos deixou, são necessariamente os meios de santificação mais adequados à natureza humana na sua totalidade, e por isso têm de ser iguais para *todos* e estar ao alcance de *todos*.

Falamos acima da *unidade de fé* como sinal distintivo da Igreja fundada por Cristo, unidade que só se encontra na Igreja Católica. Ora, a *unidade de culto*

*e de Sacramentos* é simplesmente uma outra faceta desse mesmo sinal de origem divina. Mais uma vez, fora da Igreja Católica, não encontramos essa unidade em nenhuma outra igreja sobre a face da terra.

Costumamos aceitar este fato com toda a naturalidade, e atribuímos-lhe pouco valor. Na verdade, porém, trata-se de um fenômeno absolutamente único, o dessa fraternidade que nos faz sentir membros de uma mesma família, seja qual for o céu sob o qual nos encontremos.

## UM GUIA DE CONFIANÇA

Se você fosse fazer uma expedição para escalar alguma das grandes montanhas do mundo, digamos o Aconcágua ou o Everest, a primeira coisa que faria certamente seria procurar um bom guia. Não pensaria nem de longe em enfrentar sozinho esses imensos labirintos de encostas e vales, de florestas e geleiras, mesmo que dispusesse de uma boa bússola ou de uns bons mapas. Em regiões de população tão rarefeita, seria demasiado fácil perder-se e morrer de fome ou frio antes de ser encontrado por alguma expedição de busca.

Portanto, você contrataria um guia, e não qualquer um: procuraria um *guia competente*. Pouco lhe importaria que esse guia tivesse a pele clara ou pigmentada, que fosse alto ou baixo, gorducho ou magricela. A única característica que lhe interessaria seria esta: Este homem conhece realmente a região? Está familiarizado com os caminhos? Pode conduzir-me em segurança ao meu destino e depois trazer-me de volta em bom estado? Numa palavra: teria de ser um guia

*digno de confiança.* Porque, se você fosse pôr a sua vida nas mãos dessa pessoa, quereria ter a certeza de poder confiar inteiramente nela. Se ela não conhecesse a área melhor do que você, o resultado final poderia ser pior do que se você dependesse apenas da sua bússola e do seu bom senso!

Ora bem, Cristo estabeleceu a sua Igreja para que fosse o nosso guia na viagem que conduz ao Céu. Como dessa viagem através da vida rumo à eternidade depende tudo o que há de mais importante para nós, é fundamental podermos contar com um guia que conheça o caminho, do qual possamos depender, e que não cometa erros nas encruzilhadas essenciais. Quando se trata das verdades que devemos crer e das coisas que devemos fazer para chegar ao Céu, não podemos permitir-nos nenhuma brincadeira, porque o que está em jogo é um valor demasiado alto. Nesta jornada, acima de qualquer outra, precisamos de um guia digno de toda a confiança.

Por esta razão, qualquer pessoa razoável que esteja à procura da verdadeira Igreja de Cristo partirá do princípio de que essa Igreja tem de ser infalível: de que adiantaria se Cristo a tivesse criado, e depois não a preservasse de todo o erro nas matérias que dizem respeito à Salvação? Evidentemente, se a Igreja estivesse sujeita a cometer erros, hoje tivesse razão mas amanhã se enganasse, seria muito melhor que não existisse; neste último caso, pelo menos as pessoas poderiam tentar orientar-se pelo seu próprio instinto, e teriam alguma possibilidade de chegar ao seu destino.

Já sabemos que Cristo fundou uma Igreja; portanto, a lógica mais elementar obriga-nos a admitir que essa Igreja possuirá a qualidade da *infalibilidade*, ou

seja, não poderá enganar-se. Essa infalibilidade não diz respeito a dados geográficos, históricos ou científicos, a não ser na medida em que estas áreas do conhecimento humano coincidam com determinados temas de religião. Mas diz respeito à *fé* e à *moral*, isto é, a tudo aquilo que temos de crer e de fazer para atingir a Salvação.

Cristo referiu-se expressamente à inerrância quando afirmou, referindo-se à Igreja: *As portas do inferno não prevalecerão contra ela* (Mt 16, 18), e quando prometeu aos seus Apóstolos: *Eu estarei convosco* [isto é, com a sua Igreja] *todos os dias, até o fim do mundo* (Mt 28, 20).

A nossa inteligência diz-nos, pois, que é absolutamente razoável esperar que, pela sua própria natureza, a Igreja fundada por Cristo seja também por Ele assistida, isto é, seja infalível; além disso, como vimos, Cristo prometeu expressamente que a sua Igreja *seria* infalível; por fim, a Igreja Católica é a única igreja sobre a face da terra que efetivamente tem a ousadia de proclamar-se infalível. Ora bem, não estamos assim mais do que justificados em pensar que esta ousadia constitui uma nova prova da origem divina da nossa Igreja?

Mas há mais. Além de ser uma prova da divindade da Igreja Católica, essa infalibilidade, centrada no sucessor de São Pedro, o bispo de Roma, o Papa, é também o centro e a raiz dessa *unidade* que, como vimos, constitui a marca registrada da sua divindade. É precisamente porque nós, católicos, temos um guia competente, um guia digno de confiança, um guia *infalível*, na pessoa do representante visível de Cristo sobre a terra, é precisamente por isso que temos também a unidade na fé e a unidade nos Sacramentos.

Una na fé, una nos Sacramentos e una no governo: esta tríplice unidade é o selo de garantia que nos mostra a Igreja Católica como a *única* Igreja que corresponde à descrição feita pelo Senhor na sua oração: *Que todos sejam um, como tu, Pai, o és em mim, e eu em ti, que também eles sejam um em nós* (Jo 17, 21).

Não é raro hoje em dia que a Igreja Católica seja criticada pelo seu "autoritarismo", por ser governada "de cima", ao invés de ser governada "de baixo". Ora, a resposta é que a democracia é algo maravilhoso em matéria política; a vontade da maioria pode enganar-se de vez em quando, mas, na medida em que esses erros só costumam dizer respeito a assuntos temporais, geralmente podem ser corrigidos sem que o dano produzido seja irreversível. Mas quando o que está em jogo são os direitos de Deus, os deveres do homem para com Deus e a salvação eterna das almas, então não se pode admitir nem a menor margem de erro, porque nestas matérias os erros já não podem ser corrigidos. Por isso, no que diz respeito à fé e à moral, Deus preferiu tomar as rédeas, firme e diretamente, nas suas próprias mãos, através do seu representante, o Santo Padre, aliás também nomeado por Ele mesmo. E, para o caso de alguém ainda não estar convencido, basta pensar que, sendo infinito, Deus, sozinho, já *é maioria*...

# A VOZ DA SANTIDADE

## "É COMENDO QUE SE CONHECE O PUDIM"

Benjamin Franklin diz-nos, no *Poor Richard's Almanach*, que "é comendo que se conhece o pudim"... Mas Alguém muito mais sábio do que o nosso Ben havia dito o mesmo muitos séculos antes, ao afirmar: *Pelos seus frutos os conhecereis* (Mt 7, 16).

Não seria senão natural, portanto, que uma pessoa que estivesse à procura da verdadeira Igreja de Cristo fizesse este raciocínio: "Jesus Cristo é Deus e, por conseguinte, é infinitamente Santo. Devo portanto encontrar alguma evidência da santidade do seu Fundador na Igreja que Ele fundou, alguma prova de que o seu Espírito continua a atuar nela. São Paulo diz-nos: *Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação* (1 Tess 4, 3). Ora, se a única razão pela qual Cristo fundou uma Igreja é que esta conduzisse as pessoas à santidade, então o que tenho de procurar é alguma Igreja que realmente esteja levando a cabo essa tarefa".

Se tiver um mínimo de experiência da vida, essa pessoa não esperará que *todos* os membros da Igreja de Cristo sejam santos. O próprio Cristo comparou a Igreja a uma rede em que se apanham peixes bons

e maus, a um campo em que a cizânia cresce ao lado do bom trigo, a um banquete de casamento ao qual alguns convidados comparecem sem a veste nupcial. Mais ainda: o mesmo Mestre recordou aos fariseus que *os sãos não têm necessidade de médico, mas os enfermos. [...] Porque eu não vim chamar os justos, mas os pecadores* (Mt 9, 12). Portanto, enquanto os homens tiverem uma vontade livre, nunca deixará de haver quem faça o papel de Judas; onde há liberdade, também há pecado.

Estabelecidas estas ressalvas, continua de pé a exigência que fizemos: a Igreja que Cristo fundou e à qual presta a sua assistência tem de apresentar provas da presença do Senhor. Ora, com base nos fatos mais evidentes, a Igreja que manifesta da maneira mais visível e clamorosa as marcas da santidade de Cristo é sem dúvida a Igreja Católica.

Quem quer que tenha procurado informar-se acerca dela terá podido comprovar o incansável esforço com que procura instruir, persuadir e animar os seus membros a levar uma vida santa. Não se limita a propor uns quantos "pensamentos positivos" que nos encorajem a ser bondosos com os outros e a confiar em Deus. Uma e outra vez, insiste nos *direitos* de Deus e nos nossos *deveres* para com Ele, dos quais derivam também os nossos deveres para com o próximo e para conosco mesmos. Se a Igreja Católica não tivesse a responsabilidade de representar o próprio Cristo, poderia ver imensamente facilitada a sua tarefa: ser-lhe-ia tão fácil ignorar o tema do controle da natalidade ou aceitar o divórcio e o aborto! Ser-lhe-ia tão fácil desistir da sua luta em favor da educação cristã, ou fazer as pazes com o marxismo! A sua vida poderia ser muito mais tranqüila, e todos os seus atri-

tos com o mundo que a cerca poderiam desaparecer num abrir e fechar de olhos; bastaria apenas que deixasse de falar dessa coisa tão incômoda que é a santidade.

Mas a Igreja é incapaz de esquecer a pergunta do Senhor: *De que serve ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma?* (Mt 16, 26), e, por isso, palavras como *sacrifício*, *abnegação* e *até à morte* continuam a ressoar com tanta freqüência nos seus ensinamentos, e desempenham na vida dos seus membros um papel tão proeminente como o que teve a Cruz na vida do seu Fundador.

A Igreja já foi acusada de uma infinidade de coisas: de defender uma doutrina demasiado rígida, demasiado exigente, demasiado "intolerante". Mas, que eu saiba, nunca foi acusada de *não* ensinar uma doutrina santa, isto é, de induzir os homens ao mal, ao invés de exortá-los a buscar a santidade.

A melhor prova de que a marca da santidade de Cristo está presente na Igreja Católica é certamente a vida de centenas de milhares de homens e de mulheres de todo o mundo que pertencem a ela e que se esforçam por encarnar nas suas vidas a santidade que ela lhes pede. A santidade dessas pessoas, via de regra, é oculta e alcança graus muito variáveis. A sua luta diária por cumprir a Vontade de Deus costuma passar despercebida do grande público, e o seu heroísmo silencioso muitas vezes só tem Deus por testemunha. No entanto, são elas o fermento escondido na massa, que tudo permeia e que acaba por tornar Cristo visível ao mundo que Ele veio redimir.

Não há dúvida de que existe cizânia entre o trigo. Pode haver políticos católicos que aceitem suborno, comerciantes católicos que sejam desonestos, sindica-

listas católicos cujo único objetivo seja a autopromoção, empresários católicos avarentos e injustos. Talvez se encontre algum católico embebedado num bar, ou um pobre-coitado num prostíbulo. Mas tamanhos fracassos não são nada em comparação com a força de santidade profundamente arraigada que Cristo encontra na imensa maioria dos membros do seu Corpo Místico.

Pessoalmente, não conheço ninguém que se tenha convertido ao catolicismo *exclusivamente* por ter lido ou ouvido uma argumentação apologética; aliás, é por isso que não dou grande importância ao que escrevo. Mas conheço inúmeros convertidos ao catolicismo que começaram a interessar-se pela Igreja por causa da influência de algum amigo ou conhecido católico, cuja bondade simples e sem afetação os impressionou a fundo. É que a prova mais eficaz da origem divina da Igreja Católica reside ainda hoje na vida que você e eu levamos. E queira Deus que não o esqueçamos nunca.

## FARÓIS ACESOS SOBRE DISTANTES PROMONTÓRIOS

Em todo o mundo encontramos milhares e milhares de homens e mulheres que responderam da maneira mais radical ao chamamento de Cristo: *Vem e segue-me!* São os sacerdotes, os religiosos e as religiosas consagradas que renunciaram livremente, por amor de Deus, a fazer uso do maior dom corporal outorgado por Deus aos homens: o poder de procriar, o privilégio da paternidade. Mediante o voto de castidade perpétua, essas pessoas tornam-se disponíveis

para exercerem um privilégio ainda maior, o da paternidade *espiritual*, e assim colaboram com Cristo para estender o Reino dos Céus.

Como o seu amor é demasiado grande para contentar-se com a observância dos Mandamentos, esses homens e mulheres procuram viver também os *conselhos evangélicos*. Os sacerdotes seculares, dentro do marco da sua vocação, e os religiosos mediante votos, comprometem-se a viver, além da castidade, a pobreza e a obediência, e mediante essa tripla abnegação esforçam-se por dar livre curso à ação da graça nas suas vidas.

Dessas três virtudes, talvez a obediência seja a que envolve maior sacrifício. A felicidade proporcionada por um casamento cristão, ou a segurança que acompanha uma situação econômica desafogada, não chegam a ser nem de longe tão valiosos como o direito de fazer o que bem se entender da própria vida. Desde a criança que pergunta: "Mas *tenho mesmo* de fazê-lo?", até o adulto que murmura: "Na minha vida, sou *eu* quem manda", todos estamos continuamente a dar provas do imenso valor que atribuímos á nossa liberdade de escolha. Portanto, não é nada fácil colocar o leme da vida pessoal nas mãos de um bispo ou superior religioso.

No entanto, centenas de milhares de homens e mulheres que vivem essa virtude testemunham continuamente que é possível fazê-lo; e, a cada ano, milhares e milhares continuam a seguir-lhes o exemplo. Gostaria de enfatizar especialmente aqui que é somente na Igreja Católica que se produz este fenômeno. Apesar do grande valor que as outras igrejas cristãs atribuem ao Evangelho, nenhuma delas ousa ir tão longe no sentido de imitar o modo de vida do próprio

Cristo, e tomar os conselhos de pobreza, castidade e obediência ao pé da letra *.

Isto não significa, porém, que todos os sacerdotes, religiosos e religiosas levem efetivamente uma vida heróica. Eu, que sou sacerdote, tenho perfeita consciência de que é muito fácil resignarmo-nos a um modo de vida bastante afastado do ideal que nos propusemos. E também não significa que não haja uma infinidade de almas que levam uma vida heróica no mundo sem serem sacerdotes ou sem terem emitido quaisquer votos. Nós, sacerdotes e religiosos, sentimo-nos muitas vezes envergonhados ao encontrarmos leigos — solteiros ou casados — que atingiram uma grande perfeição espiritual. A santidade não está limitada às sacristias ou aos conventos.

No entanto, apesar de todas as lógicas ressalvas, o fato é que esperamos encontrar um reflexo nítido e visível da santidade de Cristo na Igreja que Ele fundou. Qualquer igreja cujos membros só com dificuldade se distingam dos pagãos ou dos ateus, pelo seu caráter ou pela vida que levam, com certeza está desprovida dessa santidade que é uma das marcas essenciais da verdadeira Igreja de Cristo. E a Igreja — a Igreja Católica — que, apesar de tudo, é capaz de apontar para esse imenso exército de homens e de

---

(*) É verdade que as igrejas ortodoxas, que são ramos separados do tronco da verdadeira Igreja, distinguindo-se basicamente por não aceitarem o primado do Papa, continuam a reconhecer o valor da vida monástica. Também é verdade que na *High Church* anglicana e na episcopaliana, que também se consideram "ramos" da verdadeira Igreja, encontramos alguns exemplos esparsos de comunidades religiosas. Mas são exceções que confirmam a regra: é precisamente pela sua proximidade, quer na sua origem, quer no seu espírito, com a Igreja de Roma, a Igreja de Pedro, que essas igrejas ainda dão valor ao elemento heróico na vida cristã.

mulheres que se dedicam por completo ao serviço de Deus e do próximo, tem sem dúvida o direito de proclamar: "Aqui está o dedo de Deus!" Um mundo incrédulo poderá recusar-se a aceitar essa prova; mas esse mesmo mundo incrédulo presta relutantemente a sua homenagem à abnegação de tantos sacerdotes e leigos, de tantos religiosos e religiosas católicos, ainda que essa homenagem às vezes se traduza apenas na obstinação com que os persegue.

Mas temos de dar ainda mais um passo, a fim de chegarmos à prova decisiva de que o Espírito de Cristo e a sua santidade continuam vivos na Igreja Católica: isto é, as vidas dos santos. Encontramos nela homens e mulheres, e freqüentemente crianças, que não foram somente pessoas *boas*, mas que se adiantaram por vezes vários quilômetros a todos os outros na corrida pela perfeição de vida. Os seus corações inflamaram-se tão completamente de amor por Deus que se assemelham a faróis acesos sobre promontórios distantes, a indicar-nos o caminho seguro.

São os mártires, os confessores e as virgens, os sacerdotes e religiosos, os leigos solteiros e casados, canonizados às centenas de milhares pela Igreja Católica. São Domingos e São Francisco, Santa Joana d'Arc e Santa Bernadete, São Tomás More e Santa Maria Goretti — quem será capaz de fazer uma lista completa dos seus nomes? E não se trata apenas de umas silhuetas difusas, a perderem-se entre as brumas de um passado remoto. A cada geração erguem-se novos santos, a cada ano canonizam-se muitos deles, e inúmeros homens e mulheres que vivem hoje terão um dia os seus nomes proclamados do alto da Cátedra de São Pedro, depois de terem a sua santida-

de confirmada pelos milagres que Deus terá realizado em seu favor.

Sem dúvida, encontraremos pessoas boas em todas as religiões e em muitas seitas *. Mas, por mais que estudemos a vida dos seus membros, nunca encontraremos nelas tamanha multidão de pessoas com uma vida tão semelhante à de Cristo, como encontramos nos santos da Igreja Católica.

---

(*) Cf. Apêndice II.

# UNIVERSAL NO TEMPO, NO ESPAÇO E NA DOUTRINA

## DOIS MIL ANOS DE HISTÓRIA ININTERRUPTA

Jesus Cristo não morreu cravado na cruz para salvar umas poucas almas privilegiadas, nem pretendeu limitar a sua graça e os seus ensinamentos aos seus contemporâneos, ou aos homens que vivessem nos séculos XVI ou XX. Não, o Redentor veio para salvar *todos* os homens de todas as gerações e de todos os países, enquanto houver almas para salvar.

Daqui se deduz, em boa lógica, que qualquer igreja que afirme ser a verdadeira Igreja de Cristo deva ser capaz de provar que tem *continuidade histórica*, isto é, que existe desde os tempos de Cristo até o minuto presente. Mais uma vez, existe apenas uma igreja — a Igreja Católica — capaz de reivindicar este título e de prová-lo mediante as páginas de qualquer livro de História.

Não precisamos recorrer a nenhum manual de História "católico" para encontrarmos essas provas. Qualquer texto que se atenha à mera descrição dos fatos mostrar-nos-á a continuidade ininterrupta da Igreja desde os tempos de Cristo até os nossos dias. Ao

longo das eras, vemos erguerem-se e desaparecerem as mais diversas heresias: no século quarto, o *arianismo* negou a divindade de Jesus Cristo; no quinto, o *pelagianismo* negou a existência do pecado original e a necessidade da graça. No século nono, o arcebispo Inácio recusou-se a dar a Sagrada Comunhão ao imperador bizantino Bardas, que vivia abertamente em pecado, e daí resultou o *Cisma do Oriente*, que viria a consumar-se definitivamente mais tarde, dando origem à igreja ortodoxa grega e, posteriormente, às outras confissões ortodoxas: russa, copta etc. Por entre todas essas tormentas, a Igreja Católica continuou a singrar com firmeza através dos séculos, como a barca de Pedro a cortar as ondas sobre o Mar de Tiberíades.

Depois veio o século XVI. No ano de 1517, um sacerdote católico chamado Martinho Lutero pregou as suas famosas *95 teses* na porta da catedral de Wittemberg, na Alemanha, e deu origem à primeira confissão protestante, a igreja luterana. Não dispomos aqui de espaço suficiente para discutir as razões da revolta de Lutero; não há dúvida de que havia, naquela época, muitos abusos que precisavam ser corrigidos. Mas a defecção de Lutero assemelhava-se à atitude de um homem que, para curar-se de uma persistente dor de cabeça, resolvesse cortar a própria cabeça...

Depois de Lutero ter dado origem à primeira igreja protestante, outros seguiram o seu exemplo em rápida sucessão. Na Inglaterra, o rei Henrique VIII estabeleceu a igreja anglicana em 1534, que nos Estados Unidos adotaria mais tarde o nome de episcopaliana. Na Escócia, John Knox fundou a igreja presbiteriana em 1557. Em 1541, Calvino estabeleceu em

Genebra a igreja calvinista, cujos adeptos franceses seriam conhecidos com o nome de huguenotes. Em 1608, John Smyth organizou na Holanda a igreja batista, e em 1729 John Wesley fundou na Inglaterra a igreja metodista... E assim por diante, numa interminável ladainha que se prolonga até os nossos dias num sem-número de seitas e divisões.

A questão é que todas essas confissões — as ortodoxas e as protestantes — passaram a existir como igrejas independentes somente muitos séculos depois de Cristo ter subido aos Céus. Durante todos esses séculos, houve somente uma única Igreja cristã: a Católica. Será que, durante todo esse tempo, todos os cristãos viveram e morreram no erro, com a permissão do próprio Cristo? Será razoável pensar que o mundo teve de esperar mil e quinhentos anos até que Martinho Lutero descobrisse o autêntico sentido original dos ensinamentos de Cristo?

O homem sincero, que busque a verdadeira Igreja de Cristo entre as inumeráveis confissões cristãs, aceitará sem dúvida o testemunho da História, que lhe demonstra sem margem de dúvida que a Igreja Católica é a Igreja fundada por Cristo. O Senhor fundou a sua Igreja para salvar *todos* os homens, e portanto a sua Igreja tem de ser aquela que existiu *desde o princípio*, pondo à disposição de cada uma das gerações sucessivas a sua doutrina e os seus sacramentos. E a História nos mostra que isto só se aplica à Igreja Católica.

Aliás, a nossa Igreja chama-se "Católica" justamente porque existe *para todos*. O adjetivo *católico* é, na verdade, uma palavra grega que equivale ao latim *universal*. Se abrirmos algum dicionário moderno, poderemos ler que "universal" significa que "abarca

toda a terra, estende-se a tudo ou a toda a parte; é comum a todos os homens; é aplicável a todos". Esta é, na verdade, uma descrição bastante aproximada do que a verdadeira Igreja deve ser: dirigida a todos os homens, em toda a parte. Foi no ano de 108 d.C. que, numa das suas cartas, o bispo mártir Santo Inácio de Antioquia aplicou pela primeira vez este qualificativo à Igreja cristã. E o nome passou a ser usado com freqüência cada vez maior pelas gerações seguintes, e tornou-se realmente necessário depois de Lutero, para indicar a distinção entre a Igreja Católica e as outras confissões cristãs.

Como a verdadeira Igreja de Cristo, pela sua mesma natureza, tem de estar presente em *todas* as épocas, estender-se a *todas* as nações e ensinar *todas* as verdades reveladas por Jesus Cristo, dizemos que a *catolicidade* ou *universalidade* é um dos sinais distintivos da verdadeira Igreja. "Universal no tempo, universal no espaço e universal na verdade": com os seus quase dois mil anos de história ininterrupta, a Igreja Católica — e somente a Igreja Católica — tem o direito de proclamar que é verdadeiramente católica, verdadeiramente universal quanto ao tempo.

## O "DENOMINADOR COMUM" DO MUNDO INTEIRO

Na Alemanha, um cristão será católico ou luterano. Na Grã-Bretanha, será católico, anglicano, metodista ou presbiteriano. Na França, será católico ou calvinista. Na Holanda, Noruega, Suécia ou Dinamarca, será católico ou pertencerá a alguma igreja reformada ou evangélica. Na Rússia, poderá ser católico

ou ortodoxo. Na Espanha e em Portugal, na Itália e em toda a América Latina, quase sempre será católico. Por fim, na Índia, na China ou no Japão, os cristãos relativamente pouco numerosos que há ali serão católicos ou adeptos de alguma seita americana recém-fundada.

Esta rápida vista de olhos pelo globo terrestre mostra-nos que há apenas uma única Igreja que constitui por assim dizer o "denominador comum" do mundo inteiro. Há apenas uma única Igreja que pode ser encontrada em toda a parte: a Católica.

Sabemos que Cristo veio salvar todos os homens. Não veio estabelecer uma igreja alemã, outra inglesa, outra holandesa. Veio estabelecer uma Igreja que ultrapassasse todas as barreiras de raça e de nacionalidade, uma Igreja que pudesse sentir-se perfeitamente em casa em toda a parte, e uma Igreja em que todos os homens pudessem sentir-se em casa. Veio estabelecer uma Igreja católica, uma Igreja universal. Se as últimas palavras que o Senhor dirigiu aos Apóstolos antes da Ascensão — *Ide, pois, e ensinai todas as gentes* (Mt 28, 19) — tinham algum significado, era *isto* o que significavam.

Portanto, se um dos sinais distintivos necessários da verdadeira Igreja de Cristo é estar presente em todas as partes do mundo, e se a Igreja Católica é a única que possui essa característica de *universalidade no espaço*, então mais uma vez a nossa razão se verá forçada a concluir: "Esta Igreja, a Igreja Católica, universal no espaço e universal no tempo, tem de ser a Igreja fundada por Cristo".

Mas a universalidade da Igreja tem ainda uma outra faceta. Além de existir ininterruptamente desde o século I, além de ter cumprido o mandato de pre-

gar o Evangelho a todos os povos, a verdadeira Igreja de Cristo tem também de ensinar todas as verdades que o próprio Cristo ensinou. Isto é, deve ser *universal também quanto à doutrina*, não somente quanto ao espaço ou ao tempo.

Este terceiro aspecto da universalidade da Igreja Católica talvez não seja tão evidente como os outros dois. No entanto, quem quer que conheça um pouco de história da religião, saberá que todas as confissões protestantes nascidas depois de 1517 começaram por negar alguma das verdades afirmadas pela Igreja desde os primeiros séculos.

Martinho Lutero, por exemplo, decidiu que a única coisa necessária para salvar-se era a fé em Cristo Redentor; e, ao fazê-lo, rejeitou a antiga verdade de que o homem pode e deve *esforçar-se* pessoalmente por chegar ao céu. E como o Apóstolo Tiago afirma com toda a clareza na sua Epístola que *a fé, se não tiver obras, é morta em si mesma* (Ti 2, 17), excluiu essa Epístola da versão luterana da Bíblia. Quer seja verdade ou não que Lutero tenha dito: "Peca fortemente, mas crê mais fortemente", o fato é que essas palavras resumem bastante bem a sua posição. Por isso, evidentemente, teve de suprimir o Sacramento da Penitência, a Santa Missa e inúmeras outras práticas religiosas, condenando-as como superstições desprovidas de valor.

John Knox, o fundador do presbiterianismo, fez da doutrina da predestinação o ponto central do seu credo. Esta doutrina afirma que Deus decidiu desde toda a eternidade quem irá para o Céu e quem não, de modo que nada do que façamos poderá mudar um ápice o nosso destino. Isto evidentemente nega a antiga doutrina católica segundo a qual as nossas ora-

ções, as nossas boas obras e a recepção dos sacramentos nos fazem efetivamente crescer em graça e em mérito diante de Deus. A não ser que tenhamos a certeza íntima de pertencermos ao grupo dos que estão "salvos", afirma Knox, não pode haver esperança para nós.

Estes dois exemplos demonstram-nos suficientemente que, via de regra, os fundadores das diversas igrejas protestantes, apesar de em geral estarem imbuídos de boas intenções, simplesmente tiraram determinada verdade cristã do seu contexto e atribuíram-lhe uma importância desmedida, deixando de lado outras verdades cristãs igualmente importantes e necessárias para o equilíbrio e a harmonia do conjunto. Martinho Lutero tinha toda a razão ao afirmar que é imprescindível crer em Cristo Redentor; mas estava errado ao dizer que basta a fé para nos salvarmos. John Knox estava certo ao afirmar que Deus sabe quem irá para o Céu e quem não; mas estava errado ao dizer que o conhecimento que Deus tem de um evento é o que faz esse evento acontecer.

Se o nosso pesquisador desprovido de preconceitos procurar retraçar passo a passo todas as verdades cristãs até as suas origens, descobrirá que somente a Igreja Católica preservou, guardou e transmitiu integramente de geração em geração *todas* as verdades que Cristo ensinou e os Apóstolos pregaram. Somente nela — na Igreja estabelecida por Cristo — é que se encontra *tudo* o que Cristo ensinou e *somente* o que Ele ensinou.

Universal no tempo, universal no espaço, universal nos seus ensinamentos: este é o sinal da universalidade que Cristo imprimiu à sua Igreja. E é por isso que lhe damos o nome de *Católica.*

# IGREJA DOS APÓSTOLOS

## DE CRISTO ATÉ NÓS, PASSANDO PELOS APÓSTOLOS

Por que será que os católicos não chamam aos seus pastores "pregadores" ou "ministros"? Afinal de contas, o sacerdote católico é na verdade um pregador, se cumprir com o seu dever de comentar a Palavra de Deus durante a Santa Missa; e é também um ministro — a palavra "ministro", na sua origem, significa "servo" — quando serve em nome de Cristo as almas que lhe estão confiadas, por exemplo ao administrar-lhes os Santos Sacramentos.

Mas o clérigo católico é muito mais do que um simples pregador ou ministro, porque, além de falar do púlpito, administrar os Sacramentos e servir o seu rebanho de diversas formas, *oferece um sacrifício em nome de Cristo*: o Santo Sacrifício da Missa. Por isso, recebe o nome de *sacerdote*, isto é, "aquele que oferece um sacrifício".

Quando um protestante é constituído *ministro*, converte-se simplesmente num representante oficial da sua igreja, e passa a estar oficialmente autorizado a pregar o Evangelho e a encarregar-se de uma determinada congregação de fiéis. Não ocorre nele ne-

nhuma mudança real, já que não recebe nenhum poder que antes não tivesse.

Pelo contrário, quando um católico recebe o Sacramento da Ordem, realiza-se nele uma grande mudança, porque recebe um poder maravilhoso que antes não tinha: o poder de converter o pão e o vinho no Corpo e no Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo; o poder de pronunciar as palavras mediante as quais o nosso Redentor renova constantemente o oferecimento que fez de si mesmo ao Pai quando morreu na Cruz. É *este* poder que transforma um homem num sacerdote.

Este poder foi transmitido, sem perda de continuidade, de Cristo aos seus Apóstolos, e destes a todos os sacerdotes de hoje. Foi na Última Ceia que Cristo ordenou sacerdotes os seus Apóstolos. Depois de Ele mesmo ter convertido o pão e o vinho no seu Corpo e no seu Sangue, celebrando assim a primeira Missa, pronunciou as palavras pelas quais uns homens recebiam, pela primeira vez na história, o Sacramento da Ordem: *Fazei isto em memória de mim*. Com essas palavras, impunha-lhes a obrigação de realizar essa mesma ação sagrada em perpétua memória dEle; e, com esse mandato, conferia-lhes também implicitamente o poder de cumpri-lo, o poder de fazer aquilo que Ele mesmo acabava de fazer.

Qualquer sacerdote católico de hoje, se tivesse o tempo e o dinheiro necessários para semelhante pesquisa, poderia estabelecer a linha ininterrupta que une o seu sacerdócio ao do próprio Cristo. Digamos que um certo padre José da Silva foi ordenado sacerdote pelo bispo Dom João da Mata há vinte anos; este foi sagrado bispo na década de cinqüenta por Dom Pedro Silveira, que por sua vez recebeu o episcopa-

do de Dom Antonio de Matos em princípios do século. O nosso hipotético pe. José, ao fazer a sua pesquisa, provavelmente teria de percorrer as principais sés episcopais, revirando os poeirentos arquivos das respectivas cúrias, até chegar a Dom Manoel da Nóbrega, que foi nomeado bispo da primeira sé brasileira, a da Bahia, em 1552; daí teria que passar a Portugal e, remontando de bispo em bispo, chegar a Roma, onde acabaria finalmente por estabelecer a conexão com São Pedro e, através dele, com o próprio Cristo.

Em teoria, pelo menos, é possível fazê-lo; na prática, nem sempre é tão fácil assim, porque, ao longo destes quase dois mil anos, não faltaram incêndios e enchentes, guerras e catástrofes, em que pereceram inúmeros documentos. Mas o que interessa ressaltar aqui é que o poder vinculado ao sacerdócio foi transmitido de maneira *direta e contínua* de Cristo, através dos Apóstolos, até os bispos e sacerdotes atuais. Como uma corrente de ouro que liga entre si as contas de um rosário, o Sacramento da Ordem vincula entre si todas as sucessivas gerações de bispos e sacerdotes, ligando-as todas com Cristo.

Isto é o que queremos dizer — pelo menos é parte do que queremos dizer — ao afirmarmos que a Igreja Católica é *apostólica*. Tal como os reis de outrora tinham de apresentar provas do seu sangue real para poderem aspirar ao trono, assim também qualquer igreja que aspire ao título de autêntica Igreja de Cristo tem de demonstrar que descende direta e legitimamente dos Apóstolos. Noutras palavras, a apostolicidade é outro sinal distintivo da verdadeira Igreja de Cristo — e esse sinal, só o encontramos na Igreja Católica.

*Quem vos ouve, a mim me ouve* (Lc 10, 16), diz o

Senhor aos Apóstolos, e as suas palavras continuam a ecoar ao longo dos séculos. Somente a Igreja da qual emanam o poder e a autoridade dos Apóstolos é que tem o direito de falar de Cristo.

## "IGREJA OU BÍBLIA?"

"Mostre-me tudo isso na Sagrada Escritura, e eu acreditarei em você", poderá dizer-nos algum amigo não-católico. "Não creio em nada que não esteja escrito na Bíblia", dir-nos-á outro. "Nenhuma igreja vai dizer-me em que devo acreditar; só a Bíblia me basta", afirmará ainda um terceiro. E não é raro que tenhamos que ouvir, dirigidas contra nós, acusações como esta: "Os católicos não lêem a Bíblia. São obrigados a acreditar em tudo o que lhes contam os padres".

Quando nos vemos diante de afirmações deste tipo, e se a pessoa que as faz realmente deseja conhecer a verdade, e não simplesmente discutir pelo gosto de auto-afirmar-se, há alguns pontos que poderemos esclarecer-lhe. Provavelmente, ainda não lhe ocorreu enfrentar-se com algumas perguntas elementares.

Em primeiro lugar, poderemos perguntar-lhe como é que ele sabe que a Bíblia é a Palavra de Deus. Não há nenhuma passagem na própria Sagrada Escritura que o afirme explicitamente. Desde sempre, a única garantia que possuímos de que a Bíblia é um livro inspirada por Deus é... a palavra da Igreja Católica. Quem não crê na Igreja Católica não tem a menor razão para crer nas Escrituras. Foi a Igreja Católica que reuniu pacientemente, durante o primeiro sé-

culo depois da vinda de Cristo, os escritos autênticos dos Apóstolos e discípulos do Senhor. Foi a Igreja Católica que os separou cuidadosamente dos textos "apócrifos", isto é, das epístolas e evangelhos falsamente atribuídos a um Apóstolo ou discípulo do Senhor, muitas vezes escritos por pessoas bem-intencionadas e dotadas de grande capacidade imaginativa, mas desprovidas da assistência divina. Foi a Igreja Católica que catalogou e pôs em ordem os livros que constituem o Novo Testamento, e os acrescentou aos livros inspirados do Antigo Testamento, redigidos pelos antigos patriarcas, profetas e historiadores do povo judeu. Por fim, foi a Igreja Católica que, depois de ter feito tudo isso, declarou solenemente: "Estas e somente estas são as Sagradas Escrituras; esta é a Palavra de Deus".

Ora bem, a primeira igreja protestante nasceu mil e quinhentos anos depois de Cristo. Quando Lutero proclamou que a Escritura era a *única* fonte da verdade cristã, estava na verdade incorrendo numa contradição: por um lado, pretendia negar a Tradição católica; por outro, tinha de aceitar essa mesma Tradição, por ser ela a única fonte que lhe assegurava ser a Bíblia a Palavra de Deus...

Em segundo lugar, poderemos perguntar ao nosso amigo protestante: Se Cristo desejava que nos guiássemos por um Livro, e somente por esse Livro, por que razão recomendou tantas vezes aos seus Apóstolos: *Ide e pregai*, ou *Ide e ensinai*? Por que não lhes disse: "Ide e escrevei"? Com efeito, se é somente na Bíblia que encontramos a Palavra de Deus, que dizer dos primeiros cristãos? Será que não eram cristãos? Porque, na verdade, os Evangelhos e Epístolas somente começaram a ser escritos vários anos depois da As-

censão do Senhor aos Céus. E que dizer dos cristãos que viveram durante os mil e quatrocentos anos anteriores à invenção da imprensa, em que as Bíblias eram muito raras e tinham de ser copiadas à mão? Como podiam essas pessoas salvar a sua alma sem dispor de Bíblias para ler? E que dizer de todos esses nossos contemporâneos que não sabem ler? Será que o Céu lhes está fechado porque a Bíblia é para eles um livro fechado?

Portanto, os católicos crêem na Sagrada Escritura e em cada palavra contida nela — crêem que é um livro inspirado pelo próprio Deus —, mas crêem também na Palavra Viva, na voz igualmente inspirada da Igreja que Cristo fundou, e que tem a responsabilidade de interpretar a Bíblia em nome do Senhor. Aliás, a própria Escritura nos previne acerca da facilidade com que incorrem em erro os que tentam interpretá-la guiados unicamente pelo espírito próprio. Na sua segunda Epístola, São Pedro, referindo-se às Cartas de São Paulo, afirma: *Há nelas algumas coisas difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes adulteram (como também as outras Escrituras) para a sua própria perdição* (2 Pe 3, 16) *. Com perdão da repetição: é a própria Bíblia que o diz!

Os católicos crêem na Bíblia, mas crêem também em outras coisas: crêem em *tudo* o que Cristo ensinou, em *tudo* o que os Apóstolos pregaram, mesmo que não tenha sido posto por escrito na Sagrada Escritura. Se reuníssemos todas as palavras do Senhor registradas pelos Evangelistas, e todas as suas frases

---

(*) Na mesma Epístola (2 Pe 1, 20), São Pedro afirma taxativamente que *nenhuma profecia da Escritura é de interpretação particular* (N. do E.).

recolhidas nas Epístolas — bem, talvez o Senhor não levasse mais de dois dias para pronunciá-las todas. Será que isso é tudo o que disse durante os seus três anos de ensino e pregação? Ou será que passou todo esse tempo a repeti-las constantemente? Deixemos que seja o Apóstolo São João quem nos dê a resposta, com as palavras que põe no final do seu Evangelho: *Muitas outras coisas há que Jesus fez, as quais, se se escrevessem uma por uma, creio que nem no mundo todo poderiam caber os livros que seria preciso escrever* (Jo 21, 25).

Os católicos crêem, por isso, que há dois canais através dos quais nos chega a Verdade divina: a *Sagrada Escritura*, tal como é interpretada pelo representante vivo de Cristo, que é a Igreja; e a *Tradição*. A Tradição consiste simplesmente naquele conjunto de verdades que foram ensinadas por Cristo e pregadas pelos Apóstolos, mas não foram recolhidas nos Evangelhos nem nas Epístolas. Essas verdades vêm sendo transmitidas de geração em geração pela Igreja, que as guarda cuidadosamente como um tesouro. Aliás, a sua principal responsabilidade, diante de Deus, consiste precisamente em custodiar e transmitir-nos (quer saibamos ler, quer não) o *conjunto total* das Verdades reveladas por Cristo.

A Igreja nunca nos manda crer em determinada afirmação — isto é, nunca "define um dogma" — sem ter a mais absoluta certeza de que a verdade que nos propõe foi defendida e ensinada pelos próprios Apóstolos, ou pelo menos deriva diretamente dos seus ensinamentos. A Igreja Católica não pode nem nunca poderá ensinar uma doutrina *nova*. Com a morte do último Apóstolo (São João), deixou de haver novos ensinamentos: nesse instante, Deus acabou de dizer

tudo o que tinha a dizer-nos; a sua Revelação à humanidade encerrou-se nesse momento.

A Igreja fundada por Cristo tem de ser uma Igreja *apostólica*. Ou seja, tem de possuir os poderes espirituais que Cristo confiou aos seus Apóstolos; tem de ensinar *todas* as verdades que os Apóstolos pregaram. Historicamente, só existe uma Igreja dotada de todas as credenciais necessárias para garantir-lhe a apostolicidade: a *Igreja Católica*.

# Apêndice I

# QUE DEUS É ESSE?

## QUEM É DEUS?

Numa recente pesquisa de opinião, realizada entre adeptos de todas as religiões, formulou-se a seguinte pergunta a um número muito grande de pessoas: "Você acredita em Deus?" Os resultados certamente foram muito gratificantes: mais de 99% das pessoas religiosas afirmaram que criam em Deus... Mas, ao ler esses resultados, uma pequena e incômoda dúvida insinuou-se na minha mente: "*Que tipo* de Deus será esse em que todas essas pessoas dizem acreditar?" Perguntar a uma pessoa se crê em Deus é mais ou menos como perguntar-lhe se considera boa a democracia. Praticamente todo o mundo responderá que sim. Mas o conceito que um maoísta tem da democracia provavelmente será bastante diferente do de um liberal...

Muita gente tem apenas uma idéia muito vaga de Deus; consideram-no "alguma espécie de Poder Superior a nós". Outros pensam que é um Poder cego e impessoal, totalmente alheio ao Universo a que deu

origem, mais ou menos como um barbeiro que vai deixando cair as aparas de cabelo dos seus clientes. Outros ainda consideram-no simplesmente como o conjunto de todas as forças que compõem o Universo, mais ou menos como um prédio composto pela somatória de todas as suas vigas, lajes e tijolos. E há também aqueles para quem Deus não passa de um Ideal, um ideal que representa o melhor de que a humanidade é capaz, a perfeição que ela deveria tentar atingir.

Poderíamos enumerar ainda outras representações de Deus. O que interessa reter aqui é que, ao perguntarmos a alguém se acredita em Deus, precisamos perguntar-lhe também o que quer dizer quando responde afirmativamente. Mesmo que ambos concordemos na aparência, na realidade podemos estar falando de coisas completamente diferentes.

Em contrapartida, a idéia que nós, os católicos, temos de Deus é razoavelmente clara. Na verdade, costuma ser clara para quem quer que seja capaz de somar dois mais dois e obter como resultado quatro. Partimos da idéia, derivada das evidências que podemos observar no mundo que nos rodeia, de que Deus é o Princípio de todas as coisas, a Causa Primeira de tudo quanto existe, e é em si mesmo Incausado, isto é, não depende de nada nem de ninguém para existir. Existir, portanto, é algo que pertence à própria natureza de Deus. Deus é *por si mesmo*, e não deve a sua existência a nada nem a ninguém. Quando Moisés pediu a Deus que se definisse a si mesmo, recebeu esta resposta: *Eu sou aquele que sou*. Noutras palavras, em sentido absoluto, não existe nada a não ser Deus; todas as outras coisas existem somente na medida em que Ele quer que existam. Todas são cau-

sadas por Ele, e não têm uma existência independente dEle, tal como a luz do dia não tem uma existência independente do sol.

Espero que o leitor me perdoe esta argumentação, que parece conduzir-nos às estratosferas da intelectualidade; o que pretendia era chegar, através de um atalho tomado de empréstimo à filosofia, à conclusão de que Deus é o Ser *Infinito*. Como nada pode existir, a não ser que exista em Deus, não há nada que possa ser acrescentado a Deus. Se algo existisse fora dEle, de onde teria vindo? Se não existisse primeiramente *em* Deus, simplesmente não existiria.

Para dizê-lo de outra maneira, *Deus tem tudo*; ou, como dizem os filósofos, "Deus tem a plenitude do ser". Ora, é precisamente isto o que pretendíamos expressar ao dizer que Deus é *infinito* ou *infinitamente perfeito*. Qualquer coisa que possamos imaginar, já se encontrava antes em Deus, que é a sua causa; caso contrário, não conseguiríamos sequer imaginá-la. Portanto, Deus é ilimitado, infinito, infinitamente perfeito.

A razão ajuda-nos a dar mais um passo, e mostra-nos que Deus tem de ser Espírito. Todo e qualquer *corpo*, toda e qualquer coisa material, está composta de partes, o que por sua vez significa que alguma coisa tem de manter unidas essas partes. Ora, nenhum ser corporal poderia unir entre si as partes que o compõem, pela simples razão de que não chega sequer a existir enquanto as suas partes não estiverem unidas. Afirmar o contrário seria um contra-senso, tal como dizer que você pode erguer-se acima do chão puxando-se pelos cadarços dos seus próprios sapatos.

Portanto, se Deus fosse um ser corporal, poderíamos perguntar-nos: "E quem uniu as diversas partes

que o compõem?" A resposta, evidentemente, seria *ninguém*, uma vez que Deus é a Causa de tudo o que existe, e nada pode existir fora dEle. Portanto, como Deus não tem "componentes", Deus é o que os filósofos chamam um Ser *simples*, um Ser *imaterial*; e é a isto que damos o nome de *espírito*.

Mais um pouco: se Deus é, pela sua natureza, indiviso e indivisível, a rigor não podemos dizer que "tem" alguma coisa, apesar de, algumas linhas acima, eu ter dito que "Deus tem tudo". Pelo fato de ser um Ser simples, dotado de uma perfeita Unidade, a rigor somente podemos dizer que "é" alguma coisa. Ou seja: Deus não *tem* sabedoria, Deus *é* a Sabedoria; Deus não *tem* poder, Deus *é* o Poder Supremo, o Todo-Poderoso; Deus não *tem* misericórdia, Deus *é* a Misericórdia.

Pois bem, se você conseguiu suportar até aqui estas explicações — e na verdade tenho a incômoda sensação de ter condensado de maneira excessivamente breve um raciocínio que ocuparia páginas e mais páginas de qualquer manual de teologia racional ou teodicéia —, se você conseguiu acompanhar-me até aqui, perceberá que imenso conteúdo está condensado naquela minúscula pergunta do Catecismo: "Quem é Deus? Deus é um espírito puro e infinitamente perfeito".

## TEMPO E ETERNIDADE

Na minha juventude, quando algum parque de diversões ambulante chegava à cidade, o meu maior anseio era visitar o "globo da morte". Para o caso de você não conhecer essa geringonça, tratava-se de

uma espécie de gigantesca "banheira" redonda, em cujo interior uma meia dúzia de motociclistas davam voltas e mais voltas nas paredes quase verticais, parecendo desafiar a lei da gravidade. Nós, que tínhamos pago a entrada, assistíamos ao espetáculo do alto de uma plataforma lateral, e não tínhamos dificuldade em saber qual desses motociclistas estava na frente e qual atrás. Mas, para uma pessoa que se encontrasse no centro do "globo", não faria sentido afirmar que este ou aquele motociclista estava na frente ou atrás, pois em cada instante todos se encontrariam à mesma distância da sua cabeça.

Pois bem, o tempo, tal como o conhecemos — os segundos, minutos, horas, dias, meses e anos que vêm transcorrendo desde o começo do universo e continuarão até o fim do mundo —, assemelha-se bastante às paredes do "globo da morte", pelo menos com relação a Deus. Deus é como esse homem que "está no centro"; todos os momentos do tempo estão a igual distância dEle. Para Ele, o presente não se encontra mais próximo que o passado, e o futuro não está mais distante que o presente. *Todo* o tempo — passado, presente e futuro — está presente diante dEle, por assim dizer comprimido nesse único e infinito instante a que chamamos *Eternidade*.

Não é fácil compreender a idéia de Eternidade. Sabemos que Deus é eterno: "Sempre existiu e sempre existirá", diz-nos o Catecismo. Também a razão nos confirma que Deus é Eterno, é um Ser sem começo e sem fim, já que existir é a sua própria natureza. Se tivesse havido um tempo — pouco importa se há muitos ou poucos bilhões de anos — em que Deus não existiu, então Ele não seria Deus. Se pudéssemos dizer que houve um momento em que Deus *começou* a

ser, então deveria ter sido feito por Outro, e esse Outro é que seria Deus. O Ser que é a causa de tudo o que existe, que não tem causa e existe por si mesmo, não pode ter tido um começo; e como Ele *tem de existir* por força da sua própria natureza, também não pode ter fim. Tal como uma planta tem de crescer por força da sua natureza; tal como um animal tem de mover-se por força da sua natureza; tal como um homem tem de pensar por força da sua natureza —, assim Deus, pela sua própria natureza, *tem de ser.*

Mas o fato de Deus ser eterno não significa que Ele exista *durante um tempo ilimitado,* mesmo que às vezes pensemos assim. Na realidade, o tempo não tem mais relação com a eternidade que um prato de feijão com a lei da relatividade. O tempo, segundo a definição dada pelos filósofos, é "a medida da mudança". Nascimento, crescimento, declínio e morte; reações químicas e transformações atômicas; oxidação e corrosão; progresso ascendente e descendente; luz e escuridão e calor e frio — o tempo é apenas o instrumento com o qual se medem essas coisas, é uma propriedade do universo material, existe somente na medida em que essas coisas existem. "Antes" de Deus criar o universo material, não existia tempo; e quando o universo material retornar ao nada do qual Deus o criou, o tempo deixará de existir.

A eternidade é simplesmente um perpétuo *agora.* Poderíamos dizer que é um "único instante", aguçado como a ponta de uma agulha, se essa palavra não tivesse o sabor de algo temporal. Seja como for, na eternidade não há *duração,* não há algo que continua e continua, não há passado nem futuro. Tudo está contido nesse *agora* que abarca tudo.

A estas alturas, provavelmente nos sentiremos co-

mo se tivéssemos passado algumas horas a dar cabeçadas contra a parede. É que todos os conceitos da nossa mente e todas as palavras do nosso vocabulário foram desenvolvidos para lidar com a experiência que temos *deste* mundo. Quando procuramos utilizar os nossos padrões de pensamento humano e as nossas palavras humanas para compreender Deus e a Natureza divina, encontramo-nos na situação de um escultor que tentasse esculpir uma estátua num bloco de mármore lançando mão de um palito de dentes e de um garfo, ao invés de usar marreta e cinzel, ou de um artista que tentasse pintar um retrato com uma escova de barbear e graxa de sapatos.

Ou seja, quando falamos de Deus e das coisas de Deus, simplesmente não dispomos de instrumentos adequados para fazê-lo. Isto não significa que tudo o que pensemos de Deus e digamos a seu respeito seja falso. Significa apenas que, na melhor das hipóteses, o nosso conhecimento de Deus será imperfeito enquanto não o virmos *tal como é*. Significa que, apesar de a nossa limitada razão ser capaz de contar-nos muita coisa acerca de Deus, nunca poderá contar-nos a história toda. Se o nosso limitado intelecto criado fosse capaz de conter toda a realidade de Deus, Deus não poderia ser infinito. A nossa mente é tão incapaz de compreender Deus na sua plenitude como uma garrafa de Coca-Cola de conter o Oceano Pacífico.

## IMENSO E IMUTÁVEL

Os astrônomos, esses homens que gostam de estudar os planetas e estrelas, têm uma teoria segundo a qual o Universo se encontra em expansão. Os seus

estudos parecem demonstrar que as galáxias se afastam umas das outras a velocidades estonteantes. Ora, quanto mais se afastarem umas das outras, maior terá de ser o Universo, isto é, mais espaço terá de haver, porque o espaço é algo que não existe enquanto não houver alguma coisa que o ocupe.

Tal como o tempo não passa da medida da mudança nas coisas criadas, o espaço é simplesmente a medida da extensão das coisas materiais. Estritamente falando, não existe "espaço vazio". Quando utilizamos esta expressão, costumamos esquecer que, na verdade, esse espaço está ocupado por algum elemento material, pelo oxigênio e nitrogênio do ar ou pelos átomos da matéria inter-estelar. Se ultrapassássemos os "limites do Universo", não haveria espaço; se não houver alguma coisa material que possa ser confinada e medida, simplesmente deixa de haver espaço.

Tenho a impressão de que nenhuma ciência deveria inspirar tanta humildade aos que a cultivam como a astronomia. Os astrônomos não medem as distâncias em quilômetros, mas em "anos-luz". Um ano-luz é a distância que a luz percorre em um ano: quase nove e meio *trilhões* de quilômetros! Quando um astrônomo nos diz com toda a naturalidade que tal ou qual galáxia está a uma distância de uns poucos milhões de anos-luz, sentimo-nos esmagados pela incomensurável grandeza do poder criador de Deus. E vislumbramos também, de passagem, quantas surpresas não estarão à nossa espera no Céu. Quem sabe se não encontraremos ali as almas de alguns desses famosos e tão procurados "extra-terrestres", dessas criaturas racionais que viveram em algum planeta que deixou de existir há bilhões de anos, ou que

haverão de viver daqui a alguns milhões de anos nalgum outro que ainda se encontra em formação?

Semelhantes especulações não têm lá muita importância prática para nós, a não ser na medida em que nos ajudam a reduzir o nosso ego ao seu devido tamanho. Mas a idéia de espaço, das imensas dimensões do espaço, vem-nos involuntariamente à cabeça sempre que consideramos esse atributo de Deus chamado *imensidade*. Convém deixar claro desde já que a palavra "imensidade", quando é aplicada a Deus pelos filósofos e teólogos, não tem nada a ver com espaço, tamanho ou dimensões. Hoje em dia, "imenso" não passa de um sinônimo de "grande"; mas originariamente significava algo *que não podia ser medido*, e este sentido foi conservado no vocabulário filosófico-teológico; "incomensurável" talvez seja a tradução moderna mais apropriada.

O fato de Deus ser *imenso* neste sentido, de ser incomensurável, deriva do fato de ser infinito. Infinito é aquilo que não tem limites de nenhuma espécie. Deus é totalmente alheio a todo o tipo de medida ou limite. O espaço pode ser medido, mas Deus não pode ser medido. Mesmo que pudéssemos levantar uma cerca ao redor do Universo inteiro, não poderíamos dizer que "apanhamos Deus no interior dessa cerca". Assim como o tempo é a medida da mudança, o espaço é a medida da extensão; quando o universo material deixar de existir, deixará de haver tanto o espaço como o tempo.

Isto não significa que não possamos dizer: "Deus está aqui". Na verdade, Ele *está* aqui. Está em toda a parte. O que é difícil de compreender é que *Deus inteiro esteja em cada ponto do Universo*. Não é que uma parte de Deus esteja aqui, e outra nalgum lugar

diferente. Deus está total e inteiramente presente no quarto em que escrevo estas linhas, e ao mesmo tempo está total e inteiramente presente em Tóquio, no Japão.

Mais uma vez voltamos a perceber como é difícil falar de Deus com exatidão. Só dispomos para isso de palavras humanas com significados humanos, e as palavras humanas são miseravelmente insuficientes quando as aplicamos à divindade. Dizemos, por exemplo, que "Deus está irritado com o pecador", quando na verdade Deus não pode irritar-se de maneira alguma. A irritação é uma mudança de humor na pessoa que se irrita, uma mudança na sua atitude diante de alguma coisa ou diante de alguém. Ora, Deus não pode mudar. Qualquer mudança implica uma transformação, uma transformação que torna a pessoa melhor ou pior do que era antes. Mas Deus é infinitamente perfeito e, portanto, não pode tornar-se melhor. Pela sua natureza, também não pode deixar de ser infinitamente perfeito; portanto, também não pode piorar.

Quando dizemos que "Deus está irritado", estamos simplesmente usando uma figura de linguagem. Se um homem peca, a atitude de Deus para com ele não se altera nem por um instante; *foi a atitude desse homem para com Deus que mudou.* O amor infinito de Deus por ele continua a ser exatamente o mesmo tanto antes como depois do seu pecado; o que aconteceu foi que esse homem se pôs fora do alcance do amor divino. A situação é bastante semelhante à do sol, que continua a brilhar, mesmo quando determinada pessoa se coloca deliberadamente sob a sombra de uma árvore, onde a luz não o pode alcançar.

Dizer: "Deus está irritado com o pecador" é, pois,

usar um "atalho verbal", exprimir numas poucas palavras, compreensíveis para nós, seres humanos, algo que exigiria diversos parágrafos se fosse expresso de maneira precisa e científica. Não há nada de errado em lançar mão dessas metáforas ao falar de Deus; Ele mesmo as emprega com freqüência na Sagrada Escritura. O importante é que *nós* não esqueçamos que se trata de figuras de linguagem, e não de expressões rigorosamente exatas da realidade. Muitas das nossas assim chamadas "tentações contra a fé" derivam de nos termos esquecido deste fato tão simples.

## "MAS ENTÃO..."

"Se Deus é absolutamente imutável, que sentido tem rezar-lhe? Se Ele decidiu desde toda a eternidade tudo o que acontecerá, não serei eu que o farei mudar de idéia. Se, por exemplo, eu estiver doente, Deus já decidiu se hei de recuperar-me ou não; portanto, é pura perda de tempo rezar pela minha cura!"

Certamente já ouvimos alguém fazer comentários deste tipo. Talvez nós próprios os tenhamos surpreendido a insinuar-se no nosso íntimo, e os tenhamos afastado rapidamente como "tentações contra a fé". Ou, o que é mais provável, talvez tenhamos completado o raciocínio por nós mesmos e encontrado a resposta certa.

A resposta encontra-se evidentemente num outro atributo divino: Deus não apenas é eternamente imutável, mas dispõe de um conhecimento infinito, ou seja, é *onisciente*. Como é infinitamente perfeito, como nada existe à margem dEle, simplesmente não po-

diferente. Deus está total e inteiramente presente no quarto em que escrevo estas linhas, e ao mesmo tempo está total e inteiramente presente em Tóquio, no Japão.

Mais uma vez voltamos a perceber como é difícil falar de Deus com exatidão. Só dispomos para isso de palavras humanas com significados humanos, e as palavras humanas são miseravelmente insuficientes quando as aplicamos à divindade. Dizemos, por exemplo, que "Deus está irritado com o pecador", quando na verdade Deus não pode irritar-se de maneira alguma. A irritação é uma mudança de humor na pessoa que se irrita, uma mudança na sua atitude diante de alguma coisa ou diante de alguém. Ora, Deus não pode mudar. Qualquer mudança implica uma transformação, uma transformação que torna a pessoa melhor ou pior do que era antes. Mas Deus é infinitamente perfeito e, portanto, não pode tornar-se melhor. Pela sua natureza, também não pode deixar de ser infinitamente perfeito; portanto, também não pode piorar.

Quando dizemos que "Deus está irritado", estamos simplesmente usando uma figura de linguagem. Se um homem peca, a atitude de Deus para com ele não se altera nem por um instante; *foi a atitude desse homem para com Deus que mudou.* O amor infinito de Deus por ele continua a ser exatamente o mesmo tanto antes como depois do seu pecado; o que aconteceu foi que esse homem se pôs fora do alcance do amor divino. A situação é bastante semelhante à do sol, que continua a brilhar, mesmo quando determinada pessoa se coloca deliberadamente sob a sombra de uma árvore, onde a luz não o pode alcançar.

Dizer: "Deus está irritado com o pecador" é, pois,

usar um "atalho verbal", exprimir numas poucas palavras, compreensíveis para nós, seres humanos, algo que exigiria diversos parágrafos se fosse expresso de maneira precisa e científica. Não há nada de errado em lançar mão dessas metáforas ao falar de Deus; Ele mesmo as emprega com freqüência na Sagrada Escritura. O importante é que *nós* não esqueçamos que se trata de figuras de linguagem, e não de expressões rigorosamente exatas da realidade. Muitas das nossas assim chamadas "tentações contra a fé" derivam de nos termos esquecido deste fato tão simples.

## "MAS ENTÃO..."

"Se Deus é absolutamente imutável, que sentido tem rezar-lhe? Se Ele decidiu desde toda a eternidade tudo o que acontecerá, não serei eu que o farei mudar de idéia. Se, por exemplo, eu estiver doente, Deus já decidiu se hei de recuperar-me ou não; portanto, é pura perda de tempo rezar pela minha cura!"

Certamente já ouvimos alguém fazer comentários deste tipo. Talvez nós próprios os tenhamos surpreendido a insinuar-se no nosso íntimo, e os tenhamos afastado rapidamente como "tentações contra a fé". Ou, o que é mais provável, talvez tenhamos completado o raciocínio por nós mesmos e encontrado a resposta certa.

A resposta encontra-se evidentemente num outro atributo divino: Deus não apenas é eternamente imutável, mas dispõe de um conhecimento infinito, ou seja, é *onisciente*. Como é infinitamente perfeito, como nada existe à margem dEle, simplesmente não po-

de haver nada que Ele não saiba, isto é, não pode haver verdade alguma fora dEle.

Uma vez que conhece todas as coisas, Deus conhece também aquilo que nós chamamos "futuro". Portanto, desde toda a eternidade, sabia quais seriam as orações que haveríamos de rezar, os sacrifícios que faríamos, as boas obras que realizaríamos. Desde o princípio — isto é, desde toda a eternidade —, Deus levou em consideração todos os movimentos da nossa vontade humana, e por assim dizer "ajustou os seus planos" de conformidade com eles. Portanto, quando me dirijo a Ele na oração, não lhe faço nenhuma surpresa; não o obrigo a reconsiderar ou a introduzir uma súbita mudança nos seus planos. Desde toda a eternidade, Ele previu a oração que lhe dirigiria, e desde toda a eternidade preparou a resposta para ela.

"Ah", respondemos, "e se *eu* mudar de opinião no último momento, e decidir que, afinal de contas, não vou rezar essa oração? Que é que Deus fará então?" No mesmo momento em que formulamos essa pergunta, damo-nos conta de como é tola. Evidentemente, desde toda a eternidade Deus também sabia que eu mudaria de opinião no último instante, e levou-o em conta. Não podemos ser mais "espertinhos" do que Deus.

"Está bem, está bem. Deus sabe tudo. Sabe o que farei amanhã, e no mês que vem, e no ano que vem. Mas se Ele sabe o que vai acontecer, é porque isso *tem* de acontecer. Então, que é feito da minha assim chamada liberdade? Pouco importa o que eu faça, Deus já o previu; para que devo então continuar tentando ser bom, cumprir a sua Vontade, etc.?..."

Esta é uma linha de raciocínio que já enganou mui-

ta gente; mas a nós não nos enganará. O erro consiste em confundir o *conhecimento* que Deus tem de determinada coisa com a *decisão* divina acerca da sua realização. As coisas não acontecem porque Deus sabe que vão acontecer. Na verdade, dá-se exatamente o inverso: Deus as conhece porque vão acontecer. Mesmo quando nos movemos exclusivamente no plano das coisas humanas, nunca dizemos que determinado evento tinha de acontecer *porque* sabíamos que ia acontecer.

Tomemos um exemplo. Se eu estiver parado numa esquina, e vir dois carros que se aproximam a alta velocidade do cruzamento pelas duas perpendiculares, posso *saber* perfeitamente o que acontecerá: haverá um choque terrível. Mas a colisão não será *causada* pelo meu conhecimento; será causada unicamente pela trágica irresponsabilidade dos dois motoristas. Da mesma forma, não posso nunca justificar-me de um pecado dizendo: "Deus já sabia que eu ia pecar; portanto, não pude deixar de cometê-lo". Foi precisamente porque *eu decidi* pecar que Deus sabia que eu pecaria; mas o seu conhecimento não foi causa do meu pecado.

"Muito bem, concedido; mas se Deus conhece tudo, desde toda a eternidade, então também sabia que Adão e Eva pecariam, e os homens que viessem depois também. Por que, então, não nos fez de tal maneira que *não pudéssemos* pecar? Ou, pelo menos, por que não cria apenas aquelas pessoas das quais *sabe* que serão boas, e deixa de criar as más?"

Para respondermos a esta pergunta, teremos de recordar *por que* Deus nos fez. Na verdade, já a discutimos num outro capítulo. Basta relembrar aqui que Deus nos criou para sermos eternamente felizes

com Ele no Céu. E para sermos felizes com Ele no Céu, exige-se apenas uma única coisa de nós: que o amemos aqui e agora. É o amor que dá olhos à alma, para que possa ver a Deus. Sem amor por Ele, seríamos incapazes de vê-lo no Céu, tal como uma pessoa sem olhos é incapaz de enxergar o mundo que a cerca. Sem amor, não teríamos mais possibilidade de ser felizes no céu do que um porco de ser feliz numa loja de perfumes.

Mas nesta vida não podemos amar se não formos *livres*. O amor não pode ser arrancado à força. Um pai não ganhará o amor do seu filho ameaçando espancá-lo se não o amar. Joana não conquistará o amor de João encostando-lhe um revólver no estômago enquanto murmura entre dentes: "Ou você me ama ou abro tamanho rombo em você que por ele poderá passar uma jamanta". O amor, ou é um dom livre e gratuito, ou não é amor.

Portanto, podemos dizer que Deus teve de fazer a sua escolha: podia criar-nos, criar o gênero humano, mesmo sabendo que alguns de nós abusaríamos da liberdade para ofendê-lo; ou então, podia simplesmente não nos criar. Nunca lhe agradeceremos suficientemente o fato de ter preferido criar-nos apesar de tudo, apesar daqueles que, como Ele bem sabia, lhe recusariam o seu amor; porque seriam muitos os que *corresponderiam* ao seu Amor e alcançariam o Céu.

# Apêndice II

# QUEM VAI PARA O CÉU?

## "FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO"

Em alguma parte deste livro eu disse que "encontraremos pessoas boas em todas as religiões e em muitas seitas". Muito naturalmente, essa afirmação levar-nos-á a formular a seguinte pergunta: "Pode-se ir para o Céu sem ser católico?" Sabemos muito bem que a resposta é "Sim", mas não nos fará mal rever alguns dos princípios envolvidos nessa questão.

Em primeiro lugar, precisamos ter em conta este princípio: *Fora da Igreja não há salvação*. Isto significa que não irá para o Céu quem, *por culpa própria*, não seja católico. Afinal de contas, Cristo não fundou a sua Igreja só para exercitar, por assim dizer, os seus músculos espirituais; e também não pretendia fundar uma espécie de "clube de campo" espiritual, ao qual se poderia ou não pertencer de acordo com o capricho do momento.

Cristo estabeleceu a sua Igreja como um prolongamento visível dEle próprio no tempo, como um meio

de unir os homens a si, como uma instituição através da qual pudesse fazer-nos chegar a sua Verdade e a sua graça. Ou seja, é Vontade positiva, isto é, clara e expressa, de Deus que *todos os homens pertençam à Igreja que Ele fundou.*

Um católico que tenha renegado a sua fé não pode, portanto, alimentar esperanças de ir para o Céu. Quando Deus outorga o dom da fé a alguém, não o revoga nunca. Ninguém perde a fé a não ser por culpa própria — pela sua própria negligência, descaso ou revolta. Um ex-católico que já não crê deixou de corresponder, em algum momento, à graça que Deus lhe oferecia. Houve algum ponto, nessa história da sua desintegração espiritual, em que ele optou positivamente por seguir a sua própria vontade, de preferência à de Deus. Como cortou dessa forma todas as amarras que o prendiam a Cristo na sua Igreja, cortou também todos os laços através dos quais Cristo teria podido puxá-lo consigo para a vida eterna. Sempre lhe resta, porém, a possibilidade de retornar a Cristo antes do fim.

Da mesma forma, quem não seja católico, mas reconheça que a Igreja Católica é a verdadeira Igreja fundada por Cristo, não pode esperar ir para o Céu a menos que aceite o dom da fé que Deus lhe oferece. Se, tendo reconhecido a Verdade Suprema, se nega a aceitá-la ou lhe volta as costas, não haverá nenhum outro caminho pelo qual possa salvar a sua alma.

Por fim, um não-católico que sinta no seu íntimo o aguilhão da dúvida; que comece a suspeitar que a Igreja Católica talvez seja a Igreja fundada por Cristo; que perceba que deveria estudar mais a fundo a questão e procurar informar-se melhor se é nela que

se encontra a Verdade — se essa pessoa não der atenção aos estímulos de Deus, e deixar de corresponder a essa graça inicial que Deus assim lhe comunica, então também para ela não haverá nenhum outro caminho de salvação fora da Igreja.

Estes são, pois, os três casos aos quais se aplica em todo o seu rigor o princípio "fora da Igreja não há salvação": o do católico que já tenha recebido o dom da fé e, caso venha a perdê-lo, só o perca por culpa própria; o do não-católico que tenha consciência da divindade da fé católica; e o do não-católico que pelo menos suspeite que a Igreja Católica é a Igreja de Cristo.

## "DEUS QUER QUE TODOS OS HOMENS SE SALVEM"

O segundo princípio a ter em conta é este: *Deus quer que todos os homens se salvem*. Isto significa, muito simplesmente, que Deus dá a todos os homens graças suficientes para chegarem ao Céu. Em outras palavras, ninguém se perde a não ser por culpa própria. Deus recompensará todos aqueles que procurem corresponder da melhor maneira que possam à graça que Ele lhes outorgou, pois não nos pede impossíveis.

Em conseqüência, um protestante, um judeu ou um maometano que estejam sinceramente convencidos de que a sua religião é a religião verdadeira, e que façam tudo o que podem para viver de acordo com o que ela lhes pede, estão dando o melhor de si, e ninguém pode exigir-lhes mais; Deus os recompensará de acordo com os seus esforços. A atitude in-

terior de uma pessoa dessas é: "Quero fazer tudo o que Deus me pede, seja o que for". A única razão pela qual não são católicos é que se encontram em estado de "ignorância invencível", isto é, numa ignorância que não deriva de nenhuma culpa pessoal. As suas intenções são retas; o que lhes falta é a oportunidade de conhecerem a Verdade plena.

Todos conhecemos alguns metodistas, luteranos, presbiterianos ou batistas; muitos deles são, moralmente falando, *pessoas excelentes*. Mesmo que lamentemos sinceramente o fato de se encontrarem no erro, e, enquanto rezamos por eles para que cheguem à verdade, não deixaremos de admirar a sinceridade, a integridade e as virtudes que manifestam; e esperamos voltar a vê-los conosco no Céu. Um verdadeiro católico jamais alimenta a menor intolerância para com as *pessoas*, jamais tolera em si o menor ódio religioso.

Mas o fato permanece intangível: o Caminho de Salvação estabelecido por Cristo é necessariamente o melhor, mais seguro e mais rápido. Existem protestantes bons, como existem maus católicos; mas em nenhuma igreja a santidade pessoal atinge tais alturas como na Igreja fundada por Cristo; em nenhuma outra igreja a bondade moral se encontra tão difundida, e a salvação é tão certa. Graças aos inúmeros dons que Cristo outorgou à sua Igreja — a Santa Missa, os Sacramentos, a plenitude da Verdade —, o "bom católico" desfruta de vantagens absolutamente incomparáveis em relação a qualquer "bom não-católico".

# ÍNDICE


INTRODUÇÃO ..... 7
O cristão e o descrente ..... 7
As razões da nossa esperança ..... 11

DEUS EXISTE? ..... 15
Do nada, nada se cria ..... 15
Razão, ordem e evolução ..... 18

QUE É O HOMEM? ..... 22
Criação ou evolução? ..... 22
Animal... racional ..... 24

IMORTAL E LIVRE ..... 29
Que vem a ser um "espírito"? ..... 29
Inteligência e vontade ..... 32

POR QUE DEVO TER UMA RELIGIÃO? ..... 37
A lei natural ..... 37
Dar a Deus o que é de Deus ..... 40

COMO COMEÇOU A RELIGIÃO? ..... 44
Fatos e mitos ..... 44
Razão e revelação ..... 47

PESANDO AS EVIDÊNCIAS ..... 51
Como reconhecer o "dedo de Deus"? ..... 51
O "manual de instruções" ..... 54

SERÃO POSSÍVEIS OS MILAGRES? ..... 59
As "credenciais" de Deus ..... 59
As "credenciais" de Cristo ..... 63

CRISTO PROCLAMA A SUA DIVINDADE ..... 67
O testemunho do Senhor ..... 67
Um farsante, um lunático ou... Deus ..... 70

O MAIOR DE TODOS OS MILAGRES ..... 74
Cristo morreu realmente? ..... 74
*Meu Senhor e meu Deus!* ..... 78

CRISTO FUNDOU UMA IGREJA? ..... 82
Isso é tudo? ..... 82
A promessa de Cristo ..... 85
Alicerce e Pastor ..... 88

O DESENVOLVIMENTO DA IGREJA ..... 91
Um milagre histórico ..... 91
A "Constituição" da Igreja ..... 94

A UNIDADE INDICA O CAMINHO ..... 99
Uma igreja é tão boa como a outra? ..... 99
Unidade na fé ..... 103

UM SÓ ALTAR, UMA SÓ CABEÇA ..... 107
O mundo inteiro é a nossa casa ..... 107
Um guia de confiança ..... 110

A VOZ DA SANTIDADE ..... 114
"É comendo que se conhece o pudim" ..... 114
Faróis acesos sobre distantes promontórios ..... 117

UNIVERSAL NO TEMPO, NO ESPAÇO E NA DOUTRINA ..... 122
Dois mil anos de história ininterrupta ..... 122
O "denominador comum" do mundo inteiro ..... 125

IGREJA DOS APÓSTOLOS ..... 129
De Cristo até nós, passando pelos Apóstolos ..... 129
"Igreja ou Bíblia?" ..... 132

Apêndice I - QUE DEUS É ESSE? ..... 137
Quem é Deus? ..... 137
Tempo e eternidade ..... 140
Imenso e imutável ..... 143
"Mas então..." ..... 147

Apêndice II - QUEM VAI PARA O CÉU? ..... 151
"Fora da Igreja não há salvação" ..... 151
"Deus quer que todos os homens se salvem" ..... 153

CRISTO FUNDOU UMA IGREJA? ..... 82
Isso é tudo? ..... 82
A promessa de Cristo ..... 85
Alicerce e Pastor ..... 88

O DESENVOLVIMENTO DA IGREJA ..... 91
Um milagre histórico ..... 91
A "Constituição" da Igreja ..... 94

A UNIDADE INDICA O CAMINHO ..... 99
Uma igreja é tão boa como a outra? ..... 99
Unidade na fé ..... 103

UM SÓ ALTAR, UMA SÓ CABEÇA ..... 107
O mundo inteiro é a nossa casa ..... 107
Um guia de confiança ..... 110

A VOZ DA SANTIDADE ..... 114
"É comendo que se conhece o pudim" ..... 114
Faróis acesos sobre distantes promontórios ..... 117

UNIVERSAL NO TEMPO, NO ESPAÇO E NA DOUTRINA ..... 122
Dois mil anos de história ininterrupta ..... 122
O "denominador comum" do mundo inteiro ..... 125

IGREJA DOS APÓSTOLOS ..... 129
De Cristo até nós, passando pelos Apóstolos ..... 129
"Igreja ou Bíblia?" ..... 132

Apêndice I - QUE DEUS É ESSE? ..... 137
Quem é Deus? ..... 137
Tempo e eternidade ..... 140
Imenso e imutável ..... 143
"Mas então..." ..... 147

Apêndice II - QUEM VAI PARA O CÉU? ..... 151
"Fora da Igreja não há salvação" ..... 151
"Deus quer que todos os homens se salvem" ..... 153

ESTE LIVRO ACABOU DE SE
IMPRIMIR A 08 DE DEZEMBRO DE
1992 NA GRÁFICA DE EDIÇÕES
PAULINAS, À VIA RAPOSO
TAVARES, KM 18,5, EM
SÃO PAULO, SP.

A grande mentira do nosso tempo talvez seja a convicção bastante difundida de que a felicidade ou a realização da pessoa dependem de uns conhecimentos científicos ou técnicos. Perverteu-se a *sabedoria*, identificando-a com saberes exteriores ao homem; e o resultado é uma sociedade de perpétuos descontentes e insatisfeitos, continuamente empenhados na busca de falsos valores e continuamente desiludidos por eles. A *sabedoria do cristão*, em contrapartida, é a sabedoria do homem autêntico, que sabe que a serenidade e a paz só se encontram no conhecimento das realidades definitivas: Deus; a alma; a Salvação trazida por Cristo, Deus Encarnado; e a Igreja, como instrumento dessa Salvação.

Neste livro, Leo Trese, autor dos "best-sellers" *A fé explicada* e *Não vos preocupeis*, mostra como se harmonizam com a razão as verdades mais basilares da nossa fé, permitindo-nos ao mesmo tempo descobrir a riqueza escondida na simplicidade das perguntas do Catecismo. "Deus existe?", "Que é o homem?", "Por que ter uma religião?", "Existem milagres?", "Cristo era Deus?", "A Igreja é mesmo de origem divina?" — estas são apenas algumas das questões tratadas nesta obra, no estilo ameno e agradável, rico em episódios concretos e casos práticos, do conhecido sacerdote americano.

Termina-se a leitura com a convicção clara de que a *sabedoria cristã* não é um saber alambicado, reservado a especialistas ou iniciados; é, pelo contrário, um saber acessível a todos, baseado na razão e no senso comum mais sólidos, um saber que ilumina e fortalece a nossa fé. Longe de ser um simplório ou um crédulo, o cristão é o homem que sabe o que quer e por que o quer: está sempre preparado, na bela frase de São Pedro, a *dar as razões da sua esperança a todo aquele que lhas pedir*.